

# OS OUTROS SAXÕES

Imagens da Alemanha na literatura popular eduardiana

Antonio Manuel Bernardo Lopes

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Departamento de Estudos Anglo-Portugueses da  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da  
Universidade Nova de Lisboa

Faro

1996



*Índice*

<i>Agradecimentos</i>	<i>iv</i>
<i>Preâmbulo</i>	<i>v</i>
PRIMEIRA PARTE	1
<i>Primeiro Capítulo: Escrever Ficção /</i>	
Pré-escrever a História	2
SEGUNDA PARTE	28
<i>Segundo Capítulo: Relações entre</i>	
a Grã-Bretanha e a Alemanha, 1897-1914	29
<i>Terceiro Capítulo: "The best walls a city can have"</i>	57
TERCEIRA PARTE	78
<i>Quarto Capítulo: "Heorot"</i>	79
<i>Quinto Capítulo: "Grendel"</i>	104
<i>Sexto Capítulo: "Beowulf"</i>	127
<i>Conclusão: Os guardiões do Templo</i>	150
<i>Bibliografia</i>	153

## *Agradecimentos*

Apesar de uma certa reclusão a que um trabalho desta natureza obriga, a sua prossecução jamais seria possível sem a atenção e a boa vontade pessoas e instituições.

Por isso, gostaria de agradecer, primeiramente, ao meu orientador, Prof. Doutor Filipe Furtado, cujo constante incentivo, a inteira disponibilidade e os valiosos conselhos se revelaram imprescindíveis para a elaboração e conclusão da presente tese. Pela amizade e pelo empenho, a minha gratidão.

Expresso igualmente o meu reconhecimento ao Prof. Dr. Carlos Ceia não só por ter colocado à minha disposição alguns dos títulos patentes na bibliografia, mas também por me ter reconduzido aos recantos mais estimulantes da teoria da literatura actual.

A Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve concedeu-me dispensa de serviço, graças à qual me foi permitida uma dedicação mais exclusiva ao trabalho e à preparação das provas. Por isso, estou-lhe agradecido.

Também à Faculdade de ciências Sociais e Humanas estou obrigado por me ter prorrogado o prazo de entrega da dissertação.

À Bettina Vermilis e à Barbara Muschalla, por me terem auxiliado na aquisição de artigos e livros publicados na Alemanha, os meus mais sinceros agradecimentos.

Também gostaria de deixar aqui uma palavra de apreço muito especial à Maria Margarida, à Maria Manuela, e à minha mulher, que, desinteressadamente e com algum sacrifício de tempo, me auxiliaram na revisão e correcção do texto.

A D. Lurdes do Departamento de Estudos Anglo-Portugueses, soube sempre superar algumas dificuldades de ordem administrativa que iam surgindo. Pela prontidão e amabilidade com que me atendeu, a minha estima.

À minha família, pelo constante encorajamento e pela paciência com que soube esperar pelo fim da dissertação.

## *Preâmbulo*

Múltiplos conflitos têm dilacerado a história do século XX. Desde a longínqua Guerra Boer - que marcou para a Grã-Bretanha uma entrada traumatizante no novo século - até ao vergonhoso processo de «limpeza étnica» na ex-Jugoslávia (algo que, para muitos, ainda possui algumas ressonâncias da *Endlösung* nazi e que está demasiado próximo da consciência europeia para ser silenciado ou ignorado), a busca e a tentativa de imposição do poder adquiriu formas e proporções de tal ponto grotescas que se chegou a temer, durante esse confronto mudo que foi Guerra Fria, o extermínio da humanidade. A ciência e a tecnologia puseram finalmente à disposição do político e do estratega instrumentos de morte em massa que alteraram por completo não só as regras da política internacional, como ainda as representações ideológicas do poder e do inimigo.

Não se trata de um mero acaso que a Europa tenha sido ao longo do século que agora finda palco privilegiado dessa disputa de poderes. Os nacionalismos exaltados, a soberba imperialista e a voragem territorial à escala do globo tornaram o legado ideológico e político de oitocentos num fardo excessivamente pesado para ser suportado por muito mais tempo. Em 1914 irrompia a Grande Guerra - a primeira que, tal como preconizara H. G. Wells, não se limitaria a um número restrito de nações beligerantes nem se circunscreveria a um espaço delimitado, mas que, pelo contrário, arrastaria consigo as principais potências mundiais. Como se não bastasse, um quarto de século mais tarde, o fenómeno repetir-se-ia e a face moral do Velho Continente seria de novo brutalmente escalavrada.

Se actualmente é possível pensar e imaginar (mau grado algumas reticências) uma Europa de políticas concertadas democraticamente e de Aparelhos de Estado que procuram, num esforço consensual, erigir um poder trans-nacional que permita um novo protagonismo no mundo, isso não poderá jamais obliterar o quanto ela já estivera dividida, não só política como também ideologicamente. Como que perpetuando a memória dessa cisão passada, e

alimentada por uma desconfiança já crônica, a Grã-Bretanha tem tentado desde sempre demarcar-se do entusiasmo europeísta.

Se se quiser determinar os contornos do relacionamento (por vezes fricativo) deste país com o continente, então impõe-se ao estudioso da cultura britânica, como uma das tarefas mais prementes, procurar deslindar as raízes de tal desconfiança insular no seio da história contemporânea. A nação alemã tem sido, de todas as potências continentais, não só aquele interlocutor com o qual esse relacionamento se tem revelado o mais polémico, mas também a que mais marcou a experiência e o imaginário do povo britânico desde o início do século. As *rêveries* de Guilherme II e de Adolf Hitler constituíram, indubitavelmente, a mais dura prova à política externa de Londres e o mais terrível pesadelo para a consciência colectiva. Não deixa, pois, de ser pertinente analisar de que modo a Grã-Bretanha aprendeu a lidar com a constante ameaça alemã ao seu espaço físico e social.

É nesse contexto que ganha sentido um olhar sobre a literatura popular eduardiana enquanto instrumento ideológico privilegiado para a divulgação e consolidação das representações do poder (e do não-poder) junto das massas. Na realidade, vários foram os escritores, mormente os de ficção, que procuraram alertar o leitor quanto ao perigo para a supremacia britânica advindo da constante pressão política, militar e económica exercida pelo crescente império alemão. Isso tornou-se particularmente visível em subgéneros que, de uma forma mais ou menos explícita, espelhavam as tensões políticas do momento: o spy thriller, cuja acção tinha lugar nos bastidores da política internacional e à margem dos grandes centros de decisão (aqui representado pelo texto seminal de Erskine Childers, *The Riddle of the Sands* [1903] e, ainda, por *The Thirty-nine Steps* [1915] de John Buchan); a *invasion novel*, onde o próprio território nacional era tornado vítima da voragem alienígena (*The Invasion of England* [1906] de William Le Queux e *The War in the Air* [1908] de H. G. Wells); e a *occupation novel*, onde se imaginavam cenários de uma vivência a meias com o inimigo opressor (e o caso da singular narrativa de Saki, *When William Came* [1913]). Também a *adventure novel*, apesar de a alimentar uma postura muito mais agressiva face ao “outro”, possui iminentes um quadro de valores e um conjunto de representações do alemão que não podem ser de todo relegados para segundo plano. Os dois textos de

Anthony Hope - *The Prisoner of Zenda* e *Rupert of Hentzau* - são disso casos significativos. Uma vez que foram escritos um pouco antes das crises internacionais que grassaram ao longo da primeira década do século (em 1894 e 1898, respectivamente), apresentam em termos gerais a figura do alemão a uma luz algo mais favorável do que a dos textos produzidos posteriormente. A sua inclusão no corpus justifica-se porquanto lhes está subjacente um desejo de identificação, senão mesmo de fusão, com o povo alemão que não mais se manifestaria na literatura popular ulterior. As narrativas de Hope encontram-se informadas, ainda que subliminarmente, da busca de uma ancestralidade comum a ambos os povos, de uma consanguinidade que os tornaria, inconscientemente embora, cúmplices na conquista do poder na Europa e no mundo.

Foi tendo em atenção tal desejo de identificação que, para intitular e epigrafar cada um dos capítulos da terceira parte deste trabalho (onde e entabulada a análise das obras), se recorreu a um texto do século VIII que testemunha, de certa forma, o quanto a *Britannia* anglo-saxónica ainda se sentia culturalmente ligada aos restantes povos germânicos. Em *Beowulf*, poema onde se encontram sedimentados muitos dos valores da tradição guerreira germânica, o herói epónimo é confrontado, tal como sucede em muitas das narrativas em causa, com oponentes de traços inumanos, bestiais até, que tentam levar a cabo a aniquilação de uma comunidade invadindo e destruindo o seu espaço - oponentes que, ao buscarem o sofrimento de uma nação irmã, carregam, tal como Caím, antepassado de Grendel, o estigma do fratricídio.

Não está aqui em causa, é certo, determinar o valor estético das obras, nem tão-pouco encetar uma apologia dos meritos literários dos respectivos autores. Pretende-se, isso sim, ver, através de uma análise intertextual e, em particular, através da confrontação das axiologias presentes nas diferentes narrativas, até que ponto as figurações do próprio grupo e da alteridade são estabelecidas por aquelas mesmas balizas ideológicas que irão mais tarde legitimar a declaração de guerra da Grã-Bretanha ao seu vizinho teutónico em Agosto de 1914.

Para uma melhor definição de tais balizas, há que ter em conta os condicionalismos político-militares e económicos que temperaram as relações bilaterais anteriores a essa data. Uma vez que as representações do poder devem muito ao modo como este é de facto exercido, não se torna possível abordar as obras atrás referidas sem as contextualizar na conjuntura política e económica do momento. Construir os sentidos de textos tão devedores da ideologia dominante e ao mesmo tempo pobres na sua plurivocidade<sup>1</sup> implica remetê-los constantemente para o real extralinguístico que lhes serve de referente. Por esse motivo, na segunda parte, apresentar-se-á. para além de um estudo relativo às atitudes militaristas no seio da opinião pública britânica, uma resenha do modo como se processaram as relações anglo-germânicas entre 1897 e 1914.

A vertente político-ideológica da literatura popular eduardiana tem vindo a ser, embora esporadicamente, alvo da atenção de vários autores. Um dos mais significativos foi, sem dúvida, Samuel Hynes que, em 1968, via publicado um seu trabalho versando a mentalidade eduardiana. Num dos capítulos («The Decline and Fall of Tory England»<sup>2</sup>) afluía alguns dos títulos a serem aqui analisados, preocupando-se sobretudo em registar as reacções que suscitavam junto da sociedade e dos meios políticos, sem, contudo, se deter mais exaustivamente nos modos como os textos estavam estruturados por forma a moldar o inconsciente político do leitor. Cate Haste, nove anos depois, publicava *Keep the Home Fires Burning*, estudo relativo à propaganda durante a Grande Guerra e onde um capítulo inteiro era dedicado aos genes da propaganda anti-germânica<sup>3</sup>. A referência episódica a uma ou outra das narrativas fica-se apenas pelo acessório, sendo utilizada como uma simples ilustração, entre muitas outras, dos mecanismos de divulgação ideológica em operação no universo cultural eduardiano. Seria necessário esperar mais alguns anos até que David Stafford, num artigo publicado em *Victorian Studies*, dedicasse uma atenção especial à produção e circulação, no virar do século, de algumas das narrativas, especialmente as de espionagem. Mas a excessiva preocupação em se ater a um único subgénero, procurando

---

<sup>1</sup> Paul Ricoeur distingue a plurivocidade, que é própria do texto, da polissemia que caracteriza certas palavras individuais. V. P. Ricoeur, 1995 122.

<sup>2</sup> S. Hynes, 1968: 29-53.

<sup>3</sup> V. C. Haste, 1977: 5-19.

delimitar assim de forma coerente o seu corpus de análise, impediu-o de abordar narrativas de outra natureza veiculadoras dos mesmos conteúdos ideológicos. Além disso, porque o que estava essencialmente em causa eram os estereótipos literários do espião em geral, as representações da alteridade não se restringiam exclusivamente ao espião alemão<sup>4</sup>. Em 1987, Cecil D. Eby, com *The Road to Armageddon*, perspectivaria intergenericamente a literatura popular britânica de pendor militarista, abrangendo o seu estudo um período de quase meio século - desde a publicação de *The Battle of Dorking* (1871) de George T. Chesney até ao ano em que deflagraram as hostilidades. Embora foque muitas das obras que aqui vão ser tratadas, o olhar que nos oferece da literatura germanófila e intermitente; uma vez que Eby divide o seu estudo em termos da produção literária de certos autores e segundo temas não coincidentes com o do presente trabalho, as referências à Alemanha e ao alemão surgem entrecortadas por análises de textos contemplativas de outras preocupações.

É com base na tentativa de se conferir um nexos ideológico a tal literatura germanófila que o presente estudo foi empreendido.

---

<sup>4</sup> V. D. Stafford, 1981.

# PRIMEIRA PARTE

## *Primeiro Capítulo*

### Escrever Ficção / Pré-escrever a História

*[...] todas as obras dessa espécie se me afiguram ser a destruição da inteligência dos ouvintes, de quantos não tiverem como antídoto o conhecimento da sua verdadeira natureza.*

Platão, *A República*, Livro X, 595b.

Oscilando entre a figuração negativa do «outro» e a ficcionalização da sua própria identidade nacional, entre a manifestação discursiva das fobias colectivas e a tentativa de se antecipar textualmente ao percurso inexorável da História, o presente *corpus* de narrativas que nos propomos analisar constitui, por si só, um exemplo paradigmático do modo como a representação ideológica (na sua acepção althusseriana) que uma sociedade tem da sua própria hegemonia internacional se plasma de uma forma obsessiva na produção literária dita «popular». Seria, não obstante, errado pressupor que subjacente aos procedimentos metodológicos adoptados para este estudo estivesse a noção de que os géneros considerados «populares», porque destinados à consciência colectiva que Goldmann chamaria ideológica<sup>5</sup>, mais não seriam do que um mero reflexo distorcido, no sentido marxista, da ideologia dominante. Igualmente incorrecto seria dizer que os textos apenas se manifestariam evanescente e inconsequentemente no tecido social como produtos que não perdurariam para além de uma breve recepção passiva e acrítica. Se se optasse por tal noção, estar-se-ia a enveredar por um percurso analítico linear ao longo do qual as narrativas ficcionais seriam vistas

---

<sup>5</sup> L. Goldmann, 1978: 281.

tão-somente como um objecto determinado mecanicamente por uma causa que lhe seria anterior e exterior, um artefacto textual que teria emergido enquanto simples resultado de um conjunto de circunstâncias históricas favoráveis à sua produção. Equacionar deste modo a presença do literário no social implicaria subordinar irremediavelmente qualquer leitura crítica a um processo de detecção dos mecanismos textuais de distorção da verdade na tentativa de inaugurar um percurso inverso àquele a que as obras em causa nos convidam, como se a Literatura não exercesse sobre a História qualquer peso que não o de anódino registo mais ou menos fantástico ou mais ou menos realista das tensões e contradições sociais.

O que se pretende, contudo, não é apenas atender às condições e aos modos exclusivos de produção do texto literário e revelar a sua dependência absoluta do real, mas também conceber o texto como fazendo ele próprio parte da realidade histórica, com uma existência material específica que ocupa um espaço determinante no seio das restantes práticas sociais materiais, com elas interagindo e dialogando, com elas transformando a sociedade e interferindo no próprio percurso da História. Essa relação visceral — que existe entre os fenómenos políticos e sociais e a produção e circulação de textos que encontram especial receptividade num mercado de leitores particularmente sensível à sua mensagem — não pode, portanto, ser subestimada.

Na abordagem das *invasion-scare* e das *spy-scare novels* do período eduardiano não está tanto em causa, bem entendido, a determinação do valor literário que se lhes possa eventualmente atribuir, mas sim a função ideológica que ocuparam no seio de outras práticas discursivas igualmente envolvidas na construção e manutenção daquela consciência colectiva nacional que, adivinhando no futuro próximo um cenário de conflito internacional, propunha superar e/ou situar-se além de todas as diferenças de classe, sexo, credo ou educação dentro de um determinado espaço político e cultural.

Para isso, há que rever o estatuto da ficção «popular» no seio dos estudos literários onde sempre se procurou demarcá-la e isolá-la da «grande» tradição literária das obras consagradas e onde sempre foi estigmatizada ou votada ao ostracismo<sup>6</sup>. Todavia, depois da contestação e refutação das teses e pretensões jakobsonianas relativamente à literariedade e da subsequente questionação do valor intrínseco das obras de eleição, depois dos muitos estudos que contribuíram para dar um impulso renovado à crítica marxista, preocupada essencialmente em expor os mecanismos ideológicos envolvidos na produção e consumo do texto literário<sup>7</sup>, seria impossível não reconhecer que a ficção «popular» ocupa actualmente uma posição privilegiada não só para pôr em causa a Literatura como disciplina auto-suficiente<sup>8</sup>, como também, tal como sugere Tony Bennett<sup>9</sup>, para obrigar a própria crítica marxista a uma cuidadosa introspecção quanto à adopção de critérios de selecção do texto que simplesmente se limitam a corroborar as escolhas já previamente feitas pela crítica burguesa. Não é presentemente possível assertar, como pretenderam Lukács, Althusser e Goldman, a proposição segundo a qual a Literatura *não é* ideológica, enquanto a ficção «popular» já o *é*. As propostas do próprio Althusser relativamente a uma nova conceptualização da ideologia não só tornavam essa equação inválida, como vieram ainda deslocar irremediavelmente o eixo das atenções do texto isolado para o texto em diálogo com e interagindo com (e, porque não, transformando) - mais do que o que

---

<sup>6</sup> O emprego deste tropo não é inocente. No *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa* de A. de Moraes Silva encontra-se a seguinte definição do étimo *ostracismo*: «Em várias cidades da Grécia, espécie de desterro temporário que o povo pronunciava em assembleia contra um cidadão, não como castigo, mas como meio de segurança pública e *para evitar a sua preponderância ou influência*.» O itálico é nosso.

<sup>7</sup> V. T. Eagleton, 1978 (1975) e 1990; É. Balibar e P. Macherey, «On Literature as an Ideological Form», in F. Mulhern (ed.), 1992: 34 - 54.

<sup>8</sup> Objecções de peso sobre o modo como as instituições universitárias têm tratado a Literatura levantou-as Catherine Belsey num seu ensaio de 1983 — «Literature, history, politics», in D. Lodge (ed.), 1988: 400 - 410.

<sup>9</sup> T. Bennet, «Marxism and Popular Fiction», in F. Mulhern (ed.), 1992: 188 - 210.

Eduardo Lourenço considerou ser o seu «contexto cultural»<sup>10</sup> - o que Fredric Jameson designou como o seu *subtexto*:

The type of interpretation here proposed is more satisfactorily grasped as the rewriting of the literary text in such a way that the latter may itself be seen as the rewriting or restructuration of a prior historical or ideological *subtext*, it being always understood that that "subtext" is not immediately present as such, not some common-sense external reality, nor even the conventional narratives of history manuals, but rather must itself always be (re)constructed after the fact. The literary or aesthetic act therefore always entertains some active relationship with the Real; yet in order to do so, it cannot simply allow "reality" to persevere inertly in its own being, outside the text and at distance. It must rather draw the Real into its own texture, and the ultimate paradoxes and false problems of linguistics, and most notably of semantics, are to be traced back to this process, whereby language manages to carry the Real within itself as its own intrinsic or immanent subtext. [...]The symbolic act therefore begins by generating and producing its own context in the same moment of emergence in which it steps back from it, taking its measure with a view toward its own projects of transformation.<sup>11</sup>

Visto que os eventos históricos a partir de 28 de Junho de 1914, data do assassinato do Arquiduque Francisco Fernando em Sarajevo, se haviam precipitado num rumo que apenas corroboraria os cenários mais pessimistas vaticinados pelas obras de E. Childers, Le Queux, H.G. Wells e H. H. Munro<sup>12</sup>, não é possível reflectir sobre o período em causa sem se ter em conta o quanto “o acto estético ou literário”, di-lo Jameson, “mantém sempre um relacionamento activo com o Real”, ou seja, o quanto a ficção «popular» contribuíra para, dentro das expectativas que a ideologia dominante permitia, condicionar e, nessa medida, cercear inexoravelmente as respostas da sociedade face ao comportamento político de uma sociedade outra que competia explicitamente com a primeira pelo estatuto de hegemonia mundial.

A função social deste tipo de ficção «popular» na consolidação de uma identidade «nacional» com base na caracterização negativa do «outro» é,

---

<sup>10</sup> V. Eduardo Lourenço, 1993: 280 - 281. Neste ensaio, Eduardo Lourenço faz o sentido do texto a ser lido pelo crítico depender inexoravelmente da referência cultural, alegando (e aqui traça uma distinção análoga à que Saussure inaugurara entre *langue e parole*) que “a cultura é já em si mesma [linguagem] sem precisar de ser texto”. Não nos podemos esquecer, todavia, de que é o próprio texto que a põe em prática e a actualiza, que o mesmo é dizer que pode subverter, ou até mesmo criar, uma referência cultural dada.

<sup>11</sup> F. Jameson, 1989 (1981): 81.

<sup>12</sup> Mais conhecido por «Saki» de pseudónimo.

talvez, um dos melhores exemplos desse “relacionamento activo com o Real”. Note-se que a idealização e a estereotipificação da «sociedade outra» que ocorrem nestes textos fazem obrigatoriamente parte um conjunto de processos ideológicos que simultaneamente formam e informam uma consciência colectiva que se pretende «nacional». O imaginar e o representar o grupo envolvem o recurso a mecanismos ideológicos que visam a naturalização da sua existência *qua* colectividade, não só como sendo linguística e culturalmente *coesa*, como também biologicamente *diferenciada* das restantes colectividades; tudo o que lhe for exógeno é, portanto, passível de rejeição. Isso significa conseqüentemente que a evocação de sentimentos que apelam à coesão social (ou a um espírito de «alcateia», como diria Elias Canetti) - como o nacionalismo ou o patriotismo - orquestrada por algumas destas narrativas funciona na precisa medida em que todos os sujeitos sociais aceitam inconscientemente a noção segundo a qual os interesses da colectividade se sobrepõem aos individuais e, sobretudo, aos de quaisquer outras colectividades. Além disso, o «outro», sempre definido negativamente dentro de uma dada comunidade - tal como sugere Werner Sollors - como “o que não é”<sup>13</sup>, i.e., o que não é reconhecido como parte integrante do tecido social, acaba por ser utilizado nestes textos não só para acentuar a integridade moral dessa mesma comunidade (por oposição ao carácter de falsidade que informa o comportamento do «outro») como também para lembrar que todas as sociedades são passíveis de serem aniquiladas pelo que lhes é alienígena. Este inculcar do preconceito contra o «outro» torna-se particularmente pertinente no que respeita à questão rática. O legado dos pensamentos darwiniano e spenceriano quanto à sobrevivência das espécies, por exemplo, acabaria por ser ideologicamente aproveitado para reclamar a superioridade rática dos ingleses face a outros povos e reforçar assim o Anglo-Saxonismo já anteriormente

---

<sup>13</sup> W. Sollors, «Ethnicity», in F. Lentricchia e T. McLaughlin (eds.), 1990: 288.

defendido, entre outros, por Martin Tupper<sup>14</sup>. Mas a apologia da superioridade rracica do anglo-saxão acarretava igualmente o reconhecimento de que o germânico lhe era afim. Daí este último ter-se tornado, em termos de estereotipo, no adversário por excelência, ou melhor, no «worthy opponent»: ele não só era aquele cuja atitude de submissão à personalidade despótica e militarista de Guilherme II mais se opunha ao espírito liberal da tradição política e económica britânica, cuja capacidade bélica em melhores condições se encontrava para desafiar e pôr à prova a política de defesa imperial do Reino Unido, como era ainda aquele com quem, paradoxalmente, a comunidade anglo-saxónica mais identificada se sentia em termos da sua própria ancestralidade, das suas afinidades rracicas, históricas e linguísticas (o que, aliás, só conferia valor ao confronto - uma guerra com uma raça considerada «inferior» não mereceria o mesmo empenho).

Definir de que modo a ideologia operou sobre a produção e o consumo destas narrativas passa, então, pela detecção de quais as estratégias utilizadas quer na contenção de sentidos, quer na figuração do «outro» e da identidade nacional, quer ainda na simbolização das relações de poder<sup>15</sup>. Se o que está em causa é demonstrar de que modo as representações ideológicas que este género de ficção oferece condicionam o entendimento das relações de poder, há que, entretanto, com o propósito de clarificar quais os princípios operatórios em jogo, não só aludir a duas das conceptualizações do termo *ideologia* que se nos afiguram como as mais pertinentes para tal projecto, como ainda tentar destringir a complexa rede que liga a ideologia quer ao poder, quer à História -

---

<sup>14</sup> Tupper participou na publicação em 1850 do jornal *The Anglo-Saxon*. Um seu poema intitulado «The Anglo-Saxon Race» tornar-se-ia famoso: “Stretch forth! stretch forth! from the south to the north, / From the east to the west, -stretch forth! stretch forth! / Strengthen thy stakes and lengthen thy cords, / The world is a tent for the world's true lords! / Break forth and spread over every place / The world is a world for the Saxon race!”

<sup>15</sup> Sobre modos de operação da ideologia e estratégias de construção simbólica no estabelecimento e manutenção das relações de poder, v. J. B. Thompson, 1990: 59.

esse horizonte último e absoluto, como pretende Fredric Jameson<sup>16</sup>, de toda a leitura.

O emprego desse conceito tão fundamental para a crítica marxista ideologia (e uma das pedras angulares do presente estudo) que é a não pode dispensar uma breve mas necessária referência a dois grandes marcos incontornáveis na sua evolução conceptual desde que Destutt de Tracy o cunhara nos finais de setecentos. Embora o lexema *ideologia* tenha sido inicialmente concebido por aquele filósofo francês para dar nome a uma ciência que se pretendia então instituir como um estudo sistemático e positivo das ideias (e, por extensão, da própria consciência), só meio século mais tarde é que, nas mãos de Marx e de Engels, veio a adquirir todo um conjunto de conotações negativas<sup>17</sup> que o tornaram indispensável para a construção da sua filosofia política e, por extensão, de toda a prática crítica de pendor marxista que se estendeu até aos dias de hoje.

Nessa obra que pretendia ser uma crítica das propostas filosóficas dos hegelianos - *Die Deutsche Ideologie* (1845-6) -, a imagem da *camera oscura*<sup>18</sup> seria empregue enquanto metáfora que ilustraria o processo, semelhante àquele que ocorre no globo ocular, pelo do qual as imagens oriundas do real seriam «invertidas» e «distorcidas», gerando assim ideias e concepções enganadoras e falsas do mundo. O sujeito social estaria deste modo votado a jamais poder apreender a verdadeira imagem da realidade, donde não lhe ser possível pensar a transformação da sociedade em que se encontraria inserido em função das suas reais necessidades. Visto que para Marx consciência e prática sociais estavam indissociavelmente ligadas, a ideologia cumpria então um propósito prático: permitia a manutenção do *status quo* da classe dominante e a exploração, por via de mistificações, das restantes classes. Como único

---

<sup>16</sup> F. Jameson, 1989 (1981): 100.

<sup>17</sup> Note-se que Napoleão, entretanto, já havia tentado denegrir política e demagogicamente as pretensões científicas e sociais dos ideólogos.

<sup>18</sup> V. K. Marx e F. Engels «Selected Texts», in T. Eagleton (ed.), 1994: 24.

antídoto possível contra este carácter ilusório da ideologia que implicava inevitavelmente um conhecimento intrinsecamente erróneo das condições de existência e das relações de produção, Marx propunha o conhecimento científico providenciado pelo materialismo histórico.

Mais tarde, no Prefácio a *Zur Kritik der Politischen Ökonomie* (1859)<sup>19</sup>, este autor reformularia, face às mudanças históricas entretanto registadas, o seu entendimento da questão ideológica. A consciência de classe seria então pensada em termos dos modos em que ocorreria a sua génese a partir das condições económicas de produção que constituíam a base sobre a qual se edificava a superestrutura política e jurídica. Denunciar o carácter ilusório da ideologia seria então uma tarefa que passaria pela detecção das contradições existentes entre essa base e as formas ideológicas em circulação na superestrutura. Apenas deste modo seria possível ver como é que a ideologia, estando em causa o estabelecimento e manutenção das relações de dominação e subordinação, representaria as relações entre as classes em conflito e contribuiria para preservar os interesses antagónicos das mesmas.

Assim sendo, não deixa de ser legítimo equacionar poder e consciência colectiva (no caso de Marx, a de classe, mas também se poderia pensar em termos da consciência nacional) e questionar em que medida ambas se condicionam mutuamente. Quais os processos de que a ideologia se socorre para que seja erigido e / ou preservado um determinado conjunto de relações de poder? Por que modos opera de modo a que uma dada classe social aceite passivamente ou conteste abertamente a distribuição assimétrica desse poder? Ou, para nos conformarmos à temática deste trabalho, porquê tomou o receio colectivo da perda do poder, este agora entendido não tanto como *a* supremacia mundial ou *a* superioridade anglo-saxónica, mas sim como as suas imagens distorcidas, a forma de *invasion-scare*, *occupation-scare* ou *spy-scare novels* ?

---

<sup>19</sup> Idem: 25.

Se, por um lado, o pensamento de Marx levava a que se concebesse a ideologia como tendo por função principal a instauração e manutenção do poder, as contribuições de Althusser para a revisitação do conceito e sua reformulação à luz da psicanálise lacaniana, com as inevitáveis equações inconsciente - língua, vieram acrescentar-lhe uma nova dimensão. Adotando um discurso marcadamente provocatório (pelo menos no entender de Paul Hirst<sup>20</sup>), este filósofo tomava como ponto de partida a noção lukacsiana de que a ideologia se constituía como elemento unificador da totalidade social e por isso exercia uma ação decisiva sobre a História. Para Althusser, o conhecimento científico do materialismo histórico não poderia almejar destronar a ideologia - agora entendida enquanto «sistema de representações» - da sua função de charneira do social. Dizia-nos em *Pour Marx*(1965):

Ideology is as such an organic part of every social totality. It is as if human societies could not survive without these *specific formations*, these systems of representations (at various levels), their ideologies. Human societies secrete ideology as the very element and atmosphere indispensable to their historical respiration and life.<sup>21</sup>

Esta ligação «orgânica» entre as ideologias e as sociedades não serviria apenas para manter os indivíduos alheados da realidade material a fim de que pudessem explorar ou ser explorados, como julgara Marx. Althusser ia mais longe e afirmava que a ideologia não era só uma condição *sine qua non* das sociedades humanas, como se havia ainda revelado imprescindível para a constituição do próprio sujeito social, conferindo coerência e sentido ao seu agenciamento em sociedade. Contudo, essa coerência, esse sentido, não se manifestava nele de uma forma consciente, mas sim por via do inconsciente<sup>22</sup>.

---

<sup>20</sup> Paul Hirst, «Problems and Advances in the Theory of Ideology», in T. Eagleton (ed.), 1994: 112 - 125.

<sup>21</sup> L. Althusser, «Selected Texts», in T. Eagleton (ed.), 1994: 88.

<sup>22</sup> “Ideology is indeed a system of representations, but in the majority of cases these representations have nothing to do with ‘consciousness’: they are usually images and occasionally concepts, but it is above all as *structures* that they impose on the vast majority of men, not via their ‘consciousness’.” (Idem: 89.)

O uso que fez deste último conceito, consolidado graças a leituras de Freud e, sobretudo, de Lacan<sup>23</sup>, permitir-lhe-ia ultrapassar a noção marxista de que a ideologia obstruía a imagem *verdadeira* do real na medida em que operaria uma inversão e distorção da mesma, propondo em seu lugar a ideologia como um sistema de *representações* em tudo semelhante (note-se que é o próprio Althusser quem avançou com esta homologia) à ordem de *significantes* residente no lado do *Outro* lacaniano<sup>24</sup>, essa instância cujo o discurso mais não é do que o próprio inconsciente. Isto poderia significar, numa leitura superficial, que os sujeitos sociais se comportariam de forma instintiva e que toda a cultura seria regressiva, não fosse Lacan afirmar que “[o] inconsciente não é nem primordial nem instintivo; o que conhece acerca do elementar mais não é do que os elementos do significante.”<sup>25</sup> Se para a constituição do *Sujeito* lacaniano era necessária essa instância do *Outro* - aquela em que o sujeito consciente não se reconhecia mas que albergava os significantes que o tornavam num sujeito de enunciação<sup>26</sup> -, então também o sujeito social em Althusser só existiria na medida em que a ideologia lhe permitia o acesso às suas próprias representações, ou melhor, aos significantes que comporiam o sistema de representações em circulação numa dada colectividade em que ele estaria inserido e com o qual construía o seu próprio discurso. O que estaria em causa na análise de uma dada ideologia não seria tanto determinar o quanto esta deformaria a percepção das condições de existência, mas sim como é que os indivíduos as representavam e se representavam a si próprios nelas. Se o conhecimento do «real»<sup>27</sup> era, para Lacan, de todo impossível porque se encontrava *forcluso* de todo o sistema a

---

<sup>23</sup> V. L. Althusser, 1984 (1971): 141-171.

<sup>24</sup> Idem, pp. 161-164. Num ensaio intitulado «Freud and Lacan», Althusser identificaria a ordem do significante humano de que nos fala Lacan com aquilo que o primeiro refere como a lei da cultura, i. e., a ideologia.

<sup>25</sup> J. Lacan, «The insistence of the letter in the unconscious», in D. Lodge (ed.), 1988: 100.

<sup>26</sup> V. J. Lacan, 1994 (1973): 26.

<sup>27</sup> Não se confundam em Lacan os conceitos de «real» e de «realidade»: esta última é aquilo que é representável e pode, portanto, ser reconhecido. V. idem: 60.

representação simbólica, logo a ideologia, segundo Althusser, jamais poderia ligar directamente o sujeito às suas condições materiais de existência. A ideologia seria assim concebida como uma relação em segundo grau, ou seja, como o modo pelo qual os homens se relacionavam com (que o mesmo é dizer «imaginavam», «representavam») a sua relação com o mundo.

Esta concepção é de toda a pertinência se pensarmos que um dos objectivos que este trabalho se propõe é precisamente verificar como em dadas formas simbólicas, neste caso as da literatura «popular», se manifestam e se articulam as representações que a sociedade da época possui quer de si própria, quer do «outro» a ser expurgado (o «inimigo» que desafia a ordem que, embora aparentando uma determinada imutabilidade, podia afinal ser revogada). Que a ideologia, através dessas formas, determina o papel a desempenhar pelos indivíduos de uma certa sociedade na História e que àquela todo o seu agir (inclusive a produção material das tais formas simbólicas) se encontra inextricavelmente ligado (como prova, aliás, o recurso ao predicado nominal no excerto que se segue), é uma ideia que Althusser reafirmaria insistentemente:

But what do we mean, then, when we say that ideology is a matter of men's 'consciousness'? First, that ideology is distinct from other social instances, but also that men *live* their actions, usually referred to freedom and 'consciousness' by the classical tradition, in ideology, *by and through ideology*; in short, that the 'lived' relation between men and the world, including History (in political action or inaction), passes through ideology, or better, *is ideology itself*. This is the sense in which Marx said that it is in ideology (as the locus of political struggle) that men *become conscious* of their place in the world and in history, it is within this ideological unconsciousness that men succeed altering the 'lived' relation between them and the world and acquiring that new form of specific unconsciousness called 'consciousness'.<sup>28</sup>

Althusser não só impunha ao homem a impossibilidade de agir fora de um espaço ideológico delimitado por balizas invisíveis - porque inconscientes (como nos ilustra o excerto acima citado) - e regulado por instituições encarregues da reprodução e sanção das relações de produção - os Aparelhos

---

<sup>28</sup> Althusser, «Selected Texts», in T. Eagleton (ed.), 1994: 89.

Ideológicos de Estado<sup>29</sup> -, como ainda propunha que toda a ideologia possuía uma existência material e que só em função dessa materialidade poderia ser analisada. Não se tratava tanto de sugerir que o sujeito operava uma transposição das suas ideias e crenças de um plano metafísico para um plano material, como em assertar que todas as ideias só existem porque são elas mesmas fruto das práticas e rituais materiais que as formam e informam: “[*the subject’s*] *ideas*”, dir-nos-ia em *Lénine et la Philosophie*, “*are his material actions inserted into material practices governed by material rituals which are themselves defined by the material ideological apparatus from which derive the ideas of that subject.*”<sup>30</sup> Note-se, entretanto, que Althusser concebe este «material» como passível de ser entendido não exclusivamente como aquilo que é tangível, visível ou audível, mas também aquilo que é dizível e legível, discursável e cogitável<sup>31</sup>.

Consequentemente, não seria de todo ilegítimo supor (e isto é particularmente importante para os estudos culturais e, mais especificamente, para os literários) que se o discurso ideológico só existe enquanto matéria, então é possível enquadrá-lo, numa análise de uma determinada ideologia, junto de outras práticas materiais (mesmo as que aparentemente se apresentam tão díspares, como sejam as ligadas à tecnologia militar, à política externa e interna, à economia e à exploração geográfica) com as quais eventualmente interage, condicionando-as e por elas sendo condicionado. Poder-se-á dizer, além disso, que com essa análise ideológica também será legítimo pretender - como o faz Kavanagh na sua síntese do pensamento althusseriano<sup>32</sup> - definir de que modo é que os «aparelhos ideológicos e textuais» interferem em e moldam as «concepções imaginárias do eu e da ordem social», e chegam a «mobilizar»,

---

<sup>29</sup> Note-se que Estado deve aqui ser entendido como o Estado da classe dominante, pelo que estes Aparelhos incluiriam instituições privadas, como por exemplo o império jornalístico de Northcliffe.

<sup>30</sup> Idem: 106. O itálico é do autor.

<sup>31</sup> V. id., *ibid.*

<sup>32</sup> J. Kavanagh, «Ideology», in F. Lentricchia e T. McLaughlin (eds.), 1990: 310.

como ainda sugere Thompson, a acção política<sup>33</sup>. Torna-se assim possível adoptar uma metodologia de trabalho transdisciplinar que, longe de se encerrar numa leitura hermética do texto literário, o integre num *corpus* mais vasto de manifestações culturais que se plasam no devir histórico.

As concepções de ideologia avançadas pelos autores acima referidos são de particular relevo para a análise das *invasion-scare* e das *spy-scare novels* porque revelam duas dimensões conceptuais da ideologia que se complementam e se interpenetram no presente estudo: a primeira, derivada do pensamento de Marx, permite-nos entender como é que as relações de poder dependem do modo como a ideologia as naturaliza e as justifica num quadro de conflitualidade de interesses; a segunda, informada pela postura althusseriana, permite-nos determinar de que modo as representações ideológicas derivam do inconsciente e das suas fobias, e se articulam num discurso material que afecta outras práticas materiais no seio de determinados Aparelhos Ideológicos do Estado.

Muito embora a ideologia participe da naturalização das relações de poder numa dada sociedade, a sua análise não explica por si só a natureza daquele. Poder, no presente sentido, não deve obviamente ser entendido como apenas uma modalidade greimasiana, inserida num quadro mais vasto de outras modalidades, através da qual um sujeito fica habilitado a *actualizar* a sua operação, a pôr em prática os objectivos a que se proporia quando devidamente investido das modalidades do *querer* e do *dever*. Ultrapassando uma análise de feição eminentemente estruturalista, e uma vez que este trabalho pretende detectar os modos pelos quais, por um lado, o poder se infiltra na instância discursiva e a molda e, por outro, se encontra legitimado e racionalizado pela ideologia dominante, há que entender o poder não tanto numa vertente puramente narrativa, mas sobretudo na sua dimensão social e política, enquanto

---

<sup>33</sup> J. B. Thompson, 1990: 76.

marca indelével todas as práticas materiais e as relações entre grupos e indivíduos.

Para isso contribui o pensamento de Bertrand Russell, intelectual inglês que se distinguira pela sua voz dissidente relativamente às posições governamentais aquando da Primeira Guerra Mundial, e que num ensaio<sup>34</sup> datado de 1938 (que, tal como a ficção que nos propomos analisar, denunciava, com sagacidade, a inevitabilidade do conflito seguinte<sup>35</sup>), entendia que a condição imprescindível de evolução das sociedades não era, como pretendia Marx, o factor económico mas sim a irresistível sedução pelo poder. O «impulse to power», como lhe viria a chamar Russell, mais não seria do que um desejo «insaciável e infinito» que, ultrapassando os meros condicionalismos fisiológicos, conduziria os homens a metas nunca ditadas pela Necessidade mas apenas concebidas pela imaginação humana<sup>36</sup>, cristalizando-se nas mais variadas manifestações e formas, desde o militar ao económico, desde a autoridade civil à propaganda e opinião pública. O poder seria assim simultaneamente compreendido como o fundamento e o princípio dinâmico da complexa rede de relações sociais e inter-nacionais. Essas formas não seriam estanques entre si, mas sim condicionar-se-iam mutuamente e a transformação duma acarretaria inevitavelmente transformação das outras. Um dos casos que Russell evoca para ilustrar esta dependência recíproca de uma forma de poder em relação a outra epitoma de uma maneira

---

<sup>34</sup> B. Russell, 1938.

<sup>35</sup> Como se se limitasse a um simples exercício de análise comparativa entre a situação anterior a 1914 e a vivida em 1938, Russell parecia então não ter dúvidas quanto à proximidade de um conflito bélico de proporções semelhantes: “The most important form of competition, at the present day, is between States, specially those that are called Great Powers. This has become a totalitarian competition, for power, for wealth, for control over men's beliefs, but above all for life itself, since the infliction of the death penalty is the principal means to victory. It is obvious that the only way of ending this competition is the abolition of national sovereignty and national armed forces, and the substitution of a single international government with a monopoly of armed force. The alternative to this measure is the death of a large percentage of the population of civilised countries, and the reduction of the remainder to destitution and semi-barbarism. At present, a vast majority prefer this alternative.” (Idem: 149)

<sup>36</sup> Idem: 8.

bastante elucidativa a situação retratada por Munro em *When William Came*: a seguir à imposição do poder por via militar, seja por golpe de Estado, seja por invasão, torna-se necessária a adesão incondicional da opinião pública, sob pena de todo o esforço bélico e económico ter sido debalde.

Russell afirmava, além disso, que a osmose do poder não se efectuava unidireccionalmente da elite governativa para as massas: também estas poderiam influenciar de forma decisiva a capacidade de discernimento e de resposta política daquela:

If human affairs were as calculable as chess, and politicians and generals as clever as good chess players, there might be some truth in this view. The advantages of successful war are doubtful, but the disadvantages of unsuccessful war are certain. If, therefore, the supermen at the head of affairs could foresee who was going to win, there would be no wars. But in fact there are wars, and in every war the government on one side, if not on both, must have miscalculated its chances. For this there are many reasons: of pride and vanity, of ignorance, and of contagious excitement. When the populace is kept ignorantly confident, its confidence and its bellicose sentiment may easily be communicated to the rulers, who can hardly attach the same weight to unpleasant facts which they know but conceal as to the pleasant facts that are being proclaimed in every newspaper and in every conversation. Hysteria and megalomania are catching and governments have no immunity.<sup>37</sup>

Será assim legítimo interrogarmo-nos até que ponto não foi este o processo que terá ocorrido durante a década e meia que antecedeu a eclosão do primeiro conflito à escala mundial. Se assim foi, tanto mais pertinente se torna analisar em que medida a literatura dita «popular» concorre para a instauração de uma atmosfera de «histeria» que infecta o corpo social, ora despoletando a suspeita, ora encorajando a delação (ainda que infundada) junto da opinião pública, ora ainda obrigando o governo à tomada de posições. Aquando, por exemplo, da publicação de *The Invasion of England* de Le Queux, uma onda de germanofobia abateu-se sobre a Grã-Bretanha. Dos 6.500 espões a que Le Queux fizera menção, rapidamente se passou aos 80.000 soldados de Lord Roberts e aos 350.000 soldados alemães, que, segundo o coronel Driscoll, estavam altamente treinados e residiam em solo britânico - números que, embora o governo os procurasse desmentir, a grande massa da população não

---

<sup>37</sup> Idem: 103.

deixava de levar muito a sério<sup>38</sup>. Se a ficção popular despoleta situações em que a histeria colectiva rapidamente inflaciona de forma fictiva estatísticas, hiperboliza as mais inocentes ocorrências transformando-as em cenários de catástrofe iminente, poder-se-á então dizer que também ela participa do poder.

Note-se que esse contágio de que nos falava Russell pode ser mais ou menos eficaz consoante a distância que separa ambas as instâncias do poder - a elite governativa e as multidões -, pelo que as possibilidades e oportunidades que cada instância tem de poder intervir no agenciamento da outra, de poder penetrar no seu espaço e ditar o comportamento a seguir, variam de acordo com o regime político instituído. A democracia britânica, por exemplo, seria em parte responsável pelo modo como a ficção «popular» e a opinião pública se encontravam em posição privilegiada para interferir na gestão governativa: “[d]emocracy”, no entender daquele filósofo, “is successful in so far as the Government is obliged to respect public opinion.”<sup>39</sup> Contrariamente, casos há - e aqui Russell não se inibiu de focar alguns - em que o espaço (seja físico ou social) que medeia entre a elite e as massas não permite que estas afectem minimamente a conduta política da primeira. Para ilustrar as consequências da existência de um tal fosso, Russell chegaria a imaginar um cenário de contornos futuristas em que um governo, movido por receio de morte, viveria em aviões longe de e insensível aos problemas da sua própria grei. Como corolário, esta seria despida da sua humanidade e passariam então os indivíduos a ser considerados como meras máquinas, ou insectos, alvos fáceis do desprezo e da intolerância política<sup>40</sup>. Este modo de exercer o poder a partir do ar - que deve sobretudo ser entendido como uma metáfora da distribuição vertical do poder - já Wells o havia tratado de forma exemplar no seu *The War in the Air* (1907)<sup>41</sup>, onde os dirigíveis alemães dominavam onipotentes os

---

<sup>38</sup> V. R. K. Massie, 1993 (1991): 637.

<sup>39</sup> B. Russel, 1938: 130.

<sup>40</sup> Idem: 22-23.

<sup>41</sup> Ano em que a obra foi escrita. A sua publicação só ocorreu no ano seguinte.

céus de Nova Iorque e não só a obrigavam a uma rendição humilhante, como ainda lhe infligiam as marcas da destruição.

Neste sentido, não podemos menosprezar a dimensão espacial do poder. Elias Canetti, num ensaio dedicado à psicologia de massas, onde habilmente cruzou conceitos recuperados de disciplinas tão díspares como a antropologia, a biologia e a etologia, distinguiu os usos da força e do poder: o primeiro referir-se-ia à implementação imediata, directa, de um determinado efeito; o segundo, pelo contrário, implicaria o retardamento desse efeito no tempo e a sua extensão no espaço. Recorrendo ao exemplo assaz prosaico do «gato e rato», Canetti ilustrava assim essa extensão espacial do poder:

The space which the cat dominates, the moments of hope it allows the mouse, continuing however to watch it closely all the time and never relaxing its interest and intention to destroy it — all this together, space, hope, watchfulness and destructive intent, can called the actual body of power, or, more simply, power itself.<sup>42</sup>

Esta conceptualização do poder peca, contudo, pela improdutividade. Assumir que o poder só se expressa por via da repressão e manipulação do outro, do controlo das suas condições de existência e, em última instância, da sua destruição implica amputar a vertente produtiva do poder, precisamente aquela que Foucault considerava responsável pela génese do discurso e instauração da verdade<sup>43</sup>. Não obstante, o pensamento de Canetti, ao revisitar e redimensionar o poder de acordo com parâmetros espaciais e temporais, contribui decisivamente para entender como se processa a extensividade da vontade e a efectivação de propósitos que lhe são conformes. É dentro de este espírito que Ralph Pettman conclui: “Power is the extended ego work. To be powerful is to have an effect. It is to get away with something. It is to determine events and to structure relationships in ways we desire[...].”<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> E. Canetti, 1973 (1960): 327.

<sup>43</sup> V. M. Foucault, 1980: 119; e P. A. Bové, «Discourse», in F. Lentricchia e T. McLaughlin (eds.), 1990: 54.

<sup>44</sup> R. Pettman, 1991: 58.

Dada a natureza do presente trabalho, que tem por objectivo auferir do grau de instrumentalização ideológica do texto literário, o termo *espaço* ultrapassa aqui em grande medida qualquer conceptualização que dele tenha sido feita pela narratologia, dado que o que nos interessa não é considerá-lo somente como uma categoria da narrativa, em articulação funcional com outras categorias (como o tempo e as personagens), mas sobretudo como aquela instância física que é alvo de apropriação pelo discurso e sobre a qual se inscrevem as relações de poder, determinando desta maneira todas as práticas sociais materiais.

Será de acordo com a concepção de que todo o conhecimento do espaço é moldado pelas exigências do discurso e do poder que Michel Foucault, contrariando a excessiva subordinação do nosso pensar a História exclusivamente em termos temporais, afirmará:

Once knowledge can be analysed in terms of region, domain, implantation, displacement, transposition, one is able to capture the process by which knowledge functions as a form of power and disseminates the effects of power. There is an administration of knowledge, a politics of knowledge, relations of power which pass via knowledge and which, if one tries to transcribe them, lead one to consider forms of domination designated by such notions as field, region and territory. And the politicostrategic term is an indication of how the military and the administration actually come to inscribe themselves both on a material soil and within forms of discourse.[...] Endeavouring on the other hand to decipher discourse through the use of spatial, strategic metaphors enables one to grasp precisely the points at which discourses are transformed in, through and on the basis of relations of power.<sup>45</sup>

Isto conduz a que — definindo-se e caracterizando-se os processos pelos quais a ideologia, ao mesmo tempo que determina certas práticas materiais e relações sociais, legitima uma ou várias formas do poder - se passe obrigatoriamente por uma abordagem dos modos como, por um lado, o seu discurso cartografa a distribuição de poder no universo físico e, por outro, como a nossa percepção desse universo é condicionada pelos investimentos semânticos de que, entretanto, ele é alvo. Não se deve, por isso, conceber o espaço como apenas um palco sobre o qual se desenrolam as acções dos vários

---

<sup>45</sup> M. Foucault, 1980: 69 - 70.

protagonistas internacionais, como se para a correlação de forças aquele pouco ou nada contribuísse ou como se as forças sociais existissem independentemente e alheadas dos condicionalismos que ele impõe. Qualquer estudo atento que se faça da economia política internacional e das relações internacionais não pode dispensar as contingências de natureza geográfica que nalguma medida concorrem para determinar estratégias económicas, militares e políticas.

Em contraste com esta noção da distribuição vertical do poder que nos fôra sugerida pela leitura de Russell e que privilegia o fluir, quase sem atritos, do poder do topo para as bases, o britânico Halford Mackinder já em 1904 <sup>46</sup> considerara sobretudo o seu ordenamento horizontal, o que nos permite conceber a possibilidade de confrontação desse poder com outros e a sua subsequente extinção ou consolidação. Atendendo precisamente aos modos pelos quais o espaço e a política se interpenetram e se condicionam mutuamente, havia proposto um modelo sobre os «natural seats of power», através dele tentando mostrar o quanto as condições geográficas poderiam influenciar o decurso de um conflito à escala global e conseqüentemente o quanto a condução da política externa estava devedora dos conhecimentos providenciados pelos estudos geográficos. Crente no Império como o suporte económico do poderio militar britânico, único garante da sobrevivência nacional, Mackinder concebia o mundo como estando repartido por uma área *pivot*, o *heartland* eurasiático centrado na região siberiana, e por crescentes («inner or marginal crescent», «outer crescent» e «lands of outer or insular crescent») que o envolviam e que seriam passíveis de serem afectados pela tendência expansionista do primeiro. Daí deduzir-se-ia que os riscos que o Império corria face à política czarista deveriam ser sempre considerados em qualquer estratégia de defesa imperial. Estas preocupações não seriam de todo

---

<sup>46</sup> V. Halford J. Mackinder, 1904, «The geographical pivot of history», *Geographical Journal*, 13: 421 - 37.

despiciendas: em 8 de Fevereiro do ano em que se publicara o artigo de Mackinder, a Rússia e o Japão (este último tendo assinado uma aliança com a Grã-Bretanha em 1902<sup>47</sup>) entravam em guerra devido a disputas de exploração comercial na Manchúria e na Coreia e apenas cinco anos decorreriam até que a *entente* anglo-russa fosse firmada.

Presentemente, J. Agnew e S. Corbridge tentaram redimensionar a geopolítica à luz dos desenvolvimentos registados nos mais recentes estudos sobre economia política internacional e, criticando o determinismo mackinderiano - que via na localização geográfica e nas condições ambientais os únicos factores condicionando o sucesso dos estados - , propuseram uma conceptualização que permite uma análise mais flexível e relativa dos factores envolvidos:

By geopolitics we understand the division of global space by institutions (states, firms, social movements, international organizations, armed forces, terrorist groups, etc.) into discrete territories and spheres of political-economic influence through which the international political economy is regulated materially and represented intellectually as a natural order of 'developed' and 'underdeveloped', 'friendly' and 'threatening' areas. It is that set of socially constructed, rather than naturally given, practices and ideas through which the international political economy is realized geographically.<sup>48</sup>

Estas «práticas e ideias socialmente construídas», note-se, não existem desarticuladas umas das outras (como explicar, por exemplo, a rivalidade naval anglo-germânica e a corrida armamentista naval sem qualquer referência ao «navy-scare» instigado pela imprensa britânica entre 1908 e 1909?). Antes lhes é conferida coerência pela sua adequação a um dado discurso geopolítico que não só define as posições e o estatuto dos intervenientes em causa num determinado cenário económico e político internacional, como ainda faz integrar num sistema coerente todo o conjunto de representações ideológicas (no sentido althusseriano) que constituem o nosso entendimento da

---

<sup>47</sup> A Grã-Bretanha havia, contudo, sido capaz de evitar o seu envolvimento no conflito, que já então se adivinhava, graças à inclusão na redacção do texto do *casus foederis*, pelo qual ambas as potências só se viam obrigadas a prestar auxílio militar uma à outra na eventualidade de uma delas se ver atacada por duas ou mais potências beligerantes. Cf. J. Lowe, 1994: 123.

<sup>48</sup> J. Agnew e S. Corbridge, 1995: 4 - 5.

organização do espaço e das práticas que nele se desenrolam. Convém, a este respeito, distinguir em termos operatórios o que H. Lefebvre designou de práticas espaciais, representações do espaço e espaços representacionais<sup>49</sup>. Se as primeiras se referem a todas as acções, interacções e movimentos que decorrem num determinado espaço ou o atravessam e que surgem como fundamentais para a produção económica, já as segundas podem ser definidas em termos de como o espaço é dito e concebido politicamente, e de como é cartografado de acordo com códigos geográficos que explicam essas práticas. Por seu turno, entendem-se por espaços representacionais aqueles que são «desejados» - as tais «geografias imaginadas» que, embora fruto da projecção de certos desejos (ou receios, porque não dizê-lo) colectivos, se revelam determinantes para remodelar tanto as práticas espaciais como as representações espaciais. Exemplo eloquente de como os espaços representacionais são parte integrante do pensar ou do temer a transformação ulterior do mundo causada por um conflito inter-nações reside precisamente nos mapas, ilustrando possíveis rotas de invasão da Grã-Bretanha pelo Mar do Norte a partir da Alemanha, que encabeçavam os bombásticos artigos publicados por Robert Blatchford no *Daily Mail* entre 13 e 24 de Dezembro de 1909 sobre a ameaça alemã.

Essa «geografia imaginada» é induzida pela convicção política de que as práticas espaciais são passíveis de transformação e de que, sobre o quadro de correlação de forças em constante mutação, o poder, sob a forma de intervenção militar ou de pressão económica, é capaz de projectar os seus intentos futuros - não tanto de acordo com as necessidades materiais do país em causa, como de acordo com as necessidades «imaginadas» pela ideologia (que, afinal, mais não visa do que a perpetuação das relações de poder e a sua expansão espacial). Essa convicção decorre não da apreensão empírica do

---

<sup>49</sup> V. H. Lefebvre, 1991: *The Production of Space* ; v. também Agnew e Corbridge, 1995: 7 e 47.

percurso da História, mas sim do modo como esta é narrativizada e textualizada, ou seja, é tornada representação e discurso da própria ideologia. Todo o acto político e toda a prática discursiva pressupõem uma determinada forma de «ver» e de «viver» a História, de idealizar determinados comportamentos passados, de simplificar as questões complexas do presente, de naturalizar certos projectos futuros dando-lhes a aparência da inevitabilidade, de eufemizar os efeitos perversos de imposição do poder, de universalizar os valores e as instituições vigentes conferindo-lhes o carácter da atemporalidade ou da trans-historicidade.

Se, como defende Lee Patterson<sup>50</sup>, o estudo objectivo da História se afigura totalmente impossível - seleccionar e definir exactamente qual o objecto a estudar (as instituições políticas e sociais, o conhecimento, a economia), submetê-lo a uma análise dos seus processos evolutivos, detectar quais as interacções que estabelece diacronicamente com outros objectos, tudo isso, embora se possa revestir da maior isenção e imparcialidade, jamais pode aspirar à totalidade e acaba sempre por no fim ser alvo de uma interpretação subjectiva e ideologicamente marcada. Isso deve-se ao facto de a História surgir ao historiógrafo em grande medida sob a forma de artefactos textuais e de práticas discursivas, pelo que a sua tarefa, longe de pretender re-presentar e *explicar*<sup>51</sup> o objecto, será semelhante à do crítico literário (ressalvando as devidas diferenças) que procura decifrar e sujeitar a uma prática hermenêutica os textos. Dado que tanto estes últimos como os factos históricos são passíveis de uma mesma metodologia de análise subjectiva, se a grande massa dos textos culturais e dos que pertencem especificamente a uma tradição literária pode ser alvo de abordagens semelhantes, então seria possível erigir, ainda de acordo com Patterson, uma ponte entre ambos e passar a perspectivar a historiografia e

---

<sup>50</sup> L. Patterson, «Literary History», in F. Lentricchia e T. MacLaughlin (eds.), 1990: 256.

<sup>51</sup> O termo é aqui empregue na sua acepção diltheyana.

a crítica literária como não só se complementando, mas também como englobadas no campo mais vasto dos estudos históricos.

Sendo impossível uma representação objectiva da História, poder-se-ia então argumentar, juntamente com Karl Popper, que esta não existe *de facto* e que o que está em causa é simplesmente uma tentativa de racionalização dos problemas que os agentes sociais enfrentam numa dada situação<sup>52</sup>. Uma tal posição anti-historicista, que deriva em grande parte de um esforço de desacreditação do raciocínio marxiano de que a transformação social pode ser induzida pelo pensar criticamente a História, acaba em última instância por dificultar, senão mesmo impossibilitar, uma análise diacrónica do comportamento colectivo das sociedades humanas nos planos político, económico e cultural.

Fredric Jameson, num ensaio que é hoje considerado um marco na teoria e crítica literária marxista - *The Political Unconscious* -, contornou habilmente a objecção levantada por Popper assegurando-nos que a História existe, mas que está para lá de qualquer tentativa de apropriação discursiva, resistindo à sua tematização e reificação. No fundo, este conceito de História de que nos falou é, como ele próprio o admitiu, decalcado do real lacaniano que, por seu turno, se contrapõe às noções de «imaginário» e de «simbólico», ou seja, aquilo que, mais do que se instituir como a experiência que precede o simbólico, a ordem simbólica não é capaz de conceber: “o real é o impossível”<sup>53</sup>. Daí Jameson não pretender erigir a História como um mero código conducente a uma interpretação do texto literário que, como sucede com as leituras de cariz psicanalítico ou feminista, mais não seja do que uma prova quer da infalibilidade do método empregue, quer da coerência que o código oferece em termos do fechamento temático. A História encontra-se, afinal, para além de todos os códigos e está deles forclusa. Como então

---

<sup>52</sup> V. K. Popper, 19... (1945).

<sup>53</sup> J. Lacan, 1994 (1973): 280.

compreendê-la como esse horizonte último de toda a prática interpretativa reclamado por este autor? Ou, por outras palavras, como entender e interpretar os textos, o resultado dos processos de tentativa de textualização, tematização e reificação da História, como estando nela englobados e nela ganhando sentido se ela própria lhes oferece resistência?

Jameson tenta resolver esta questão aparentemente insanável afirmando que não são os textos particulares - as obras individuais que surgem como actos simbólicos politicamente significativos em resposta a contradições sociais numa dada situação histórica - que estão em causa neste horizonte de leitura, mas sim a *ideologia de forma* definida nos seguintes termos: “the determinate contradiction of the specific messages emitted by the varied sign systems which coexist in a given artistic process as well as in its social formation.”<sup>54</sup> Neste sentido, as *spy-scare* e as *invasion-scare novels* poderiam ser entendidas como circunscritas a uma particular *ideologia de forma* porque, embora relativas a dois géneros<sup>55</sup> diferentes (mas sobreponíveis) e envolvendo estruturas narrativas distintas, não só se complementariam como ainda remeteriam constantemente o seu leitor, enquanto sujeito social historicamente localizado, quer para textos outros não ficcionais igualmente em circulação numa mesma sociedade (e que seriam de origem tão diversa como o artigo jornalístico alarmista, a canção de *music-hall* jingoista, o ensaio patriótico, o panfleto inflamatório, o discurso político cauteloso ou até o próprio rumor insidioso), quer para as suas próprias práticas materiais (o acto eleitoral, o aderir a um movimento ou organização, o oferecer-se como voluntário para o serviço militar, o subscrever uma petição, etc.). O género literário, neste caso entendido como «contrato social entre escritor e público»<sup>56</sup> com vista a uma apropriação correcta por parte deste último de um dado texto, constituir-se-ia

---

<sup>54</sup> F. Jameson, 1989 (1981): 98-99.

<sup>55</sup> O termo género é aqui empregue segundo a mesma aceção com que Umberto Eco o usa no seu «Casablanca: Cult Movies and Intertextual Collage», in D. Lodge (ed.), 1988: 446 - 455.

<sup>56</sup> F. Jameson, 1989 (1981): 106.

assim como um instrumento visando a ratificação de mensagens ideológicas também patentes noutros modos de produção.

Se esta proposta de Jameson é bem sucedida em operar um corte entre a História e a sua textualização instituindo como intermediária a *ideologia de forma*, é porque o consegue graças à ideia de que a matéria-prima que constitui o objecto da historiografia não é a História — dado que esta, qual «causa ausente» espinoziana, só é apreensível e textualizável a partir dos seus efeitos —, mas sim a tentativa de detecção e reestruturação dos modos por que a Necessidade opera (conferindo aos acontecimentos históricos a sua *forma*) ou, por outras palavras, a tentativa de perceber como é que o acontecimento toma uma determinada forma em determinadas circunstâncias. Será esta tentativa de deslindar os mecanismos da Necessidade que dará a ilusão que a História é textualizável. Se tomarmos a Necessidade segundo uma tal perspectiva, i. e., como a *forma dos acontecimentos*<sup>57</sup>, será então lógico pressupôr que a *ideologia de forma* também dela participa. As narrativas em causa, vaticinando, prevendo e construindo textualmente a sua própria «forma de acontecimentos» antes da História, seriam, por conseguinte, também fruto da Necessidade, ou seja, de uma forma de acontecimentos que conduziria a que a textualização e narrativização de certos eventos se antecipassem ao percurso histórico. Aqui impõe-se interrogarmo-nos até que ponto é que a tentativa de tematização da História, ainda que nunca alcançada a não ser como mero efeito textual, não acaba por nela interferir factualmente?

Foucault considerava, cedendo à tentação de tematizar a História, que esta tinha a forma de guerra<sup>58</sup>. Não terá sido a mesma leitura da História que

---

<sup>57</sup> Idem: 102.

<sup>58</sup> “Here I believe one's point of reference should not be to the great model of language (langue) and signs, but to that of war and battle. The history which bears and determines us has the form of a war rather than that of a language: relations of power, not relations of meaning. History has no 'meaning', though this is not to say that it is absurd or incoherent. On the contrary, it is intelligible and should be susceptible of analysis down to the smallest detail, but this in accordance with the intelligibility of struggles, of strategies and tactics.”(M. Foucault, 1980: 114.)

informou as expectativas dos nossos escritores e os conduziu a uma apologia da guerra, à preparação do terreno para o conflito a haver?

## SEGUNDA PARTE

## Segundo Capítulo

### Relações entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, 1897-1914

*In the nineteenth and twentieth centuries the story of mankind upon this planet undergoes a change of phase. It broadens out. It unifies. It ceases to be a tangle of more and more interrelated histories and it becomes plainly and consciously one history.*

H.G. Wells, *The Shape of Things to Come*

#### **Políticas de «ententes, détetes & rapprochements»**

Joseph Chamberlain, ainda enquanto Secretário Colonial do governo conservantista de Salisbury, afirmava que, se havia alguma potência com a qual a Grã-Bretanha podia celebrar uma «*natural alliance*»<sup>59</sup>, essa potência deveria ser o grande Império alemão. Advogando assim o fim da «splendid isolation»<sup>60</sup>, via na Alemanha aquela nação que melhor servia os interesses do seu país caso este fosse obrigado, por motivos de defesa da integridade territorial do seu Império, a aliar-se a uma outra potência europeia. A escolha de Chamberlain, talvez cega às inconstâncias da política externa guilhermina, baseava-se - mais do que num conhecimento rigoroso das linhas de orientação

---

<sup>59</sup> V. S. J. Lee, 1994: 260. O itálico é nosso.

<sup>60</sup> Período de sete anos durante o qual a Grã-Bretanha se manteve afastada de qualquer compromisso internacional. O seu isolamento, iniciado em 1895 com a disputa de fronteiras entre a Guiana Britânica e a Venezuela sob a protecção norte-americana, foi reforçado pela antipatia que a comunidade internacional dispensou à Guerra Boer e terminou finalmente com a assinatura em 1902 do Tratado Anglo-Nipónico. Na altura, este isolamento era entendido como uma situação vantajosa para a Grã-Bretanha. Em 1896, o então Primeiro *Lord* do Almirantado declarava que o isolamento a que a Grã-Bretanha se votara era voluntário, já que se encontrava numa posição de força face a outras potências que com ela concorriam para a supremacia mundial. A sua *isolation* não poderia, portanto, ser confundida com a situação de marginalização típica de outras nações mais «fracas», impotentes que eram para intervir a seu contento nas grandes questões internacionais (v. S. J. Lee, 1994: 256-7).

da *Weltpolitik* - nas “now fashionable theories that «race» was of fundamental importance in world history and that the British and the Germans [...] were of the same stock and therefore natural allies”<sup>61</sup>.

A França e a Rússia constituíam-se nessa altura, por força da sua aliança de 1892-94, nas duas grandes potências aliadas que a Grã-Bretanha reconhecia no final do século como sendo as suas principais inimigas, particularmente nas disputas coloniais africana e asiática, como testemunham vários casos de atrito. Entre eles, contam-se as crises do Congo em 1894, do Alto Níger e de Fashoda em 1898, assim como a forte oposição da opinião pública francesa ao conflito sul-africano por um lado, e, por outro, as constantes pressões da Rússia no Médio e Extremo Oriente (Pérsia, Afeganistão, Tibete e China). Também a pendente ameaça de violação da integridade territorial da própria Índia, as fricções causadas pelo Tratado Anglo-Nipónico de 1902 (pelo qual a Grã-Bretanha implicitamente sancionaria o ataque japonês às posições russas em Port Arthur em Fevereiro de 1904) e ainda o incidente de Dogger Bank (onde vasos de guerra russos afundaram pesqueiros britânicos tendo-os confundido por torpedeiros japoneses) são desse atrito apenas alguns exemplos ilustrativos. Tais crises, recorrentes neste período da História europeia, decorriam em larga medida da estrutura de complexas relações de poder a nível internacional fomentada pelo imperialismo prevalecente. Baumgart descreve com precisão os princípios operativos que regiam essa estrutura:

The principle of the balance of power means that none of the great powers is allowed to increase its power to such a degree that it creates imbalance intolerable to the other powers and thereby provokes resistance by means of alliances, threats to resort to force, or by actually using force. An alteration of the great-power structure can be avoided if the intended or real increase of power is neutralized by offering adequate compensations to the others.<sup>62</sup>

Se Paris e S. Petersburgo representavam para o Almirantado o maior perigo a ponto de *Lord Selborne* pedir em Janeiro de 1901 que o princípio do *Two-Power Standard*<sup>63</sup> fosse apenas aplicado às armadas francesa e russa<sup>64</sup>,

---

<sup>61</sup> M. Chamberlain, 1988: 159.

<sup>62</sup> W. Baumgart, 1982: 33.

<sup>63</sup> Defendido pelo Primeiro *Lord* do Almirantado, Lorde George Hamilton, na Câmara dos Comuns em 7 de Março de 1889, este princípio estratégico contemplado no *Naval Defence Act*

seria na condução da política externa alemã que a Grã-Bretanha ia encontrar no decorrer do período eduardiano uma constante fonte de desequilíbrio das relações internacionais e os maiores obstáculos à manutenção da paz na Europa.

Tendo sofrido desde a sua unificação profundas alterações no plano económico e com uma elevada taxa de crescimento populacional, a Alemanha de Guilherme II via numa política de cariz expansionista, quer através da busca de um *Lebensraum* europeu, quer através da construção de um império à escala mundial, a solução última para as crescentes tensões internas entre latifundiários, industriais e operários - ou, como diria Fritz Fischer<sup>65</sup>, “between a patriarchal concept of life and government, based on land ownership or industrial power, and the demands of the wage-earning masses, who were developing a political consciousness”<sup>66</sup>. Desaparecida da cena política alemã a figura do seu primeiro Chanceler, Otto von Bismarck, Guilherme II, insensível ao modo cauteloso como o grande estadista havia conduzido os assuntos internos e apaziguado as tensões sociais e políticas, proclamava para a Alemanha um novo curso «a todo o vapor» («mit Volldampf voraus»<sup>67</sup>) que, no entender de Bernard Porter, “was bound eventually to bring her into collision with Britain”<sup>68</sup>. Buscava-se então uma bandeira ideológica e política sob a qual se pudessem abrigar aquelas forças que se encontravam em pólos opostos do espectro político-social — no fundo, aquilo que viria pouco depois a ser designado por *Sammlungspolitik* e que definiria objectivos anódinos e

---

desse mesmo ano ditava que a *Royal Navy* deveria possuir uma igualdade numérica em relação ao conjunto das duas maiores marinhas de guerra estrangeiras (na altura, a francesa e a russa). Selborne, em Outubro de 1902, apesar de reconhecer os enormes custos de um tal projecto, viria a defender uma margem de superioridade numérica. Com a consolidação da Tríplice *Entente* em 1907, esse princípio perderia sentido, não fosse o facto de o *One-Power Standard* (que advogava a posse de uma armada 60% numericamente superior à maior armada estrangeira), sugerido em Abril de 1909 ao Almirantado para dar resposta ao desafio naval alemão, implicar custos ainda mais elevados. Para informação mais pormenorizada v. J. T. Sumida, 1993 (1989): 14-16; 190-1.

<sup>64</sup> D. Reynolds, 1991: 74.

<sup>65</sup> Várias têm sido as teses historiográficas que procuram dar conta do comportamento político da Alemanha no período em causa, umas - como é o caso da de Fischer - colocando a ênfase nas condições internas (*Primat der Innenpolitik*), outras, aderindo ao *Primat der Außenpolitik*, nas pressões externas sobre a situação geopolítica do país. Para um confronto das várias teses v. J. Lowe, 1994: 143-9.

<sup>66</sup> F. Fischer, 1974 (1965): 5.

<sup>67</sup> U. A. Oster, 1994: 25.

<sup>68</sup> B. Porter, 1984 (1975): 233.

consensuais que pudessem galvanizar o todo social para um projecto grandioso de alargamento do país a todos as populações de língua alemã. Esboço dessa necessidade já se desenhara no pangermanismo treitschkeano e lamprechtiano (aquilo que A.J.P. Taylor, fazendo uso de uma metáfora literária, designaria de «Pan-German Hyde»<sup>69</sup>) e nas suas manifestações institucionais sob a forma de grupos de pressão - como a *Alldeutscher Verband* (fundada em 1891) e o *Deutschbund* (fundado três anos mais tarde)<sup>70</sup> - consubstanciando junto da opinião pública o desejo de uma Alemanha unida, mais vasta do que a definida pelas fronteiras de 1871. Seria todavia na prossecução da *Weltpolitik*, inaugurada em 1897 com as nomeações de Bernhard von Bülow para Ministro dos Negócios Estrangeiros (que entre 1900 e 1909 viria a ocupar o cargo de Chanceler) e do Almirante Alfred von Tirpitz para Secretário de Estado da Marinha, que o projecto expansionista ganhava uma expressão governamental ideologicamente mais bem definida<sup>71</sup>. Para estes políticos, a resposta aos problemas da Alemanha não se encontrava dentro dela; havia sim que desviar as atenções, alimentar a paranóia da *Auskreuzung*<sup>72</sup> e canalizar o descontentamento popular para um novo protagonismo na cena política internacional e na asserção de um projecto imperial, ainda que indo manifestamente contra os interesses das outras potências rivais. Von Bülow, que formava, juntamente com Miquel, Posadowski<sup>73</sup> e Tirpitz, a testa-de-ferro da *Sammlungspolitik*, escrevia em 1897 a Philipp Eulenburg<sup>74</sup> uma carta onde defendia que todos os esforços se deveriam concentrar na condução de um política externa bem sucedida. Só ela, dizia von Bülow, poderia unir e reconciliar a nação alemã. No entanto, nas mesmas linhas expressava o ensejo

---

<sup>69</sup> A. J. P. Taylor, 1945: 146.

<sup>70</sup> A. Drijard, 1983 (1971): 162-4.

<sup>71</sup> J. Lowe, 1994: 141-2.

<sup>72</sup> Para este termo não existe um correspondente satisfatório em português. Dir-se-ia que, *grosso modo*, significa a circunscrição de um problema com vista à sua eliminação.

<sup>73</sup> Johannes von Miquel, na altura Ministro das Finanças Prussiano, foi um dos ideólogos da *Sammlungspolitik*; Conde Posadowski-Wehner, Secretário do Interior, ficaria encarregue de fazer aprovar no Reichstag legislação anti-socialista (v. I. Porter e I. Armour, 1991: 13).

<sup>74</sup> Segundo Taylor, Eulenburg teria sido responsável pela nomeação de von Bülow, numa clara tentativa de desviar Guilherme II da ditadura, ao mesmo tempo que procuraria popularizar - sob a capa de uma nova demagogia - a imagem da monarquia (A. J. P. Taylor, 1945: 147).

de que não se adoptassem quaisquer medidas conducentes a desnecessárias fricções com outras potências — nomeadamente a Grã-Bretanha e a Rússia<sup>75</sup>.

Esta atitude cautelosa perante os assuntos externos seria entretanto desmentida pelo seu próprio proponente num inflamado discurso ainda no decorrer desse ano no *Reichstag*:

Wir müssen verlangen, daß der deutsche Missionar und der deutsche Unternehmer, die deutschen Waren, die deutsche Flagge und das deutsche Schiff in China geradeso geachtet werden, wie diejenigen anderer Mächte. (*Lebhaftes Bravo.*) Wir sind endlich gern bereit, in Ostasien den Interessen anderer Großmächte Rechnung zu tragen, in der sicheren Voraussicht, daß unsere eigenen Interessen gleichfalls die ihnen gebührende Würdigung finden. (*Bravo!*) Mit einem Worte: wir wollen niemand in den Schatten stellen, aber wir verlangen auch unseren Platz an der Sonne. (*Bravo!*) In Ostasien wie in Westindien werden wir bestrebt sein, getreu den Überlieferungen der deutschen Politik, ohne unnötige Schärfe, aber auch ohne Schwäche unsere Rechte und unsere Interessen zu wahren. (*Lebhafter Beifall.*)<sup>76</sup>

Para consolidar este protagonismo e concretizar as novas ambições políticas tornava-se necessário, mais do que um discurso político adequado, simultaneamente um símbolo de prestígio internacional e um instrumento suasivo que permitisse à Alemanha aceder ao estatuto de interlocutor válido em questões mundiais. É aqui que a missão de Tirpitz ganha particular relevo. Profundamente marcado pelo darwinismo social e pelo pensamento estratégico do norte-americano Alfred T. Mahan expresso em *The Influence of Sea Power Upon History 1660-1783* (1890)<sup>77</sup>, Tirpitz acreditava que a resposta se encontrava na construção de uma armada poderosa que pudesse fazer frente à até aí incontestada supremacia naval britânica. Com este projecto de uma *Hochseeflotte*, concebida sobretudo para operar no Mar do Norte (e não tanto para proteger as suas colónias ultramarinas ou contrariar a dependência da marinha mercante alemã em relação à *Royal Navy* no tocante a segurança — facto que já Caprivi reconhecera ainda enquanto Chanceler<sup>78</sup>), julgava Tirpitz

---

<sup>75</sup> V. I. Porter e I. Armour, 1991: 76-7.

<sup>76</sup> In M. Fröhlich, 1994: 162-3.

<sup>77</sup> Neste livro, de grande impacte em Inglaterra e cuja tradução e publicação na Alemanha Tirpitz apadrinhara, Mahan desenvolvia a teoria segundo a qual o que definia o percurso da História das nações costeiras e o seu estatuto de potência era a dimensão do poderio naval e a consequente capacidade de controle dos oceanos. Sobre a influência que Mahan exerceu sobre Tirpitz, v. P. Kennedy, 1983: 41-85; 129-53.

<sup>78</sup> A. J. P. Taylor, 1945: 142.

dispôr de um instrumento de pressão e de ameaça constante às águas e costas da Grã-Bretanha. Segundo esta lógica estratégica, os britânicos seriam obrigados a concentrar a sua força naval em águas nacionais, deixando o caminho livre para que a Alemanha pudesse depois intervir à escala mundial. Das alíneas deste seu memorando a Guilherme II, escrito um ano antes da aprovação da Primeira Lei Naval de 1898, se depreende um discurso armamentista marcadamente anglófono:

Die asiatische Frage, die gelegentlichen Brüskierungen Amerikas, der sich langsam vorbereitende Zollverband des British Empire und das angestrebte englische Groß-Afrika scheinen gerade jetzt als eindrucksvolle Mahnrufe für uns.

Dem deutschen Binnenlande muß glaubhaft gemacht werden, daß die heutige Ausgabe für die Marine eine schlechte Geldanlage darstellt und erst bei gewisser Amelioration die eigentliche Rentierung der Flotte anfängt, gerade wie man einem starken Pferd genug Hafer geben muß, um es mit Vorteil verwerten zu können. Wir haben aber keinen Tag Zeit mit der Retablierung der Flotte zu warten “parceque dans la marine rien ne s’improvise”. Besonders scheint erforderlich, die Bedeutung, welche unsere heimischen Geschwader auch bei transatlantischen Interessenkonflikten besitzen, allgemeiner begreiflich zu machen, sowohl in Beziehung auf dortige Nationen als auf europäische Staaten. Selbst der größte Seestaats Europas würde entgegenkommender gegen uns sein, wenn wir 2-3 gute und hochgeschulte Geschwader in diejenige des Konflikts zu werfen imstande wären. Durch Auslandskreuzer würden wir das nie erreichen.<sup>79</sup>

Numa altura em que a Grã-Bretanha contava com trinta e oito couraçados de primeira classe e a Alemanha apenas com sete, Tirpitz sugere em 1898 a construção de mais doze, mas na Segunda Lei Naval, em 1900, já aponta para um total de trinta e oito. De qualquer modo, estes números pareciam não revelar a verdadeira dimensão do ambicioso projecto naval do seu arquitecto, que em 1907 fazia referência a sessenta couraçados. Dados os avultados planos orçamentais que um tal projecto acarretava<sup>80</sup>, só após explorar habilmente os surtos de anglofobia de 1906-7 e 1911-12<sup>81</sup> através da propaganda veiculada pela *Flottenverein* e da *Alldeutscher Verband*, conseguia Tirpitz fazer aprovar as *Novellen* (Leis Suplementares) de 1908 e 1912, assegurando um ritmo mais rápido de crescimento da sua *Hochseeflotte*. Na primeira, por exemplo, previa-se a construção de três a quatro couraçados por

---

<sup>79</sup> In M. Fröhlich, 1994: 152-3.

<sup>80</sup> Dos 117 milhões de marcos previstos em 1897 passara-se para 252 milhões em 1906 (J. Lowe, 1994: 164).

<sup>81</sup> Tratava-se de uma manobra de diversão de que já se havia socorrido em 1898.

ano, automaticamente substituíveis cada vinte anos sem a necessidade de aprovação no *Reichstag* dos respectivos planos orçamentais<sup>82</sup>.

Muito embora a Grã-Bretanha não ficasse indiferente perante o ritmo de crescimento de uma armada com objectivos tão marcadamente hostis, isso não a impediu de se manter envolvida em negociações com a Alemanha. Ainda em 1898, um acordo bilateral sobre a partilha das colónias portuguesas em África seria alcançado e, passados dois anos, outro seria assinado sobre a manutenção da integridade territorial da China (conhecido como o Acordo de Yangtse<sup>83</sup>). *Lord Lansdowne*, então Secretário do *Foreign Office* do governo de *Lord Salisbury*, estava convencido de que seria possível um outro acordo com Berlim para fazer frente à ameaça russa. Todavia, em Março de 1901 esse seu projecto fracassaria tanto por ausência de empenho do lado alemão como por falta de apoio interno. No ano seguinte a Grã-Bretanha conseguia assegurar a cooperação dos alemães num bloqueio à Venezuela para a pressionar ao cumprimento das suas obrigações financeiras, mas, tal como sucedera com o Acordo de Yangtse, os resultados dessa cooperação deixariam muito a desejar<sup>84</sup>.

Estas negociações não seriam, porém, suficientes para distrair os ingleses quanto à evolução da armada alemã. Ao mesmo tempo que Tirpitz tencionava manter o secretismo dos seus projectos numa fase inicial<sup>85</sup>, parecia esquecer-se de que a manutenção do *Two-Power Standard* obrigava o Almirantado a uma revisão anual do número de vasos de guerra que constituía cada uma das armadas estrangeiras. Logo em 1900, ano da aprovação da

---

<sup>82</sup> Para uma informação mais detalhada v. J. Lowe, 1994: 153-9. Sobre os erros estratégicos de Tirpitz v. P. Kennedy, 1989 (1983): 129-60.

<sup>83</sup> Este acordo estava, todavia, condenado ao fracasso uma vez que a Alemanha se recusou a fazer pressões sobre a Rússia - tal como os britânicos haviam pedido - para que esta abandonasse as suas pretensões relativas à Manchúria. Acabaria por ser mais um ponto de atrito entre os dois países e a Grã-Bretanha veria aí um argumento para que não fosse implementada qualquer aliança anglo-germânica (v. M. Chamberlain, 1988: 161).

<sup>84</sup> Em Janeiro de 1903, o bombardeamento de um porto venezuelano pelos alemães gerava ondas de protesto nos Estados Unidos e esse descontentamento chegou a contaminar a própria opinião pública britânica, que receava ver afectadas as suas relações com aquele país por causa da cooperação anglo-alemã. As violentas reacções nos meios de comunicação social britânicos não se fizeram esperar e a imagem típica do alemão seria afectada, particularmente devido ao poema que Rudyard Kipling publicava no *The Times* intitulado «The Rowers», onde se lhe fazia referência como sendo o 'open foe' e o 'shameless Hun'.

<sup>85</sup> A chamada 'zona de perigo', altura em que os britânicos poderiam atacar a ainda incipiente armada sem esta poder ter capacidade de resposta.

Segunda Lei Naval alemã, os círculos políticos e militares britânicos despertavam para o potencial perigo de uma poderosa armada concentrada a poucas horas de distância das suas costas e volvidos dois anos já o Almirantado se debruçava sobre os seus propósitos e dimensões. *Lord Selborne* não escondia a sua preocupação quando se afirmava convencido de que era com vista a uma futura confrontação com a Grã-Bretanha que a marinha de guerra alemã estava a ser construída<sup>86</sup>. Como consequência, estabeleceu-se uma base naval em Rosyth e a *Royal Navy* começou-se a concentrar em águas nacionais a partir de 1904.

Quando Selborne exprimia os seus receios, era publicado *The Riddle of the Sands* de Erskinne Childers, conhecendo, só no ano em que surgiu, duas reimpressões. Suficientemente verosímil a ponto de levar Selborne a inquirir junto do *Naval Intelligence Department (NID)* acerca da viabilidade de uma invasão nos moldes sugeridos por Childers, a história levantava junto de alguns sectores da opinião pública — já de si alarmada com a ineficácia do exército durante a guerra sul-africana e com um eventual declínio da *national efficiency* — sérias reservas quanto à segurança nacional. Embora um relatório exaustivo elaborado pelo *NID* pudesse assegurar a Selborne que uma tal invasão não era exequível, a fobia da invasão do «shameless Hun» ficaria não só enraizada no imaginário popular como ainda daria alento à campanha que Lord Roberts, depois de abandonar o *Committee for Imperial Defence (CID)* em Novembro de 1905, dirigiria na *National Service League* a favor de um ano de serviço militar obrigatório por “every able-bodied white man in the Empire.”<sup>87</sup> Esperava-se deste modo dar resposta à pergunta que ficara em suspenso nas últimas linhas de *The Riddle*: “Is it not becoming patent that the time has come for training all Englishmen systematically either for the sea or for the riddle?”<sup>88</sup>

Entretanto, o ano de 1904 representava o *volte-face* no equilíbrio de forças europeu. Embora a *Entente Cordiale* entre Londres e Paris versasse exclusivamente sobre questões de política colonial — nela ambas as potências esclareciam as suas intenções e definiam quais os seus interesses relativamente a Marrocos e ao Egipto —, von Bülow viria a entendê-la como materialização

---

<sup>86</sup> V. P. Kennedy, 1980: 224.

<sup>87</sup> Idem: 371.

<sup>88</sup> E. Childers, 1976 (1903): 299.

dos seus receios quanto ao cerco político internacional que se começava a enformar em torno do seu país. Seria no sentido de testar a solidez da *Entente* que, em Tânger, no dia 31 de Março de 1905, o Kaiser se prontificaria a fazer referência ao Sultão como sendo soberano de um estado independente. Na sequência desta atitude, a Alemanha exigia pouco depois a realização de uma conferência internacional sobre o destino de Marrocos. Muito embora os alemães tivessem conseguido a demissão do Primeiro-ministro francês Delcassé em Junho de 1905, o facto é que o seu objectivo principal não seria conseguido na Conferência de Algeciras em 1906. Pelo contrário, Edward Grey, o Secretário do *Foreign Office* do novo governo liberal de Campbell-Bannerman, não só se mostrava resoluto em cumprir as suas obrigações para com o novo aliado, como ainda envidou esforços para que as conversações militares secretas entre ambos os países se intensificassem<sup>89</sup>. Além disso, procurando dar resposta ao desafio naval alemão, o Almirantado, já sob a direcção do Almirante John Fisher, defensor acérrimo do radicalismo tecnológico, assegurava, com a implementação do programa Cawdor em Dezembro de 1905, a construção de quatro vasos de guerra por ano.

Se 1906 marcava o momento a partir do qual a *Entente* deixava de ser mais um acordo, entre outros, sobre questões coloniais para passar a uma aliança defensiva à escala continental e se depois de Algeciras, segundo Taylor, “European war was inevitable”<sup>90</sup>, isso devia-se não só ao fracassar do poder negocial alemão, mas sobretudo a um novo clima de desconfiança que se verbalizava nesta carta que Grey escrevera a Campbell-Bannerman ainda antes da conferência ter tido lugar:

Indications keep trickling in that Germany is preparing for war in the spring; France is very apprehensive. I do not think there will be war: I believe the steps taken imply precautions, but not intentions. But the War Office ought, it seems to me to be ready to answer the question, what could they do if we had to take part against Germany, if, for instance, the neutrality of Belgium was violated. Fisher, of course, is prepared to answer the question for the Admiralty at any moment, but that only means driving the German fleet to anchor in Kiel and stay there. At present I am in no difficulty as to what to say or do, but I am apprehensive of what may happen[...].<sup>91</sup>

---

<sup>89</sup> E. Grey, 1925: i 69-99.

<sup>90</sup> A. J. P. Taylor, 1945: 155.

<sup>91</sup> E. Grey, 1925: i 118.

Igualmente a partir de 1906, a corrida naval iria ganhar novo alento com o lançamento à água do primeiro *Dreadnought*. O longo alcance do seu tiro, o poder de fogo dos canhões de 12 polegadas e a velocidade de 21 nós proporcionada por motores de turbina<sup>92</sup> tornavam os couraçados e cruzadores anteriormente construídos estrategicamente obsoletos em caso de combate em alto mar. Iniciava-se, com as inovações nele introduzidas, um período de rápidas transformações tecnológicas, algumas com base em concepções estratégicas há muito defendidas pelo almirante John Arbuthnot Fisher<sup>93</sup> e seguidas de perto pelos alemães. A confiança inspirada pela superioridade qualitativa deste tipo de navio permitia que se procedesse a uma redução no programa Cawdor do número de couraçados e cruzadores a construir nos anos seguintes. Fisher, defensor de uma política de contenção orçamental, prometera a Selborne aumentar a eficiência da sua marinha reduzindo simultaneamente as verbas dos planos orçamentais. Se os gastos totais efectivos atingiam valores para o ano fiscal de 1904-05 na ordem dos 41 milhões de libras, nos três anos fiscais seguintes esses valores decresciam significativamente, alcançando em 1907-08 os 32 milhões de libras<sup>94</sup>. Não obstante, no verão de 1908, Winston Churchill e Lloyd George (futuro campeão do «people's budget») iriam pugnar, embora infrutiferamente, por um *rapprochement* com a Alemanha a fim de se reduzirem ainda mais as despesas navais. Talvez a entrevista de Guilherme II ao *Daily Telegraph* no outono desse ano, onde o *Kaiser* dava mostras de boa-vontade para com o país de sua mãe, pudesse significar o ensejo por parte dos alemães em arriarem caminho após mostras de inflexibilidade na Conferência de Haia para o desarmamento decorrida no ano anterior. Porém, as reacções da opinião pública alemã a essa entrevista - vendo no seu conteúdo um sinal de fraqueza e de negação de todos os objectivos a que a *Weltpolitik* se propunha - apenas alargariam ainda mais o fosso entre os dois países. A política de Guilherme II sofreria então grande contestação

---

<sup>92</sup> J. T. Sumida, 1993 (1989): 56-8.

<sup>93</sup> V. idem: 37-70. É preciso notar, contudo, que a concepção do couraçado *Dreadnought* não se deve a Fisher, que nessa altura defendia, pelo contrário, a construção de embarcações que combinassem a velocidade dos cruzadores e a protecção e o poder de fogo dos couraçados. Numa carta dirigida a Balfour poria em causa a tradicional classificação dos vasos de guerra, sugerindo que se diluísse a distinção entre *battleships* e *armoured cruisers*, e se passasse a utilizar apenas a designação de *armoured ships* ( idem: 58).

<sup>94</sup> Idem: 345.

mesmo dentro do próprio *Reichstag*. Um dos dois presidentes do *SPD*, Paul Singer, exigindo uma revisão constitucional relativamente aos poderes do Imperador, perguntava em Novembro desse ano:

Wie ist es möglich, aus der Politik der Konfusion, aus der Politik des Leichtsinns und der Unfähigkeit, aus der Politik der Reden, Briefe und Telegramme herauszukommen zum Wohle des deutschen Volkes, zu einer Politik, die das deutsche Volk kraft seiner Intelligenz, kraft seiner Leistungen in der Welt zu fordern berechtigt und zu treiben verpflichtet ist? Meine Herren, es ist die allerhöchste Zeit - vielleicht ist es die zwölfte Stunde -, daß der Reichstag Wandel schafft in dieser Politik, Wandel gegen den Kanzler, Wandel gegen den Kaiser . . . Was kann dazu geschehen? Dazu ist notwendig eine Verfassungsänderung, die der Volksvertretung die Entscheidung über Krieg und Frieden in die Hand gibt. Denn in allerletzter Linie sind es doch die Kriege, die als Gespenst am Horizont stehen, die möglich werden, deren Gefahr erhöht wird, wenn die unverantwortliche Politik, dieses personliche Regiment in Deutschland weiter getrieben wird.<sup>95</sup>

Esta radicalização de posições deveria ser enquadrada na nova conjuntura de relações internacionais que se havia estabelecido recentemente. Se é um facto que a Convenção Anglo-Russa de 1907 versava apenas a resolução de tensões entre os interesses dos dois impérios na Ásia - em particular nos territórios limítrofes da Índia -, não deixava por isso de fomentar novo surto anglófono na Alemanha. Tal como acontecera com a *Entente* de 1904, embora este tratado se dedicasse a questões do foro colonial, a opinião pública alemã em geral (e em particular a das elites militares, como acabaria por ficar expresso nos escritos de von Schlieffen, von Moltke e do próprio *Kaiser*) mais uma vez se convenciu de que o cerco apertava e de que a possibilidade de uma Alemanha estrangulada a ocidente e oriente por miríades de exércitos invasores era perigosamente real: os grupos de pressão intensificavam as suas campanhas propagandísticas e Tirpitz conseguia legitimar os argumentos a favor dos seus dispendiosos planos orçamentais para a prossecução da *Flottenpolitik*. Com os quatro navios a construir por ano nos quatro anos seguintes, tal como estipulava a *Novelle* de 1908, a Alemanha ameaçava seriamente suplantar o número de *dreadnoughts* britânicos em 1911.

Na Grã-Bretanha, por seu turno, também os receios despoletados por Childers de uma invasão em larga escala pelo potencial inimigo huno se reacendiam. Para isso contribuiu a obra de um outro escritor muito popular, William le Queux, que desde cedo aliara o seu nome à escrita da ficção de

---

<sup>95</sup> V. G. Fesser, 1991: 524-525.

espionagem<sup>96</sup>, e a quem foi encomendado pelo proprietário do sensacionalista *Daily Mail*, Lord Northcliffe, em 1905, um romance que seria publicado em série sobre uma suposta invasão de Inglaterra. Auxiliado pelo escritor de assuntos navais, H. W. Wilson, e pelo paladino do recrutamento obrigatório, Lord Roberts, Le Queux acabaria por se lançar num empreendimento que daria continuidade à narrativa projectada por Childers: as tropas alemãs ter-se-iam reunido de facto atrás das Ilhas Frísias (local previsto por Childers), desembarcando depois não nas costas do Lincolnshire - tal como estava indicado em *The Riddle* -, mas sim algumas dezenas de milhas a sul, ao largo de Great Yarmouth, em Norfolk. A partir daí, a história, limitando-se a construir os cenários catastrofistas de Roberts, reiterava por via ficcional a sua mensagem darwinista social patente no prefácio: “History tells us in the plainest terms that an Empire which cannot defend its own possessions must inevitably perish.”<sup>97</sup> Apesar da verosimilhança e da fidelidade fotográfica com que Le Queux reconstruía na narrativa os cenários das várias povoações e cidades transformadas agora em palco de encarniçados confrontos<sup>98</sup>, facto é que não só era remota a probabilidade de terem lugar os acontecimentos que estavam na base da estrutura diegética de *The Invasion*, como perdiam sentido face aos desenvolvimentos últimos verificados na correlação de forças existente entre as potências europeias. Era certo que os alemães já haviam contemplado a hipótese de uma invasão do solo britânico. Em 1896, na sequência das tensões geradas em torno do telegrama de felicitações que Guilherme II enviara a Kruger, presidente do Transvaal, por ocasião da fracassada incursão de Jameson em defesa dos *uitlanders*, foram elaborados exaustivos planos com

---

<sup>96</sup> Em 1893, já Harmsworth, ainda antes de fundar o *Daily Mail*, tinha encomendado a Le Queux um conto serializado, “The Poisoned Bullet”, onde a França e Rússia traiçoeiramente assaltavam as costas britânicas. Em 1894, Grã-Bretanha e Alemanha reuniam esforços para derrotar novamente os mesmos inimigos em *The Great War in England*. A ameaça francesa reemergia mais tarde, em *England’s Peril: A Story of the Secret Service* de 1899. Desta feita, o perigo estava reencarnado na personagem do *agent provocateur* Gaston La Touche. Ainda em 1903, com *Secrets of the Foreign Office*, a França continuava representando o maior desafio para os britânicos, cuja a segurança estava inteiramente nas mãos de Duckworth Drew, agente secreto do *Foreign Office*. V. I. F. Clarke, 1992 (1966): 106-7, 122-3; C. Andrew 1986: 68-9, 71-2.

<sup>97</sup> W. Le Queux, 1906: v.

<sup>98</sup> Le Queux seria instigado, por motivos de *marketing*, a alterar a rota original das tropas alemãs. Harmsworth convenceu-lo a fazer referência às cidades de maiores dimensões de Sheffield até Chelmsford, e não a pequenas vilas do interior onde o *Daily Mail* não teria possibilidade de alcançar um elevado número de vendas (v. I. F. Clarke, 1992 (1966):122).

vista a um rápido ataque contra a Grã-Bretanha envolvendo um desembarque nas suas costas orientais. Apresentados ao *Kaiser* pelo Vice-Almirante von Knorr, estes planos sofreriam ainda algumas alterações que coincidentemente fariam jus ao pensamento estratégico de Childers e de Le Queux: não só se previa a reunião das tropas nos portos do Mar do Norte, como ainda o seu rápido transporte em barcos a vapor<sup>99</sup> até às costas de Great Yarmouth, de onde poderiam marchar sobre Londres; entretanto, o grosso das forças navais britânicas concentradas no Mediterrâneo não conseguiria chegar a tempo por forma a evitar o desastre. Mau grado o tempo dispendido com este plano, os próprios estrategas alemães poucos anos depois rejeitariam tal iniciativa: von Schlieffen, então Chefe do Estado Maior prussiano, considerava que investir nesse projecto mais não seria do que descurar a segurança da própria Alemanha, obrigada de antemão a concentrar as suas forças armadas junto das fronteiras com a França e Rússia; Tirpitz, por sua vez, reconhecia que a superioridade numérica da *Royal Navy* e a sua recente concentração no Mar do Norte desencorajavam qualquer tentativa de desembarque nas costas da Grã-Bretanha<sup>100</sup>.

Se bem que os espectros de uma invasão não passassem de meras efabulações instigadas por aqueles que, como Roberts ou Leo Maxse, davam mostras de preocupação com a *national efficiency*, o facto é que um público leitor crédulo e ávido de narrativas congéneres em breve seria arrastado para um clima próximo da histeria colectiva. Uma vez que a história de Le Queux fazia menção a uma rede organizada de espões alemães encarregues de actos de sabotagem na véspera da invasão, desde logo se instaurou uma atmosfera de suspeição no tocante a estrangeiros que infectou a sociedade eduardiana e as próprias instituições de defesa nacional. Para David French, não há dúvida que existia “[a] close connexion between fictional spy stories written by popular propagandists, the public alarm they caused, and the conviction in official circles that German spies were at work in Britain in large numbers.”<sup>101</sup> Isso

---

<sup>99</sup> Curiosamente, alguns oficiais alemães defenderiam, como Childers, o uso de chatas para o transporte das tropas, mas as más condições de navegabilidade em alto mar inviabilizaram tal ideia (*The Times*, 3 Jan. 1981).

<sup>100</sup> Id. *ibid.*. V. também P. Kennedy, 1983: 136, 234; D. French, 1978: 355.

<sup>101</sup> D. French, 1978: 357.

encontrava-se bem patente na constituição em 1907 — após pressão de uma campanha pública despoletada por Leo Maxse, pelo coronel Repington e pelo colaborador de Le Queux, H. W. Wilson, com o apoio do próprio *Lord Roberts* —, de um subcomité do *CID*, presidido por Asquith, encarregue de estudar a possibilidade de invasão da Grã-Bretanha pela Alemanha. A sua conclusão de que qualquer ataque de surpresa seria impossível não era, todavia, de todo convincente junto da opinião pública. Entretanto, o tenete coronel James Edmonds que tomava a si a responsabilidade do *M.O.5* em Outubro de 1907, alarmado com a quase inexistência nos seus arquivos de informações sobre a marinha, o exército e os serviços secretos alemães, começava a recolher relatos, na maior parte fictícios, sobre alegados espiões em solo britânico. Ele próprio influenciado por Le Queux, de quem recebia uma boa parte desses relatos forjados<sup>102</sup>, comparecia perante um outro subcomité do *CID*, convocado em Agosto de 1909 por Haldane, Secretário do *War Office*, para determinar até onde ia a espionagem estrangeira dentro do país e de que modo poderia pôr em causa a sua segurança<sup>103</sup>. Tendo elaborado com base nos dados recebidos um relatório no qual apresentava uma tipologia do agente secreto alemão<sup>104</sup>, Edmonds conseguia convencer o subcomité e o relutante Haldane da existência de uma rede de espionagem alemã operando na Grã-Bretanha, o que não era de todo falso. Confessando-se, contudo, incompetente para determinar as dimensões e os objectivos de tal rede, o subcomité emitiria quatro recomendações: um controlo mais rigoroso dos estrangeiros (que seria conseguido em 1911 com a aprovação da abertura de um registo de estrangeiros no *Aliens Subcommittee* do *CID* presidido por Churchill); a revisão do *Official Secrets Act* de 1889 (aprovada no verão de 1911 na sequência da crise de Agadir); um esquema de prevenção de actos de sabotagem e, ainda, a constituição de um departamento de serviços secretos que viria ser o antecessor do *MI5* e do *MI6*. Haldane, apesar de não atribuir particular relevo aos relatos infundados de Edmonds, chegando mesmo a

---

<sup>102</sup> Alguns desses relatos, como prova Hiley, surgiam na sequência de um concurso - 'Have You Seen a Spy?' - organizado em Fevereiro de 1909 pelo *Weekly News* ao mesmo tempo que este fazia lançamento de mais um romance serializado de Le Queux, *Spies of the Kaiser*. V. P. Hiley, 1985: 844; e também B. Porter, 1992 (1989): 126.

<sup>103</sup> V. C. Andrew, 1986 (1985): 93.

<sup>104</sup> Para uma descrição mais exaustiva dessa tipologia v. P. Hiley, 1985: 841.

considerá-los ridículos, estava ciente do perigo de instabilidade interna que a fobia poderia causar e de quanto isso seria susceptível de comprometer qualquer decisão política relativamente ao envolvimento da Força Expedicionária, organizada havia dois anos, numa guerra no continente (objectivo, aliás, para o qual tinha sido criada)<sup>105</sup>.

Numa carta dirigida a Fisher, Lord Esher, especialista de defesa, consideraria, pelo contrário, que os receios que motivavam essas histórias poderiam ser instrumentalizados por forma a assegurar a adesão popular à causa armamentista. Como escreveria, “[a]n invasion scare is the mill of God which grinds you out a navy of dreadnoughts and keeps the British people war-like in spirit.”<sup>106</sup> De qualquer modo, a obsessão por uma Grã-Bretanha invadida por alemães apenas se revelaria prejudicial para os recém-criados serviços secretos, uma vez que estes concentrariam os seus esforços na recolha dos planos de invasão, relegando para segundo plano qualquer outra informação que não se lhe associasse, mas que seria da maior importância para prever o desenvolvimento da guerra, como o caso do plano Schlieffen e de muitos outros dados técnicos relativos à marinha e defesa costeira enviados pelos seus agentes no terreno. Na realidade, grande parte da informação de valor fulcral seria ignorada pela miopia intelectual da secção estrangeira do *Secret Service Bureau* sob a responsabilidade do comandante Mansfield G. Smith-Cumming<sup>107</sup>.

Mau grado a animosidade contra a Alemanha que as narrativas ficcionais causavam na opinião pública e os caricatos casos de espionagem postos a descoberto<sup>108</sup>, as posições de Grey face àquele país eram cautelosas e moderadas, tanto mais que era pressionado pela ala radical do seu partido a tentar um *rapprochement*. Com anexação pela Áustria-Hungria em 1908 da Bósnia e da Herzegovina - duas províncias havia muito reclamadas pelos

---

<sup>105</sup> Idem: 844.

<sup>106</sup> L. Trainor, 1973: 26; C. Andrew 1986 (1985): 86.

<sup>107</sup> V. P. Hiley, 1983: 887-8.

<sup>108</sup> V. C. Andrew, 1986 (1985): 102-137. Curiosamente, casos houve em que agentes secretos se confessaram assíduos leitores de literatura de espionagem. Num desses casos, o tenente Brandon, capturado em Agosto de 1910 a estudar juntamente com o capitão Trench as defesas costeiras alemãs do Mar do Norte (à semelhança do que faziam Carruthers e Davies em *The Riddle*), confessaria durante o seu julgamento ter lido a obra de Childers três vezes (idem: 130-1).

sérvios apostados em criar um estado eslavo mais vasto do que aquele que lhes ditavam as suas fronteiras de 1867 - novo conflito se desenhava nos Balcãs. O facto de a Alemanha, em 1909, se comprometer ante o primeiro em o apoiar numa guerra preventiva nessa região, onde uma potencial intervenção russa ameaçava os interesses alemães na área, em particular na Turquia, e a aceleração da construção de *dreadnoughts* alemães verificada após a *Novelle* de 1908 - e que terá suscitado na Grã-Bretanha o *navy-scare* de 1908-9 - terão sido certamente dois factores de peso que contribuíram para aumentar a desconfiança dos políticos britânicos quanto às intenções do seu rival decidindo-os a acelerar o ritmo de construção naval até 1911<sup>109</sup>.

Em Junho desse ano, outra questão viria novamente a criar tensões entre a Grã-Bretanha e a Alemanha. Kinderlen-Wächter, Ministro dos Negócios Estrangeiros alemão, despoletava, com o envio de um vaso de guerra para Agadir, a segunda crise de Marrocos. Julgando possível pressionar o governo de Paris a ir de encontro às suas exigências, Kinderlen procurava não só daí tirar dividendos coloniais, em particular a obtenção do Congo francês, como ainda testar mais uma vez a solidez da *Entente*. Grey, que até então tentara uma aproximação da Alemanha, via-se agora na contingência de dar novamente apoio aos franceses. Após contactos com o Conde Metternich, embaixador alemão em Londres, e perante o prolongado silêncio de Berlim, Grey sancionaria um discurso proferido em 21 de Julho pelo então Chanceler do Tesouro, Lloyd George:

I conceive that nothing would justify a disturbance of international good-will except questions of the gravest national moment. But if a situation were to be forced upon us in which peace could only be preserved by the surrender of the great and beneficent position Britain has won by centuries of heroism and achievement, by allowing Britain to be treated, where her interests were vitally affected, as if she were of no account in the Cabinet of nations, then I say emphatically that peace at that price would be a humiliation intolerable for a great country like ours to endure.<sup>110</sup>

---

<sup>109</sup> Isto era conseguido não sem gerar grande controvérsia. O governo de Asquith era criticado pelos conservadores pela sua passividade perante o perigo naval alemão ao mesmo tempo que tentava satisfazer os que exigiam a implementação de medidas de carácter social (v. D. Reynolds, 1991: 81). Por outro lado, a própria opinião pública, ecoando os receios dos propagandistas, exigia a construção de oito *dreadnoughts* por ano: 'we want eight and we won't wait' tornar-se-ia o moto da campanha (v. L. Trainor, 1973: 26).

<sup>110</sup> Ap. E. Grey, 1925: 224-5.

Uma vez que, perante a opinião pública alemã, Lloyd George sempre fôra conotado com a ala pró-germânica dentro do governo, o seu discurso marcava uma posição de força que seria do desagrado de Berlim e que causaria novo surto de anglofobia. Aquilo que se iniciara como uma afronta alemã aos interesses franceses em Marrocos ameaçava tornar-se, de um momento para outro, num conflito aberto entre a Grã-Bretanha e a Alemanha. Tal como em 1906, as ameaças da Alemanha de levar as suas pretensões até às últimas consequências não se concretizariam e a sua credibilidade seria novamente posta em causa. Nas palavras do próprio Edward Grey, “[w]hat purpose did that business serve, except to bring England and France closer together?”<sup>111</sup> De facto, as exigências dos alemães mais não fizeram do que intensificar as conversações secretas entre os Estados Maiores francês e britânico. Era agora certo que os franceses contavam com o apoio dos britânicos em caso de guerra com a Alemanha, particularmente na defesa das suas costas setentrionais. Uma vez que a França se comprometia a defender as águas do Mediterrâneo, Churchill, que recebia o Almirantado em Outubro de 1911, ciente das obrigações morais que tal compromisso exigia da Grã-Bretanha, concentrou o grosso da sua esquadra do Mediterrâneo no Mar do Norte.

Curiosamente, a seguir à crise de Agadir as relações anglo-germânicas registaram um relaxamento de tensões. Grey, que sempre se predispusera, num espírito de *appeasement*, a tentar uma abertura com Berlim, receberia com algum agrado no início do ano seguinte a informação de que o *Kaiser* estava receptivo à ideia de acolher a visita de um ministro britânico para se tentar um *rapprochement*. Mau grado as expectativas geradas, a missão de Haldane a Berlim redundaria num fracasso. Os alemães propunham à Grã-Bretanha que esta se mantivesse neutra em caso de guerra na Europa e, na eventualidade de aceitação, ofereceriam em troca algo que, na realidade, Tirpitz e os seus acólitos não tinham intenções de tolerar: uma redução no ritmo de crescimento da sua marinha de guerra. Apesar de Berlim alimentar as esperanças de uma aliança ante a apreensão de Paris, Bethmann-Holweg acabaria por rejeitar a fórmula política proposta pelo governo de Asquith, a qual ditava que a Grã-Bretanha se comprometia a não se aliar a qualquer potência agressora

---

<sup>111</sup> Idem: 243.

contra a Alemanha. Esta rejeição e a proposta de uma outra *Novelle* no *Reichstag* acabariam por revelar a intransigência de Berlim. Londres, por seu turno, também dava a entender que não estaria disposta a enfraquecer a sua posição. Churchill, tendo tomado com alguma antecedência conhecimento do conteúdo do futuro programa naval alemão, declarava num discurso proferido em Glasgow dois dias antes do regresso de Haldane:

The British Navy is to us a necessity and, from some points of view, the German Navy is to them more in the nature of a luxury. Our naval power involves British existence. It is existence to us; it is expansion to them.[...] As naval competition becomes more acute, we shall have not only to increase the number of ships we build, but the ratio which our naval strength will have to bear to other great naval Powers, so that our margin of superiority will become larger and not smaller as the strain grows greater.<sup>112</sup>

A infeliz tradução deste discurso na Alemanha, onde se falava de uma «Luxus Flotte», terá causado algum alarido não só lá como ainda em Londres. Criticado por alguns colegas do *Cabinet* por ter comprometido os argumentos de Haldane, Churchill seria, afinal, felicitado pelo próprio emissário por o ter auxiliado a corroborar o aviso — por ele próprio previamente feito ante o Chanceler alemão — de que se a Alemanha insistisse em acrescentar uma terceira esquadra, a Grã-Bretanha responderia com cinco ou seis em águas nacionais. Goravam-se, assim, quaisquer expectativas até então alimentadas de um futuro acordo. Contudo, a Grã-Bretanha, resoluta em não se deixar ultrapassar pela Alemanha na corrida naval, conseguia assegurar a vitória quando, em 1914, dispunha vinte e três *dreadnoughts* contra os treze alemães.

Não obstante estas divergências, até à crise de Julho de 1914, a Grã-Bretanha e a Alemanha conseguiriam chegar a acordo noutras matérias. Com a supremacia naval assegurada e uma vez que o perigo russo pendia novamente sobre os territórios acordados em 1907 (o que provava o carácter transitório das *ententes* e, conseqüentemente, a inexistência de uma conjugação de forças europeia totalmente definida contra o perigo alemão), a Grã-Bretanha insistia em flexibilizar as suas relações com a Alemanha. Em conjunto, estes países conseguiam evitar, com assinatura do Tratado de Bucareste em 1913, a deflagração de um conflito entre a Áustria-Hungria e a Rússia por causa da guerra nos Balcãs, e, ao mesmo tempo que Londres retirava as suas objecções

---

<sup>112</sup> W. Churchill, 1960 (1923): 75-6.

quanto à ligação ferroviária entre Berlim e Bagdade, planos de partição entre ambos das colónias portuguesas em África eram de novo elaborados. Seria ainda dentro deste espírito de cooperação com o governo de Bethmann-Holweg que Grey sugeriria àquele, em 25 de Julho de 1914, uma reedição da conferência embaixatorial de 1912, onde os britânicos e os alemães procederiam à mediação das partes em confronto. Tal como sucedera com a crise de Agadir, Berlim respondia com o silêncio. *Alea jacta erat.*

### **Economia: «*the unfair play*»**

A situação de tensão a nível do xadrez político europeu e de perigo iminente de perda de estatuto hegemónico por parte da Grã-Bretanha não se traduzia apenas na possibilidade de um conflito militar com Alemanha. *Lord Rosebery* avisara que apenas investir na defesa naval não seria suficiente para defender o país dos ataques dos seus rivais especializados “in the arts of peace”<sup>113</sup>. Os próprios alemães estavam cientes de que o domínio sobre os restantes países da Europa passava pela consolidação do seu estatuto económico. Como diria o industrial *Hugo Stinnes* em 1911, “dêem-nos mais três ou quatro anos de desenvolvimento pacífico, e a Alemanha será o dono indisputado da Europa.”<sup>114</sup>

Se é um dado assente que, graças ao *laissez-faire* económico e a uma industrialização precoce, a economia britânica, ao longo da maior parte do século XIX, se revelou como a mais forte a nível mundial, permitindo-lhe assumir a primazia nos mais variados sectores, também não deixa de ser consensual entre os estudiosos da matéria que, mormente nas últimas duas décadas do século passado e nos primeiros anos do presente, o ritmo de

---

<sup>113</sup> V. D. Reynolds, 1991: 70.

<sup>114</sup> In I. Porter e I. Armour, 1991: 96.

crescimento começava gradualmente a adquirir um *andamento* mais lento: sendo a taxa de crescimento anual entre 1860 e 1880 de 1,65%, no período compreendido entre 1880 e 1913 passa para 1,10%<sup>115</sup>. A partir do último quartel do século passado, a Grã-Bretanha começa a enfrentar a competição muito mais renhida de outras economias. Em particular dos EUA — uma vez saradas as feridas da Guerra Civil, recuperavam agora terreno perdido, duplicando entre 1860 e 1880 a sua quota relativa de produção industrial mundial total (de 7,2% para a 14,7%) e chegando a 32,0% em 1913. Por seu turno, a Alemanha, novo país em que o papel intervencionista do Estado, sob a batuta de Bismarck, foi fundamental para uma acelerada industrialização, chegou, mesmo, a suplantar em 1,2% a quota britânica, que se situava no ano anterior à Grande Guerra em 13,6%<sup>116</sup>. A Grã-Bretanha via agora os mercados onde dominara indisputavelmente durante largas décadas serem invadidos por produtos oriundos de países que desenvolveram as mesmas indústrias que desde muito cedo haviam constituído o grosso das exportações britânicas, em particular aa do ferro, do aço, e dos produtos de algodão. Por volta 1900, por exemplo, a Alemanha alcançava a supremacia na Europa em termos de tecnologia mineira e metalúrgica — já para não falar das indústrias química, óptica e de engenharia eléctrica, em que já adquirira predominância<sup>117</sup> — enquanto os EUA, cuja extensão territorial, assim como a disponibilidade de recursos e de mão-de-obra não eram em nada comparáveis às dos países europeus, já tinham alcançado em 1886 a posição de primazia mundial em termos de tonelagem de aço produzida<sup>118</sup>, atingindo vinte e seis milhões de toneladas em 1910 (enquanto a Alemanha conseguia chegar a metade da produção americana e a produção britânica não atingia os seis milhões)<sup>119</sup>. Perante estes indicadores, adensava-se junto da opinião pública o espectro da perda de hegemonia económica, que se traduzia no receio de ver os mercados da Grã-Bretanha inundados por produtos de qualidade superior de origem estrangeira, receio esse que encontrava voz em 1896 num *bestseller* de E. E.

---

<sup>115</sup> S. Pollard, 1989: 263.

<sup>116</sup> D. Reynolds: 1991: 12.

<sup>117</sup> P. Mathias, 1983 (1969): 383.

<sup>118</sup> S. Pollard, 1989: 27.

<sup>119</sup> S. Lee, 1994: 259.

Williams, *Made in Germany*, seguido em 1902 de *The American Invaders* de Frederick Mackenzie.

O mais alarmante, contudo, era que, na entrada do novo século até 1913, algumas estatísticas apontavam para uma quase estagnação<sup>120</sup>, senão mesmo declínio - ainda que não em termos absolutos - da economia britânica, o que explica em larga medida as perturbações sociais do «Great Labour Unrest»<sup>121</sup>. De facto, se se tiver por exemplo em conta o rendimento líquido anual *per capita* na Grã-Bretanha, verificar-se-á que este quase duplicou entre 1880 e 1899 — de 26,9 libras passou-se para 44,1 libras —, mas que, entretanto, no ano imediatamente anterior ao início da Grande Guerra, quase nenhuma diferença registava em relação a 1899, não passando de 44,3 libras<sup>122</sup>, o que indicava que o aumento do rendimento líquido se limitara a acompanhar o crescimento populacional. O mesmo indicava uma análise do produto interno bruto (PIB): enquanto, entre 1856 e 1873, a sua taxa de crescimento se situava na ordem dos 2,2% (1,38% *per capita*), já para o período seguinte, que vai até 1913 descia para os 1,8% (0,9% *per capita*)<sup>123</sup>. Note-se, entretanto, que a partir de 1873 a taxa de formação bruta de capital fixo era demasiado baixa para permitir elevadas percentagens de crescimento (cifrando-se em somente 6,1% do PIB) e que nos EUA e na Alemanha essa taxa atingia mais do que o dobro da britânica<sup>124</sup>. Regressão indubitável verificava-se quer a nível da quota do mercado mundial (em 1870 situava-se nos 25% e quarenta e três anos volvidos nos 14%), quer a nível da capacidade manufacturera mundial (de 32% em 1870 passara para 15% em 1913, altura em que os EUA atingiam 35%)<sup>125</sup>.

Várias explicações foram propostas para explicar este fenómeno; umas apontando para causas internas, outras para motivações de ordem externa. Quanto às primeiras, Lee<sup>126</sup> aponta algumas teses tradicionalmente defendidas que dão conta da inevitabilidade dessa desaceleração económica. Em primeiro

---

<sup>120</sup> R. S. Sayers, 1967: 29.

<sup>121</sup> B. Porter, 1992 (1985): 121.

<sup>122</sup> A preços de 1900. V. R. S. Sayers, 1967: 11.

<sup>123</sup> S. Pollard, 1989: 3.

<sup>124</sup> P. Mathias, 1983 (1969): 372.

<sup>125</sup> P. Kennedy, 1989 (1983): 92.

<sup>126</sup> S. Lee, 1994: 275-281.

lugar, o desenvolvimento precoce da indústria britânica teria permitido à sua economia antecipar-se relativamente a outras, dando assim azo a uma rápida consolidação do seu estatuto a nível do comércio internacional no domínio da exportação de um conjunto bem delimitado de produtos que viriam a adquirir uma posição-chave no seu desenvolvimento económico: o ferro e o aço, o carvão, a construção naval e os têxteis. As exportações britânicas teriam ficado demasiado dependentes destas indústrias e conseqüentemente teria perdido o interesse em explorar outros domínios com maior potencial de crescimento que requeriam conhecimentos técnicos e científicos bem mais avançados, como sejam a engenharia eléctrica e a química. Seria entretanto de esperar que outros países dotados dos mesmos ou maiores recursos e com mercados internos similares ou mais vastos acabassem mais cedo ou mais tarde por tentar dar resposta às suas necessidades munindo-se eles próprios não só das indústrias basilares, como ainda apostando nas novas tecnologias. Uma vez que entravam na corrida mais tardiamente, estariam em posição de se socorrerem de inovações tecnológicas de que à Grã-Bretanha, ora por inércia empresarial, ora por elevados custos de reconversão, se alheava — isto apesar de alguma da maquinaria estar já obsoleta ou ultrapassada. Uma outra explicação seria aquela que é conhecida pela «third generation thesis», segundo a qual o espírito empresarial teria sossobrado face aos imperativos de prestígio social, assistindo-se assim a uma aristocratização da burguesia endinheirada e a um subsequente desinteresse pelo reinvestimento ou renovação das empresas herdadas<sup>127</sup>.

Sidney Pollard, num dos mais recentes estudos económicos sobre o período em causa, *Britain's Prime and Britain's Decline*, não obstante a popularidade das teses anteriormente referidas, tenta, senão refutá-las, pelos menos questionar algumas das assunções em que assentam. Por um lado, não há provas de que iniciativa empresarial estivesse moribunda; pelo contrário, esta encontrava expressão noutros sectores que não os da indústria, especialmente no de serviços, para onde transitavam agora muitos dos recursos,

---

<sup>127</sup> Sobre o modo como as empresas familiares terão sido responsáveis pela queda na quota percentual da produção industrial europeia v. R. Church, «Enterprise and Management», in D. H. Aldcroft e Simon P. Ville (eds.), 1994: 145.

em especial a mão-de-obra<sup>128</sup>. Também nesta altura se verificou por parte do empresariado uma forte aposta, que acabaria por se revelar bem sucedida, em produtos orientados para dar resposta a uma emergente sociedade de consumo: jornais, enlatados, produtos de *ménage*, cosmética e bicicletas<sup>129</sup>. Houve, por outro lado, inovações tecnológicas importantes — sobretudo no campo da engenharia naval, área em que os britânicos nunca perderam a primazia<sup>130</sup>. Se estas não eram mais visíveis na Grã-Bretanha do que na Alemanha, por exemplo, tal se deveria ao facto de ser notória a relação que neste último país existia entre a educação e a investigação universitárias e os benefícios que daí advinham para as indústrias<sup>131</sup>, assim como ao facto de a tradição científica britânica assentar no amadorismo, na ausência de ortodoxia e consequentemente numa maior liberdade de acção individual. Isto não implica, é claro, inferior qualidade no trabalho de pesquisa, além de que as descobertas científicas não sendo monopólio exclusivo de determinado país, podem ser transmitidas e encontrar aplicação noutros. Tendo-se registado uma gradual transição da predominância sectorial do secundário para o terciário, mormente para a banca e seguros, mais dependente ficava a economia da Grã-Bretanha dos rendimentos invisíveis proporcionados por uma City cada vez mais vocacionada para o estrangeiro. Daí Pollard colocar a ênfase na necessidade de se fazer uma leitura dos processos por que passou a economia britânica neste período em termos das condições de crescimento da economia internacional:

It is not difficult to see why the thesis that there was a downturn in the British economy somewhere near the end of the nineteenth century, and that the relative decline has continued ever since, should have enjoyed such popularity in recent years, at least among British authors. That there was a change at that time is undisputed: this was the change-over from solitary pre-eminence in industrial and mining production to being one of several industrialized countries, each of which had access to similar capital resources, technical equipment and scientific know-how. It was a traumatic experience for many British citizens, and one which they had scarcely fully absorbed...<sup>132</sup>

---

128 S. Pollard, 1989: 8, 52.

129 Idem: 51.

130 R. S. Sayers, 1967: 93-100.

131 Cf. D. S. L. Cardwell, 1972 (1957): 167-179.

132 S. Pollard, 1989: 271.

Não deixa, pois, de ser errado entender a economia britânica encerrada sobre si mesma e tentar explicar os factores de declínio a partir de condicionalismos endógenos. Em grande medida, o facto de esta economia ser, em 1913, a mais bem sucedida da Europa, como afirma Pollard, deve-se precisamente ao modo como Londres conseguiu tornar-se no primeiro grande centro financeiro do mundo, estando então o grosso das suas instituições de crédito voltadas para a exportação de capital, seja sob a forma de empréstimos, seja sob a forma de investimentos directos. Naquele ano, do total do rendimento nacional, cerca de 350 milhões de libras<sup>133</sup>, um sexto destinava-se a investimentos, e desse sexto mais de metade — i.e. 200 milhões de libras — estavam sendo canalizados para o estrangeiro, o que se traduzia em 1914 numa quota de mercado de 43%, mais do dobro do que a França, com 20%, e muito distante da sua grande rival industrial, a Alemanha, cuja quota se cifrava em apenas 13%<sup>134</sup>.

A precoce acumulação de capital, a sua disponibilidade através de um mercado financeiro altamente especializado, o liberalismo económico que excluía qualquer tentativa de intervenção estatal e o desenvolvimento das outras economias, suas potenciais mutuárias, têm sido apontadas como as principais condições que permitiram à City adquirir o seu estatuto singular<sup>135</sup> e exportar cerca de um terço da sua riqueza nacional<sup>136</sup>. Apesar de serem os rendimentos das exportações «invisíveis» auferidos por estas instituições financeiras os grandes responsáveis pelo crescimento da economia britânica neste período, o facto é que esse estatuto acarretava alguns efeitos secundários indesejados. Estando, por um lado, a City orientada para o estrangeiro, a aposta na reciclagem das indústrias britânicas através do investimento interno era relegada para um plano secundário, afectando deste modo a própria taxa de crescimento da produção industrial. Por outro lado, crenes de que apenas a circulação de capitais era geradora de riqueza, os responsáveis pelo Bank of England (que se manteria privado até 1946) não se acautelavam quanto às reservas de ouro, pelo que esta instituição possuía quantidades de tal maneira

---

<sup>133</sup> R. S. Sayers, 1967: 143.

<sup>134</sup> A. G. Kenwood e A. L. Loughheed, 1992 (1971): 27.

<sup>135</sup> P. Kennedy, 1989 (1983): 93.

<sup>136</sup> S. Pollard, 1989: 61.

baixas relativamente ao PIB e ao seu comércio externo que estava mais sujeita a flutuações nas taxas de juro do que as suas congéneres alemã (o *Reichsbank*) e francesa (o *Banque de France*)<sup>137</sup>, o que, segundo Lee, não criava um ambiente estável para o investimento. Outro problema residia no facto de as exportações de capitais para determinados países, cujas economias se encontravam até certa altura em relação de complementaridade com a britânica, acabarem por lhes permitir entrar em competição directa com a Grã-Bretanha<sup>138</sup>.

A este respeito, é paradigmática a sua relação com a Alemanha, país que, ao contrário do que advogava a doutrina do *laissez-faire*, desde cedo adoptara uma política intervencionista visando o rápido crescimento da indústria e cuja ambiciosa *Weltpolitik* a levaria a tentar estabelecer uma alternativa ao eixo de acumulação de capital que se formara entre a Grã-Bretanha, o Império e os EUA<sup>139</sup>. Já em 1879, os alemães haviam introduzido taxas de importação sobre produtos agrícolas<sup>140</sup> e fabris, tendo contudo o cuidado de deixar isentas as matérias-primas, procedimento que se manteria na nova revisão tarifária geral de 1902<sup>141</sup>. Para conseguirem, por seu turno, em termos da política de exportação, uma melhor penetração nos mercados externos, também se socorriam da prática (actualmente proibida pelo GATT) do *dumping*<sup>142</sup>, sobretudo na exportação de ferro e aço para a indústria naval britânica. Além da intervenção estatal, também os bancos alemães seguiam uma política em relação ao investimento interno distinta dos britânicos, não só financiando em peso a formação de novas empresas, como ainda fornecendo toda a assistência e o *know-how* necessários para se assegurarem da rentabilidade dos seus investimentos, muito embora negligenciassem o pequeno empresário. É neste contexto que surge o projecto tarifário de Chamberlain, visando precisamente

---

<sup>137</sup> S. J. Lee, 1994: 278.

<sup>138</sup> A este respeito, Pollard opõe-se a Sayers: de acordo com o primeiro, apoiar as economias complementares não tem de ser necessariamente benéfico. V. S. Pollard, 1989: 101.

<sup>139</sup> J. Agnew e S. Corbridge, 1995: 35.

<sup>140</sup> Note-se que, graças a isto, em 1913, ainda 35% da população activa se dedicavam à agricultura (v. J. Foreman-Peck, «Foreign Trade and Economic Growth», in D. H. Aldcroft e Simon P. Ville (eds.), 1994: 233).

<sup>141</sup> A. G. Kenwood e A. L. Loughheed, 1992 (1972): 72.

<sup>142</sup> O *dumping* consiste na venda no estrangeiro de um determinado produto por preços inferiores em relação aos que são praticados no próprio país produtor.

penalizar aquelas economias que levantavam sérios entraves à entrada dos produtos britânicos, em particular a alemã e a americana, ao mesmo tempo que consolidaria, como alternativa aos seus mercados, um relacionamento económico mais estreito com o Império<sup>143</sup>. Muito embora este começasse a adquirir gradualmente maior importância como receptor do investimento britânico a partir da década de setenta, absorvendo 43,5% da exportação de capital entre 1890 e 1914<sup>144</sup>, e os seus mercados comesçassem a ser mais apetecidos do que os europeus e americanos devido às barreiras tarifárias que estes erguiam, facto é que a City foi um dos principais opositores a esse esquema, receando por certo qualquer efeito negativo a nível da procura internacional dos seus produtos financeiros. Seriam estas resistências que conduziriam Chamberlain a demitir-se da equipa de Balfour em 1903. Posteriormente, as dissensões sentidas no interior do partido entre os que se opunham à causa de Chamberlain e os *Tariff reformers* contribuíram para a queda do próprio governo conservantista nas eleições de 1905.

Todavia, os atritos e as divergências existentes a nível de política económica entre a Grã-Bretanha e a Alemanha — entre as duas potências que, como afirmam Agnew e Corbridge, constituíram os dois elementos da polarização da ordem geopolítica mundial do período <sup>145</sup>— não devem ser hipervalorizados. Do mesmo modo como, de acordo com Mahan, a Alemanha precisava da boa-vontade britânica para ver vingar o seu projecto imperialista ultramarino, também teria que, a fim de consolidar a sua posição de potência económica, estar dependente daquele outro país e da acessibilidade do seu crédito. Entretanto, do outro lado do Canal, um estudo realizado para o *CID*, além de constatar o quão facilmente poderiam as reservas de ouro do banco central transitar para os cofres de bancos estrangeiros, não só revelava que a exportação de capital britânico para a Alemanha tinha sido de tal ordem substancial que fôra responsável em grande medida pelo rápido desenvolvimento da indústria alemã, como ainda chegava à conclusão de que, em caso de conflito, muitos bancos londrinos correriam o risco da bancarrota,

---

<sup>143</sup> Note-se que, entretanto, a *Imperial Preference* só entra em vigor um ano depois do fim da Primeira Grande Guerra. Sobre o modo como a Alemanha reage às propostas de Chamberlain v. J. Lowe, 1994: 162.

<sup>144</sup> S. Pollard, 1989: 105.

<sup>145</sup> J. Agnew e S. Corbridge, 1995: 32.

credores que eram de milhões de libras dos seus mutuários alemães uma vez que a moratória de Berlim cancelaria todos os pagamentos ao estrangeiro. Esse relatório, intitulado *Trading with the Enemy* e elaborado em 1911, logo após a segunda crise marroquina, contemplando a possibilidade de guerra com a Alemanha, acabaria por provar a total desarticulação entre os interesses da City e as grandes linhas da política externa adoptadas pelo *Foreign Office*, que se opunha abertamente à exportação de capital por criar uma maior dependência em relação ao estrangeiro. Ilustrativo dessa desarticulação é o facto de a Lloyds ter na altura por segurada grande parte da marinha mercante alemã e de os seus contratos contemplarem indemnizações em caso de ataque por parte de potências hostis (incluindo a Grã-Bretanha). Por consequência, todo esforço da *Royal Navy* para apresar, danificar ou destruir cargueiros alemães implicaria não só um prejuízo para a City como ainda tornava nulo o efeito de qualquer operação naval contra o comércio ultramarino alemão em tempo de guerra. Note-se como no seguinte diálogo entre o Visconde Desart, Presidente do Sub-Comité que procedeu às investigações, e o Sr. Ogilvie, um destacado *underwriter* da Lloyds, a ética comercial se sobrepõe a qualquer apelo de teor patriótico:

CHAIRMAN: I want to put to you the particular case of a German ship which has been insured in England, captured by a British cruiser and either destroyed or condemned: do you consider your honourable obligation extends as far as paying in that case?

MR OGILVIE: If we had insured her before the war, I think so, certainly.

CHAIRMAN: Just consider the meaning of that. . . . We are at war with Germany; the navy of your country is endeavouring to put pressure on the Germans by destroying their trade, and in pursuance of that has captured a ship and destroyed it or condemned it, whichever it may be: do you not see that you destroy the whole effect of that act of war by compensating the German owner for the loss he has experienced?

MR OGILVIE: I quite see that point, and I saw it all through; but that is rather governed, from our point of view, by the honourable carrying out of our bargain.<sup>146</sup>

Mais do que entender as relações económicas entre os dois países em termos de competição, há que as perceber, como sugere Reynolds, em termos de uma relação curiosamente simbiótica, já que nos dez anos que antecederam o conflito, com o crescimento da economia mundial e o desenvolvimento da divisão internacional do trabalho, a Alemanha tornava-se o segundo melhor mercado para os britânicos e estes, por sua vez, eram os seus melhores

---

<sup>146</sup> Ap. P. Kennedy, 1989 (1983): 96.

clientes<sup>147</sup>. Seria pois previsível que os empresários de ambos os países, envolvidos na consolidação da parceria comercial, estivessem mais interessados na manutenção da paz, procurando influenciar os seus governos por forma a que fosse adoptada uma política de apaziguamento<sup>148</sup>.

---

<sup>147</sup> Sobre a interdependência económica anglo-germânica v. E. J. Feuchtwanger, 1985: 349-50.

<sup>148</sup> O próprio Grey faz referência à oposição levantada pelos responsáveis pela alta finança alemã em relação à possibilidade do governo de Bethmann-Holweg declarar guerra em 1911. V. E. Grey, 1925: 241. V. também A. J. P. Taylor, 1945: 161; D. Arnold, 1973 (1966): 87-88; M. Chamberlain, 1988: 162; D. Reynolds, 1991: 83; J. Agnew e S. Corbridge, 1995: 36.

## *Terceiro Capítulo*

“The best walls a city can have”:  
a apologia da guerra e do militarismo na sociedade  
eduardiana

*Hitherto soldiers have given their lives for false fame and for cruel power. The day is now when they must give their lives for true fame, and for beneficent power: and the work is near any one of you — close beside you — the means of it even thrust into your hands.*

John Ruskin, “The Future of England”

A Segunda Guerra Boer (1899-1902), que se esperava ser no virar do século mais uma manifestação do habitual comportamento despótico do imperialismo britânico no continente africano — algo que se caracterizava pelo ambicionar e subsequente anexar de territórios de regiões ricas em recursos naturais (afinal, uma prática concomitante durante o *Scramble for Africa*) —, acabaria por ser tão erosiva para a metrópole do orgulho (leia-se arrogância) imperial quanto seria devastadora e esgotante para aquela região austral. Para de se pôr cobro àquilo que havia sido considerada a princípio como um simples confronto com fazendeiros armados não bastou intimidar o seu adversário com demonstrações de força. Os três longos anos de conflito, os custos ascendidos a 222 milhões de libras ( i. e. cerca de doze e meio por cento do rendimento líquido nacional registado no quinquénio de 1901-05, que se cifrava na ordem dos 1757 milhões de libras<sup>149</sup>) e a mobilização de 450 mil homens para o palco

---

<sup>149</sup> Sobre este último número v. P. Mathias, 1983: 423.

de guerra<sup>150</sup> constituíam números que não poderiam deixar o cidadão britânico indiferente em relação às linhas mestras da política imperial. Além do mais, a sensação de que as instituições encarregues da defesa nacional e imperial pareciam impotentes para resolver definitivamente o conflito minava a sua confiança na eficiência destas. A expressar os efeitos negativos do impacto da Guerra Boer na opinião pública rezava anos mais tarde um artigo surgido em *The Nation*: “The Boer War found us self-confident, and left us sensitive to the verge of hysteria.”<sup>151</sup> Um dos principais processos de contágio pelos quais essa histeria se entranhava nos recônditos meandros da consciência colectiva residia no modo como a *halfpenny press* — ávida de sensação e de sucesso junto das grandes massas anónimas da urbe industrial, explorando os seus confusos sentimentos nacionalistas e a sua não menos artificial ideia de Império — amplificava as imagens da guerra e inflacionava os seus eventos.

James Morris, em *Farewell to the Trumpets* — terceiro volume da sua revisitação historiográfica do Império Britânico —, descreve com exactidão o resultado da naturalização ideológica por que tinha passado a ideia de Império antes do virar do século: “The Empire was so inescapable, seemed so old, bore itself so majestically, that it had become a universal fact of life, something natural to the world.”<sup>152</sup> A concepção popular de «império» desta época não desvelava quais os mecanismos que assistiram à construção: com uma unidade aparente, mas constituída por multiformes materiais compósitos, resultou de um processo não programado (ao contrário do que sucederia no caso da Alemanha guilhermina) que teve lugar no último quartel do século XIX. Várias são as teses sobre o que terá despoletado esta tomada de consciência imperial. Robert H. MacDonald, por exemplo, num estudo versando a importância dos mitos no imperialismo popular, faz eco das posições de Muirhead e situa o início desse fenómeno nos anos posteriores à morte, em 1885, do general Charles G. Gordon, transformado — graças ao seu sacrifício em Cartum às mãos dos seguidores de Mahdi — em herói nacional mitificado e em repositório simbólico de todos os atributos positivos que caracterizariam o

---

<sup>150</sup> A. Summers, 1976: 111.

<sup>151</sup> *The Nation*, 27 Mar. 1909.

<sup>152</sup> J. Morris, 1978: 92.

novo homem imperial<sup>153</sup>. Há, não obstante, quem julgue — como é o caso de Cecil D. Eby<sup>154</sup> — poder recuar um pouco mais no tempo e associar o início desse processo à vitória da Prússia sobre a França em 1871, altura em que foi publicada a primeira *invasion-scare novel*<sup>155</sup>.

Independentemente do que possa estar na origem do imperialismo popular, interessa sobretudo reter que todo um conjunto de práticas materiais contribuiu decisivamente para a consubstanciação dessa tendência ideológica. Criou-se, por exemplo, toda uma série de rituais que serviriam para cultivar junto das massas a reverência pelos novos símbolos imperiais e legitimar as pretensões a um poder ultramarino: tal sucedera, por exemplo, com a proclamação de Victoria como Imperatriz da Índia em 1876 (essencial para a consolidação do Império almejada por Lord Beaconsfield) e ainda com essas demonstrações de pujança e brilho imperiais que constituíram as celebrações dos Jubileus de Ouro e de Diamante da rainha em 1887 e 1897, respectivamente.

Mas igualmente significativos para o estabelecimento de uma nova forma de apropriação simbólica do Império revelaram-se os escritos de intelectuais como Charles Dilke, John R. Seeley e James A. Froude<sup>156</sup>, que durante esse período veicularam a ideia de que o império mais não seria do que uma extensão da nação, a expressão geográfica de uma raça que teria sido bem sucedida em estender a sua progénia pelos quatro cantos da terra. Excluindo-se por motivos racionais as colónias africanas e privilegiando-se unicamente as colónias de população predominantemente branca (com excepção daquilo que constituía a «jóia da coroa», i.e., a Índia), seria então possível colocar a ênfase na questão da unidade rática enquanto coincidente com uma unidade política.

---

<sup>153</sup> V. R. H. MacDonald, 1994: 4; J.M. MacKenzie, “Heroic Myths of the Empire”, in J. M. MacKenzie (ed.), 1992: 109 ss; e também G. Dawson, 1994: 146-9.

<sup>154</sup> C. D. Eby, 1987: 3.

<sup>155</sup> *The Battle of Dorking*, da autoria de Sir George Tomkyns Chesney, acabaria por se tornar no protótipo inaugural deste subgénero de ficção (v. I. F. Clarke, 1992: 27-56). A vitória prussiana seria decisiva para diluir a tradicional imagem da França como o principal inimigo da Grã-Bretanha no continente. Uma outra potência dava agora mostras de uma incontestável superioridade militar e ditava as suas condições a um estado vizinho que durante o século XIX se havia revelado como a principal fonte de instabilidade no seio da Europa. Com a emergência do novo estado alemão, arquitectado por Bismarck, nesse mesmo ano, a Grã-Bretanha seria obrigada a rever o xadrez europeu. Reacenderam-se os receios de uma invasão, já não a partir do Canal, mas sim do Mar do Norte.

<sup>156</sup> Autores de *Greater Britain* (1868), de *The Expansion of England* (1883) e de *Oceana, or England and her Colonies* (1886), respectivamente.

Tal acabaria por acarretar como corolário ideológico um sentimento de pertença e de orgulho pelo Império<sup>157</sup>.

Os contornos deste instrumento doutrinário da coesão imperial adquiriam uma nova dimensão com o projecto chamberlainiano na década de noventa com vista à rentabilização económica das colónias. Aquilo que viria a ser conhecido como *constructive imperialism*<sup>158</sup> radicava na noção de que esses espaços dispersos pelo mapa-múndi poderiam ser geridos inteligentemente enquanto fonte de riqueza para o Estado (ao contrário do que até então se haviam revelado: uma fonte de despesas e consequentemente uma sobrecarga para o contribuínte britânico). Procurava-se, com o recurso a medidas a isso conducentes (como seria o caso da polémica *Tariff Reform*), a resolução dos graves problemas sociais que assaltavam a sociedade industrial da época.

Em 1900, A. J. Cramb na sua *The Origins and Destiny of Imperial Britain*, não sem evocar subliminarmente a obra de Edward Gibbon<sup>159</sup>, acrescentaria ainda outra dimensão ao Império Britânico. Pretendia ver nele o ponto de chegada de todos os grandes impérios que o antecederam — legítimo herdeiro, enfim, não apenas do legado romano mas de todos os testemunhos civilizacionais que marcaram o percurso evolutivo da Humanidade ao longo da História:

Every year, every month that passes, is fraught with import of the high and singular destiny which awaits this realm, this empire, and this race. The actions, the purposes of other empires and races, seem but to illustrate the actions, the purposes of this empire, and the distinction of its relations to Humanity.<sup>160</sup>

Todavia, Cramb não se limitaria a estabelecer uma relação metonímica entre os grandes feitos do Império Britânico e os de impérios passados. Traíndo a sua devoção pelos idealismos fichteano e hegeliano, e ainda pelo pensamento de Carlyle, este autor julgava ver no vingar do seu Império uma manifestação inequívoca da ideia divina que já recebera encarnação em Roma e que agora, sob formas diferentes, galvanizava o espírito do povo para novas e ainda mais

---

<sup>157</sup> A isto Paul Ricoeur daria o nome de *integração*. V. P. Ricoeur, [1974]: 307.

<sup>158</sup> V. B. Porter, 1984: 188-195.

<sup>159</sup> E. Gibbon é o autor dos quatro volumes de *The Decline and Fall of the Roman Empire*.

<sup>160</sup> A. J. Cramb, 1915 (1900): 225.

admiráveis realizações dentro da ordem imposta pela *Pax Britannica*. Seria então o erigir de um império o cumprimento da vontade de um *Weltgeist* que forçava a Humanidade a seguir um inexorável caminho evolutivo por si ditado. Para obedecer a essa vontade soçobriria o próprio Estado, protagonista colectivo (investindo-se da armadura moral do *herói* carlyleano) da tragédia escrita pelo dramaturgo divino; a sua morte, quando ocorresse, obedeceria à mesma lei natural que vigorava no reino animal. Permeada por algum ideário do darwinismo social que encontrara anteriormente expressão em Walter Bagehot ou em Herbert Spencer, esta abordagem idealista da função histórica do Estado e do Império obrigava igualmente a uma nova perspectivação do fenómeno bélico: a guerra era agora vista como possuindo um valor simbólico que não poderia ser de imediato descortinado; só o devir histórico permitiria mais tarde a sua descodificação:

War, therefore, I would define as a phase in the life-effort of the State towards complete self-realization [...], the perpetual omnipresent strife of all being towards self-fulfilment. Destruction is not its aim, but the intensification of the life, whether of the conquering or of the conquered State. War is thus a manifestation of the world-spirit in the form the most sublime and awful that can enthral the contemplation of man. It is an action radiating from the same source as the heroisms, the essential agonies [...], conflicts, of all life.<sup>161</sup>

Mais do que ser concebida como um impulso de autodestruição da Humanidade, a guerra seria o processo através do qual a Providência materializaria os seus desígnios e testaria as capacidades de sobrevivência do Estado. Assim, a vitória deste seria índice da sua vitalidade e revelava o quanto merecedor era da sua posição de primazia entre as nações do mundo. A sua derrota, pelo contrário, significava que se havia chegado ao fim de um ciclo de vida natural e que a sua morte era necessária a fim de que outras nações pudessem afirmar-se em seu lugar. Foi a partir desta perspectivação de caducidade e de transitoriedade dos impérios no devir histórico que alguns escritores britânicos imaginaram num futuro distante a revisitação arqueológica da sua própria metrópole — uma espécie de paleontologia da memória através da qual o presente surgia fossilizado; um espelho maldito empedernecendo o aqui-e-agora transformando-o numa vitrina dos modos de pensar contemporâneos. Jogando com as dificuldades típicas da pesquisa

---

<sup>161</sup> Idem: 121.

historiográfica — onde muitas vezes a ficção, em se imbricando no factual, faz com que o lendário impeça o desejado olhar objectivo sobre a realidade histórica — Blyde Muddersnook publicava no *The Strand*, em Setembro de 1911, uma narrativa, “When the New Zealander Comes”, onde se lia:

Indeed, there are few places which promise greater attractions for a summer holiday than the ruins of ancient Lun-dun, although the Zealand public should be warned against purchasing relics offered to them by unscrupulous persons. Only the other day the hilt of a sword (which, we may point out, was an implement once actually used for shedding human blood) was sold at a high price, on the ground of its having once been possessed by one Kitchener, a renowned English soldyar [*sic*] of the latter part of the second Christian millenary. As Dr. Schmutz has clearly proved, this Kitchener was a wholly mythical personage, who figures in the Victorian fables, and is mentioned together with another legendary hero, Bobs, in the epic verse of the English bard, Kip-Ling.<sup>162</sup>

Embora não participando nestes exercícios ficcionais, Cramb acabaria, ainda assim, por veicular a ideia de que o Império Britânico não era o ápice da escalada evolutiva do Homem, senão um mero estádio: um outro império acabaria por se atravessar inevitavelmente na sua frente, seguindo-se então uma confrontação decisiva — aquilo que seria conhecido como o “clash of races”. Num outro seu livro publicado postumamente em Junho de 1914 e resultante de uma colectânea de conferências proferidas em 1913 <sup>163</sup>, este autor já vaticinava, movendo-se dentro de um enquadramento filosófico onde transpareciam as leituras de Nietzsche e de Treitschke, que o futuro confronto, travado perante o olhar aprovador da divindade teutónica da guerra, seria entre a Grã-Bretanha e a Alemanha — os dois grandes povos irmãos.

Consequentemente, almejar a paz, querer contrariar *inevitabilidade* da guerra, seria um objectivo *contra natura*: “Indeed, in the light of History, universal peace appears less as a dream than a nightmare which shall be realized only when the ice has crept to the heart of the sun, and the stars, left black and trackless, start from their orbits.”<sup>164</sup> Levar a cabo o ideal da sociedade militarizada era para Cramb, destarte, um factor indispensável para o sucesso de qualquer raça que se pretendesse subtrair à condição de

---

<sup>162</sup> B. Muddersnook, “When the New Zealander Comes”, in M. Moorcock, 1977: 34-5.

<sup>163</sup> V. A. J. Cramb, 1914.

<sup>164</sup> A. J. Cramb, 1915 (1900): 146. Já em 1866, Ruskin, numa palestra proferida na *Royal Military Academy* em Woolwich e intitulada “War”, defendia que a paz era inimiga das virtudes da vida civil (v. C. D. Eby, 1987:1).

subalternidade e de inferioridade face a outra, permitindo assim que gradualmente a civilização se distanciasse da barbárie — condição por excelência do «outro», do inimigo.

Contudo, instaurar por força de uma lei a militarização da sociedade britânica, nomeadamente impor-lhe o recrutamento obrigatório, desrespeitando aquilo que possuía de mais sagrado e que conferia singularidade ao seu Império — a liberdade de acção do indivíduo — , acabaria, segundo o autor, por desvirtuar o verdadeiro espírito idealista, dado que nenhum ideal desabrocha quando tornado obrigatório. Do mesmo modo como o Estado saberia abnegar-se ante os ditâmes do destino, assim também os seus cidadãos deveriam, dentro da mesma liberdade que o Estado lhes concedia, reconhecer o sentido de missão que lhes era conferido. Uma vez que só o Império atribuía sentido às acções e potenciava as qualidades de cada indivíduo, este deveria estar disposto a inscrever o seu nome na história imperial através do martírio em combate. Dentro do mesmo espírito, o cónego J. H. Skrine, autor de *Religious Thought and National Service*, que circulara em 1903, pretendia transmitir a ideia de que o soldado era um simples cordeiro sacrificial em defesa da sua nação, um sujeito passivo no seio da turbulência bélica que afogava os seus actos. Ao mesmo tempo que procurava idealizar por via da religião a vida militar, Skrine habilmente reescrevia a uma nova luz os princípios éticos da tradição judaico-cristã ignorando (i. e., omitindo do seu discurso) as graves questões morais impostas pela carnificina da guerra. Na medida em que se tratava de um acto indispensável para a consumação do holocausto, matar durante um conflito armado seria agora entendido não como expressão da natureza mais bestial do homem, mas sim como um gesto guiado por Deus (dir-se-ia que se estava de novo perante uma reedição da obediência cega de Abraão). Colocando a ênfase nos ganhos espirituais que advinham do martírio em nome da nação, discorria Skrine:

Has not [the soldier's] body [...] become one of the bricks that form the living wall of the land he loves?

War is not murder, as some fancy; war is sacrifice. The fighting and killing are not the essence of it, but are accidents, though the inseparable accidents; and even these, in the wide modern fields where a soldier rarely in his own sight sheds any blood but his own, where he lies on the battle sward not to inflict death but to endure

it — even these are mainly purged of savagery and transfigured into devotion. War is not murder but sacrifice, which is the soul of Christianity.<sup>165</sup>

Seria legítimo pensar, seguindo a linha argumentativa de Cramb e de Skrine, que o discurso jingoísta, mau grado a sua retórica de consumo fácil dirigida às massas, porque lhes inculcava uma febre de guerra, seria uma forma, prosaica embora, de despertar a sociedade para aquela missão. Mas Cramb, movendo-se dentro de um quadro ideológico diferente, repudia liminarmente o jingoísmo: os seus excessos e aberrações não tinham lugar no modo como o autor perspectivava e idealizava a guerra nem podiam ser confundidos com o apelo a uma sociedade militarizada. O jingoísmo mais não fazia do que corromper a natureza do verdadeiro patriotismo, alienando o cidadão dos ideais elevados que deveriam constituir a sua panóplia moral. Já em finais da década de setenta, Eça de Queirós, na correspondência que mantinha a partir de Inglaterra com *A Gazeta de Notícias* e com *A Actualidade*, havia denunciado essa corrupção do espírito patriótico entre os seus anfitriões:

A Inglaterra perdeu as suas boas maneiras.

É forte, decerto — mas fala da sua força com a brutalidade de um héracles de feira que esbugalha os olhos e mostra os músculos; é rica, decerto — mas fala do seu dinheiro com a grosseria de um ricoço que abarrotta fazendo tinir as libras na algibeira...

Onde está a famosa *self-possession* da Inglaterra e a sua tranquila dignidade? John Bull tornou-se Ferrabrás. Ora, uma muito velha banalidade ensina-nos que não há verdadeira força sem serenidade, e que sem modéstia não há verdadeira grandeza.<sup>166</sup>

Também para Hobson — que foi, juntamente com John M. Robertson<sup>167</sup>, um dos principais críticos do imperialismo no virar do século —, se havia tornado claro que o jingoísmo subvertia o verdadeiro sentimento de coesão nacional, uma vez que jogava com instintos destrutivos e se baseava meramente na instigação da xenofobia e do racismo. Num dos estudos seminais da psicologia de massas, *The Psychology of Jingoism*, publicado um ano após *The Origins* de Cramb, Hobson traçava um quadro pessimista da sociedade industrial. Antítese do *gentleman* sonhado por John Henry Newman e por T. H. Huxley, ou ainda do *herói* de Carlyle, o homem dessa sociedade encontrava-se,

<sup>165</sup> Ap. A. Summers, 1976: 120.

<sup>166</sup> Eça de Queirós, s/d: 160-1.

<sup>167</sup> Autor de *Patriotism and Empire*, obra datada de 1900.

de acordo com o autor, desprovido de vontade individual, submerso na sugestão colectiva e totalmente incapaz de assumir a responsabilidade pela formação das suas próprias opiniões. Submetido ao desgaste e à erosão causados pela rotina e pelo congestionamento que caracterizavam a sua vida na grande cidade industrial, havia perdido o sentido da individualidade, flutuando as suas convicções ao sabor de forças colectivas que não compreendia. Antecipando-se relativamente àquilo que viria a constituir a campanha pela *national efficiency*, Hobson já apontava nesta altura para alguns dos sintomas inequívocos deste mal-estar: a elevada taxa de doenças neuróticas e a compleição debilitada e desalentada de uma considerável parcela da população urbana. Psiquicamente atrofiado por todas essas circunstâncias adversas e incapaz de desenvolver um raciocínio crítico que lhe permitisse detectar os cadafalsos dos axiomas jornalísticos e esconjurar os espectros criados pelo sensacionalismo mórbido, o homem industrial havia-se tornado presa fácil da manipulação ideológica por parte da imprensa. O autor de «The Psychology of a Scare», artigo publicado anos mais tarde em *The Nation*, ecoaria as posições já expressas por Hobson quando afirmava:

The art of awakening popular passion may be said to have been a discovery of ten years ago, for then, for the first time, a Yellow Press “came by its own” in this country. It learnt then the value of mingling bare sensational assertion with suggestive imputations. Once sown [sic] in the general mind the notion of an intriguing enemy who will not come out into the open, but is making dangerous preparations under cover, no limit is set upon credulity.<sup>168</sup>

Disso estavam também cientes os *overlords* da imprensa. Kennedy Jones, por exemplo, redactor do *Daily Mail*, concebia o público leitor a quem se dirigia como possuindo “the meanest intelligence.”<sup>169</sup> Lord Northcliffe, proprietário do mesmo jornal, por seu turno, não se inibia em ratificar, senão mesmo consolidar, os preconceitos desse mesmo público<sup>170</sup>, ao mesmo tempo que, paradoxalmente, pretendia manipulá-lo e mobilizá-lo para a causa da *National Service League* despertando nele os fantasmas da invasão pelo quasi-demoníaco huno. O redactor do *Observer*, J. L. Garvin, crente em que poderia facilmente aumentar as vendas do seu jornal por via da indução de

---

<sup>168</sup> *The Nation*, 27 Mar. 1909.

<sup>169</sup> V. P. M. Kennedy, 1980: 362.

<sup>170</sup> V A. J. A. Morris, 1984: 9.

*scares*, guardava para a imprensa northcliffeana ambiciosos projectos, vendo nela potencialidades de intervenção na vida civil da nação que poderiam ir até ao fazer e desfazer de governos<sup>171</sup>. Sendo embora difícil determinar com precisão até que ponto tal objectivo seria exequível, é certo que a convicção do papel interventivo da imprensa unionista junto dos órgãos de decisão política fazia parte do credo jornalístico destes homens. Hobson, sabendo-o, não escondia o seu receio quanto ao efeito que isso poderia exercer sobre as massas que então alcançavam um maior peso político graças a consecutivos alargamentos do sufrágio. Se bem que houvesse que relativizar cautelosamente a penetração e a influência efectiva destes jornais sobre opinião pública, Hobson e outros liberais viam com apreensão o modo como as imagens de violência propagadas por esse *medium* dominavam o imaginário social e, inclusivamente, participavam da construção da representação colectiva do próprio país. Ainda em 1908, num artigo do *The Nation* intitulado “What the Age Looks like”, queixava-se o seu autor, C. G. F. Masterman, de que “England seen through the medium of its Sunday press — the press which seven out of ten of its present inhabitants represents their sole connection with the world outside their local lives — takes upon itself an appearance of violence and madness.”<sup>172</sup> Dir-se-ia que qualquer tentativa de perceber objectivamente o estado da nação seria irremediavelmente posta em causa devido à força gravítica de um vórtice mediático que mais não fazia do que hiperbolizar pequenos *fait-divers* sórdidos e notícias que em qualquer outro contexto seriam merecedoras de descrédito.

Daí que Hobson, implicitamente lamentando o declínio do jornalismo da *Golden Age* e a perda de projecção dos jornais liberais, tenha visto nesta reformulação virulenta do *New Journalism* (primeiramente concebido por W. T. Stead com objectivos distintos<sup>173</sup>) um dos principais responsáveis pelo

---

<sup>171</sup> *Idem*: 6.

<sup>172</sup> *The Nation*, 26 Dez. 1908.

<sup>173</sup> W. T. Stead, não obstante as críticas dos seus detractores (como seria o caso de Matthew Arnold que considerava o *New Journalism* como sendo “feather-brained”, “inaccurate” e “falsifying”), procuraria ver a imprensa como uma forma de contra-poder que, agindo enquanto grupo de pressão extra-parlamentar, interpretaria a vontade do povo através de um conjunto de jornalistas iluminados. De qualquer modo, como prova Alan J. Lee, Stead acabaria ele próprio por reconhecer que as suas intenções de intervenção política do jornalismo tinham que, pela lógica das leis do mercado, ser conciliadas com — se não mesmo dar lugar a — formas mais apelativas de relacionamento com um leitor menos escrupuloso e intelectualmente mais

acicatar junto da colectividade dos ódios e das paixões mais primitivas próprios do jingoísmo, susceptível de mediar e mediatizar o contacto entre as massas e a guerra, tornando-a, através de uma plêiade de artifícios tipográficos e redactoriais, numa experiência tão intensamente próxima da vivência daquelas quanto era artificialmente construída. Sobre o *New Journalism* diria:

A huge press has come into being for the purpose of supplying to this uneducated people such printed matter as they can be induced to buy. Most of this matter consists of statements, true or false, designed to give passing satisfaction to some simple form of curiosity, some low sense of humour, or some lust of animalism. Some of it, however, is designed to induce a conviction or to rouse a feeling which may affect conduct.<sup>174</sup>

A mensagem dos diários era, pois, eficazmente veiculada dado que a semi-literacia proporcionada por um sistema educativo inadequado e insuficiente apenas permitia um acesso acrítico e irreflectido aos textos que se ofereciam como objecto de consumo imediato. Hobson, conhecedor dos condicionalismos de ordem psíquica que tolhiam o discernimento do homem industrial massificado, sabia que este jornalismo não só se instituía, juntamente com o *music-hall*<sup>175</sup>, como o escape emocional privilegiado para uma população urbana agora devocionalmente entregue aos prazeres da morbidez, como também funcionava como fonte única de informação junto de quem confundia a palavra impressa com a verdade.

Contrariamente a Cramb, Hobson não entendia a guerra como uma necessidade natural das sociedades humanas, mas sim como um simples pretexto para dar largas ao incontido ódio nacional. Muito embora procurasse constantemente explicar esse ódio em termos de comportamentos sociais primevos e instintivos, Hobson era capaz de traçar uma linha divisória entre a

---

passivo do que aquele a princípio imaginado por Stead. Não partilhando do optimismo inicial de Stead, Ostrogorski no seu livro *Democracy and the Organization of Political Parties* (1902) duvidava do papel do jornalismo na educação política dos cidadãos. A este respeito v. A. J. Lee, 1976: 117 ss.

<sup>174</sup> Hobson, 1901: 9-10.

<sup>175</sup> Hobson considerava o *music-hall* um dos exemplos mais eloquentes de degradação da arte popular. A sua importância enquanto instrumento de condicionamento ideológico não pode ser subestimada. Nesta altura, a afluência diária de espectadores estava estimada em cerca de 45 mil (v. C. D. Eby, 1987: 5). É, aliás, graças a uma canção divulgada sobre os palcos ingleses que o jingoísmo ganhava expressão na quente primavera de 1878, durante a qual, encontrando-se a Turquia ameaçada pela Rússia, a “Questão Oriental” havia voltado a ocupar o centro das atenções. Um sentimento russóphobo motivaria versos que logo se tornariam populares: “We don't want to fight, / But, by Jingo, if we do, / We've got the men, / We've got the ships, / We've got the money too... / [...] / The Russians shall not have Constantinople.”

sua sociedade e as primitivas. Se, para as últimas, a agressividade era indispensável a fim de que a sobrevivência do grupo fosse assegurada — instigando os seus membros a participarem directamente em qualquer confronto que ameaçasse a integridade colectiva —, já para a primeira, a adesão dos seus membros a uma retórica belicosa pouco ou nada tinha a ver com o instinto de autodefesa. Pelo contrário, encontrando-se fisicamente distanciadas do local de batalha, as massas deleitavam-se agora com o imaginar da matança sem que quaisquer riscos daí adviessem para si. O jingoísmo seria, pois, tanto mais pernicioso quanto mais apelasse à passividade de quem por ele tivesse sido infectado:

This is the very atmosphere of Jingoism. A coarse patriotism, fed by the wildest rumours and the most violent appeals to hate and the animal lust of blood, passes by quick contagion through the crowded life of cities, and recommends itself everywhere by the satisfaction it affords to sensational cravings. It is less the savage yearning for personal participation in the fray than the feeding of a neurotic imagination that marks Jingoism. The actual rage of the combat is of a different and a more individual order. Jingoism is the passion of the spectator, the inciter, the backer, not of the fighter; it is a collective or mob passion which, in as far as it prevails, makes the individual mind subject to a control that joins him irresistibly to his fellows.<sup>176</sup>

Mais importante do que isso, todavia, era o facto de essa “collective or mob passion” apontar para algo que contrariava as crenças em relação à superioridade rática e cultural do povo inglês. Perante este processo de bestialização do homem, a involução da sociedade britânica ameaçava tornar-se num fenómeno que representaria a grotesca inversão dos princípios do darwinismo social que até então tinham sido invocados para justificar a sua supremacia face às outras nações da terra: “Such passion is a leveller, disclosing human nature in its common character, and teaching an equality which is no flattering ideal, but a convincing testimony to the descent of man.”<sup>177</sup> Hobson, contudo, não seria o único a expor a degeneração social e moral que a “Edwardian luxury” das classes abastadas (de que nos falava H. Nicolson) tentava ignorar<sup>178</sup>.

O Império, que para alguns, como Hobson, era motivo para uma cuidadosa introspecção da consciência nacional constituía, para outros,

---

<sup>176</sup> Hobson, 1901: 9.

<sup>177</sup> Idem: 30-1.

<sup>178</sup> V. Harold Nicolson, “The Edwardian Weekend”, in M. E. Edes e D. Frasier, 1955: 247-253.

pretexto para alienação face ao estado real do país por via de imagens de grandeza e de poder incontestado. Quando a Guerra Boer provou que esse poder podia e estava a ser, afinal, contestado, começou quase imediatamente a *vox populi* não apenas a mostrar-se preocupada relativamente à manutenção, a todo o custo, do prestígio e da soberba do gigantesco Império «where the sun never set», como ainda a perceber que outras prioridades se começavam a definir a nível interno.

Como nos indica um estudo de Anne Summers<sup>179</sup>, o general *Sir Frederick Maurice* publicava, pouco depois do conflito austral, um relatório onde punha a nú a situação crítica de inaptidão física de uma larga percentagem da população masculina nos grandes núcleos industriais. Reportando-se à situação em Manchester no primeiro ano da guerra, Maurice revelava que de entre os onze mil homens que se ofereceram para alistamento, cerca de oito mil haviam sido rejeitados como fisicamente inaptos. A mesma sorte calharia a uma grande percentagem (40-60%) dos que se apresentaram para se alistar no *Regular Army*. Ante estes números, reunia-se, em 1903, o *Select Inter-Departmental Committee on Physical Deterioration* para o qual o director geral do *Army Medical Service*, *Sir William Taylor*, enviaria um memorando onde diagnosticava as causas da inaptidão da “unskilled labour class” — a pobreza extrema, a subnutrição, a falta de condições de higiene e de habitabilidade, o alcoolismo, as doenças hereditárias e infecciosas — e justamente se interrogava: “the want of physique,[...] is not only serious from its military aspect, it is serious also from its civil standpoint, for if these men are unfit for military service, what are they good for?”<sup>180</sup> A questão ultrapassava, pois, o foro militar, muito embora este constituísse o ponto de insistência dos jornais de direita. As implicações estendiam-se aos domínios da economia (que índices de produtividade esperar de uma população fisicamente degradada?), da moral (que valores e que comportamentos vigoram entre as classes mais baixas?) e, numa época em que as leis da biologia pareciam fornecer uma explicação válida para o sucesso das sociedades, da própria

---

<sup>179</sup> A. Summers, 1976: 111.

<sup>180</sup> V. memorando de *Sir William Taylor*, director geral, *Army Medical Service*. Appendix 1 to *Report of the Select Inter-Departmental Committee on Physical Deterioration*, Cd 2175 (HMSO, 1904).

eugenia (como querer proclamar a superioridade e o refinamento rıcicos do povo anglo-saxnico se as condições de existência de largas faixas dessa população desmentiam tal pretensão?). Estas preocupações dominariam todo o período até  Grande Guerra e absorveriam a exclusiva atenção de organizações de índole moral como a *National Social Purity Crusade* fundada em 1901 que, tal como o seu nome deixa entender, traduzia institucionalmente o espírito de militância contra os males que impediam a concretização de um desiderato social eivado de princípios eugnicos. Ainda em 1911, o *National Council of Public Morals* publicava em *The Times* o seu manifesto onde se lia:

We, the undersigned, desire to express our alarm at the low and degrading views of the racial instinct which are becoming widely circulated at the present time, not only because they offend against the highest ideals of morality and religion, but also because they therefore imperil our very life as a nation. [...]

Certain laws of heredity and development, no less natural or divine than other laws which are universally acknowledged must also receive due recognition, and govern our national policy. A high proportion of immorality and inebriety is due to neglect of the incurably defective-minded, whose progeny, lamentably numerous under present conditions, too frequently resemble their parents, and largely reinforce the ranks of degradation and shame. These cases must receive permanent care apart from the community — that they and posterity may be protected.<sup>181</sup>

A condenar estes “incurably defective-minded” encontravam-se personalidades bem colocadas socialmente. Entre os signatrios do presente documento contavam-se o Arcebispo de Canturia, Bispos, Pares, *MPs* e *Principals* de Cambrige. Era, portanto, sentida no seio destes círculos elitistas a urgência de se definir um modelo moral que não so permitisse ao cidadão alcançar um novo protagonismo em prol da nação, como ainda conduzisse  regeneração (note-se novamente a insistência na metáfora biológica) da sociedade. Tinha sido este, afinal, um dos objectivos que uma década antes estivera na base da formação de um dos mais influentes grupos de pressão militaristas do período em causa.

Fundada em 1902, na sequência da publicação, um ano antes, de um texto de George F. Shee, a *National Service League* surgia como uma reacção ao desempenho do exército durante a Guerra Boer. Em *The Briton’s First Duty - The Case for Conscription*, Shee delineava um breviário daqueles que eram considerados na altura como os principais problemas estratégicos que assaltavam o Império. Reiterando a tese do «imperial over-stretching», alegava que a extensão do Império e os limitados recursos militares obrigavam a que

---

<sup>181</sup> *The Times*, 31 de Maio, 1911.

qualquer concentração localizada de esforços acabasse por deixar outras colónias e a própria metrópole à mercê de qualquer potência hostil. Por forma a evitar uma eventual escassez de bens alimentares através de bloqueio económico às Ilhas Britânicas, haveria que gerar uma capacidade de intervenção e de defesa militares suficientemente dissuasora para permitir a actuação no ultramar sem que se descurasse a sua protecção. Como solução, Shee apontava não só a instauração do serviço militar obrigatório, como também a criação de uma milícia pan-britânica — uma medida política que, dado o seu carácter polémico, seria mais uma vez justificada com recurso aos chavões do discurso darwinista social. O argumento da «struggle for existence» era invocado para tornar inteligível aos olhos do cidadão comum a necessidade do seu envolvimento directo na defesa quer da nação, quer do capital e dos meios de produção nacionais que eram, agora, cobiçados por competidores estrangeiros. A luta já não se travava apenas no plano do poderio militar, mas também a nível dos mercados. Mas Shee iria mais longe e advogaria os benefícios sociais que se poderiam extrair do recrutamento compulsivo, já que a educação moral, intelectual e física providenciada pela instituição militar permitiria ao homem eduardiano rever a sua atitude face ao colectivo e desenvolver ao máximo as suas capacidades<sup>182</sup>.

A causa advogada por Shee encontraria imediatamente repercussão na sociedade eduardiana. Pouco tempo depois, seria nomeado para dirigir a *NSL*. Em 1903, esta organização pretendia-se supra-partidária e supra-religiosa, procurando a adesão indiscriminada não só de todos os quadrantes ideológicos, mas também de todos os estratos socioeconómicos. Esse objectivo chocava, todavia, com a resistência oferecida pelos liberais, pelos socialistas e pelos sindicatos, para os quais não só o recrutamento obrigatório constituía uma indesejável medida que poderia embaraçar as relações internacionais, como também comprometia princípios há muito enraizados — sabia-se que se oporiam veementemente ao sacrifício das liberdades individuais e ao pôr-em-causa das aspirações ao internacionalismo. Também por receio do que uma tal medida política poderia gerar junto do eleitorado, o governo e os dois principais partidos evitavam o envolvimento aberto com a liga. Não obstante

---

<sup>182</sup> V. G. F. Shee, 1901: 62, 124, 181. Sobre G. F. Shee v. ainda C. Haste, 1977: 10; J. M. MacKenzie, 1984: 154.

estas reacções, a liga acabaria por registar maior receptividade junto daqueles sectores da opinião pública que se identificavam com as posições unionistas e conservantistas. Testemunha disso são alguns dos nomes que se associaram à liga, como os de Roberts, Kipling, Beresford, Clarke, Milner, Curzon e Repington, entre outros. Embora contasse apenas com cerca de dois mil membros e com o apoio de três *MPs* imediatamente antes de *Lord Roberts* aceitar a presidência da organização em finais de 1905<sup>183</sup>, arrogava-se de possuir em 1912 já acima de 98 mil membros, quase 120 mil simpatizantes<sup>184</sup>, e reivindicava para si, dois anos depois, cerca de cem vozes no Parlamento — o que, para Kennedy, seria entendido como um sinal de que os *Tariff Reformers* ganhavam terreno ao mesmo tempo que as posições em relação à *Home Rule* registavam uma certa retracção<sup>185</sup>. Entre 1911 e 1912 conseguia organizar em média 240 comícios por mês. Para o sucesso desta liga contribuiria decisivamente o apoio inequívoco que lhe votavam alguns títulos de jornais, como eram os casos do *Daily Mail* de Jones, do *Standard* de Gwyne, do *Observer* de Garvin, do *National Review* de Maxse e do *Morning Post* de Blumenfeld, entre outros. Os sucessivos *scares* fomentados por alguma desta imprensa também foram responsáveis pela consolidação da causa junto da opinião pública. Seria, aliás, na sequência de um dos frequentes *naval-scars* — nomeadamente o de 1908-1909, durante o qual Garvin dava início à campanha “We want eight” — que Northcliffe, pretendendo agora dar a entender que existiria um certo consenso nacional quanto à questão do recrutamento obrigatório, ao mesmo tempo que manobrava à esquerda para cativar leitores do outro extremo do espectro partidário, abria as suas portas a uma voz socialista. Acolheu, nas páginas do *Daily Mail*, um conjunto de artigos escritos por Robert Blatchford, redactor do *Clarion* (um dos mais influentes jornais socialistas) e referido como um dos fundadores do movimento socialista moderno na Inglaterra.

Publicados na última quinzena de 1909, os dez artigos de Blatchford constituíam a sùmula de todos os argumentos até então invocados em defesa do serviço militar obrigatório. Blatchford, então ciente de que não reunia o apoio

---

<sup>183</sup> P. M. Kennedy, 1980: 371.

<sup>184</sup> A. Summers, 1976: 113.

<sup>185</sup> P. M. Kennedy, 1980: 385.

dos seus companheiros de armas, reiterava nesses artigos a crença na iminência do ataque alemão sobre a Grã-Bretanha e nas intenções de Guilherme II e de seus prosélitos de teutonização da Europa: “We are all to be drilled and schooled and uniformed and taxed by Prussian officials, and the Emperor William II is to rule us with a rod of iron.”<sup>186</sup> Ao mesmo tempo assertava a velha crítica de Roberts quanto à *unpreparedness* da nação, voltando a erguer as sombras da queda do Império que consigo arrastaria todo a civilização ocidental. Pretendendo despertar uma opinião pública que considerava apática e absorta no supérfluo e no politicamente irrelevante, acreditava que só a preparação para a guerra — i. e., a corrida armamentista e o recrutamento obrigatório — poderia ser factor de dissuasão para a ambiciosa política expansionista do *Kaiser* e, por isso, a única garantia para a paz numa Europa cuja estabilidade dependia de uma equilibrada distribuição de forças. Contudo, os perigos que espreitavam a nação não eram só de natureza externa. Também no seu seio se escondia pior ameaça — o político britânico e a partidocracia que dividia o país em altura de eleições. Condenando a indiferença que a própria elite governativa dispensava ao seu povo, dir-nos-ia Blatchford: “There need be no disaster had the ruling classes done their duty. There need be no disaster yet if the rulers will be brave enough to tell the people the truth and trust them.” Adiante acrescentaria: “Look where we will we see only party politicians; listen as we may we hear only party politics. The nation is broken up into purposeless factions; will for weeks be crazy over meaningless election cries.”<sup>187</sup>

Havia-se tornado, aliás, frequente por parte dos advogados da conscrição alimentar um clima de suspeição relativamente aos políticos. Já em 1907, J. M. Heath, num pequeno artigo intitulado “Britain’s Peril” onde considerava quase consumada a invasão da Inglaterra — uma vez que contabilizava a presença aí de 90 mil reservistas e oficiais dos serviços secretos alemães discretamente instalados —, detraía nestes termos a classe governativa: “[...] our Rulers [are], with exceptions, a selfish class of political dilletants, who loathe all things, naval or military, and are content to pander the

---

<sup>186</sup> R. Blatchford, “Germany and England”, No. 1 — “The Menace”, *Daily Mail*, 13 Dez. 1909.

<sup>187</sup> Id. *ibid.*.

predatory instincts of ignorant and impecunious followers.”<sup>188</sup> Por seu turno, numa das últimas obras a favor da *conscription* antes do seu estabelecimento em 1916, Frederick S. Oliver voltava a insistir nos mesmos argumentos:

We are a democratic country, and yet none of our rulers had ever yet spoken plainly to us. None of the Secretaries for War, none of the Prime Ministers since the beginning of the century, had ever stated the issue with uncompromising simplicity, as the case required.<sup>189</sup>

Tornava-se óbvio que esta tentativa de desautorização da instituição política não era gratuita. Sendo certo que a sobrevivência da democracia britânica jamais poderia depender da ambição, da corrupção e da indiligência dos políticos, tornava-se claro na óptica dos *conscriptionists* que apenas o envolvimento directo dos cidadãos na defesa da nação poderia devolver a dignidade pátria que diziam perdida. Oliver, por exemplo, considerava que a verdadeira democracia exigia dos cidadãos mais do que o simples voto — como diria, “[m]anhood suffrage implies manhood service.”<sup>190</sup> Rejeitando a ideia de que apenas um exército profissional (conceito que Oliver propositadamente aproximava do «condenável» mercenarismo) pudesse ficar encarregue de tão nobre missão, este Autor acreditava que a conscrição traria vantagens morais para a nação: só desse modo “the whole nation may realise, before it is too late, the life-or-death nature of the present struggle[...].”<sup>191</sup>

Também Blatchford se mostrava crente quanto aos benefícios morais que adviriam da militarização da sociedade. Num desses seus artigos, intitulado “Soldiering or Slavery: an Alternative”, iria ao ponto de considerar que a preparação militar da população constituiria “the salvation of the British race” não só porque esta ficaria capacitada para rechaçar qualquer invasão mas essencialmente porque, em contraste com as condições degradantes em que vivia a maior parte dos jovens que acabava por integrar as fileiras do *Regular Army*,

[m]ilitary training compels cleanliness and order and good behaviour. It gives a youth at the right time, and in the right way, good food, good clothing, healthy, open-air

---

<sup>188</sup> J. M. Heath, “Britain’s Peril”, *The Morning Post*, 6 Mai. 1907.

<sup>189</sup> F. S. Oliver, 1915: 314.

<sup>190</sup> Idem: xii.

<sup>191</sup> Idem: 379.

exercise. It provides a course of physical culture. It enforces early rising, habits of discipline, and regular hours of sleep. It improves the health and the physique, and it sharpens the mind and breeds a habit of self-reliance and alertness.

Já para não mencionar os efeitos benéficos que adviriam para a economia da nação (dado que o serviço militar iria reduzir substancialmente os índices de desemprego), o mais importante seria, contudo, o facto de a preparação militar induzir no povo britânico aquilo que Blatchford admirava no seu vizinho teutónico: o espírito colectivo. “This is the great moral value of military training,” — diz-nos em certo passo — “this gives power and coherence to the people of Germany. The German nation is an army. The British nation is a mob of antagonistic, helpless atoms.”<sup>192</sup> Só através da infusão do colectivismo seria possível reconstruir a fé numa nação que, embora se achando merecedora do seu império, não só perdera esperanças de o manter por muito mais tempo, como se arriscava a ver o seu solo pátrio conspurcado pelo inimigo huno. Citando Licurgo dirigindo-se aos gregos, o autor retomava a metáfora anterior já empregue por Skrine: solidez e inexpugnabilidade, coesão e unidade — todas estas qualidades ganhavam corpo na muralha humana que se pretendia erguer em torno da *πολις* sitiada. Como diria, “[t]he best walls a city can have are walls of brave men trained to arms.”<sup>193</sup>

A recepção às palavras de Blatchford descobria as divergências que existiam no seio da opinião pública britânica. Se, por um lado, o *Spectator* se congratulava com o facto de um homem de esquerda defender agora junto das classes trabalhadoras posições até então massivamente ostentadas pela direita<sup>194</sup> e se houve quem tivesse disponibilizado ao redactor do jornal cem libras para que este distribuisse gratuitamente uma futura edição do texto em panfleto “in those quarters where you think will be most effective”<sup>195</sup>, os liberais, por outro, reagiriam em tom condenatório. Churchill tomava Blatchford por um “ridiculous jingo”, o *Daily News* considerava os artigos “ravings” e o *Manchester Guardian* acreditava tratar-se de uma manobra

---

<sup>192</sup> R. Blatchford, “Germany and England”, No. 9 — “Soldiering or Slavery: an Alternative”, *Daily Mail*, 22 Dez. 1909.

<sup>193</sup> Id. *ibid.*.

<sup>194</sup> “Mr Blatchford’s Mission”, *Spectator*, 23 Dez. 1909.

<sup>195</sup> *Daily Mail*, 24 Dez. 1909.

eleitoral conservantista<sup>196</sup>. Seria errado, além do mais, pressupor que toda a esquerda inglesa se revia no pensamento do redactor do *Clarion*.

O fabiano George Bernard Shaw, que, logo em 1898 no prefácio às suas *Plays Pleasant*, reprovava o modo como o idealismo encobria as perversidades da civilização<sup>197</sup> e, em *Arms and the Man*, ridicularizara a idolatria do heroísmo e a idealização da guerra<sup>198</sup>, desferia em *John Bull's Other Island* (1906) um rude golpe na têmpera imperial e na imagem típica do militar. Ilustrando as suas críticas com uma cáustica descrição do comportamento dos militares britânicos durante os sangrentos acontecimentos de Denshawai<sup>199</sup>, Shaw advertia no seu prefácio:

[If England's] Empire means ruling the world as Denshawai has been ruled in 1906 — and that, I am afraid, is what the Empire does mean to the main body of our aristocratic-military caste and to our Jingo plutocrats — then there can be no more sacred and urgent political duty on earth than the disruption, defeat, and suppression of the Empire and incidentally, the humanization of its supporters by the sternest lessons of that adversity which comes finally to institutions which make themselves abhorred by the aspiring will of humanity towards divinity.<sup>200</sup>

Sempre atento e particularmente sensibilizado no tocante à discriminação política do aborícola colonizado, aconselhava então Shaw que o Império, a fim de não se transformar numa tirania militar (como ameaçava acontecer no Egipto pelas mãos de Lord Cromer), desse lugar a uma federação de estados independentes. Havia-se-lhe tornado claro que havia uma discrepância gritante entre os valores e os princípios políticos que sustentavam a democracia na metrópole e o comportamento amoral e despótico do militar britânico — a face visível do Império junto do colonizado — no ultramar. Daí que tenha desenhado desse militar um perfil negativo. No excerto que se segue, Shaw oferece-nos uma visão diametralmente oposta à de Blatchford:

The sodier is an anachronism of which we must get rid. Among people who are proof against the suggestions of romantic fiction there can no longer be any question of the fact that military service produces moral imbecility, ferocity, and cowardice [...]. For

---

<sup>196</sup> V. C. Haste, 1977: 18-9.

<sup>197</sup> V. G. B. Shaw, 1946 (1898): 15-6.

<sup>198</sup> Idem: 19-89.

<sup>199</sup> Curiosamente, Grey, no seu *Twenty-Five Years*, oferece-nos não apenas uma perspectiva diferente do episódio de Denshawai como lhe acrescenta ainda alguns dados que Shaw omitiu, nomeadamente a morte de um dos oficiais (v. Grey, 1925: i 134 - 9).

<sup>200</sup> G. B. Shaw, 1971: 867-8.

permanent work the soldier is worse than useless: such efficiency as he has is the result of dehumanization and disablement. His whole training tends to make him a weakling. He has the easiest of lives: he has no freedom and no responsibility. He is politically and socially a child, with rations instead of rights, treated like a child, punished like a child, dressed prettily and washed and combed like a child, excused for outbreaks of naughtiness like a child, forbidden to marry like a child, and called Tommy like a child. He has no real work to keep him from going mad except housemaid's work: all the rest is forced exercise, in the form of endless rehearsals for a destructive and terrifying performance which may never come off, and which, when it does come off, is not like the rehearsals. His officer has not even housekeeper's work to keep him sane. The work of organizing and commanding bodies of men, which builds up the character and resource of the large class of civilians who live by it, only demoralizes the military officer, because his orders, however disastrous or offensive, must be obeyed without regard to consequences[...].<sup>201</sup>

Aquilo que para Blatchford se exprimia através de uma conjunção coordenativa alternativa, para Shaw punha-se em termos de conjunção aditiva: o cidadão não teria que optar entre o cumprimento do serviço militar e a escravatura, dado que todo o serviço militar, ao retirar-lhe a liberdade e direitos adquiridos, apenas contribuiria para o transformar num indivíduo psiquicamente próximo do *jingo* hobsoniano: intelectualmente mutilado e moralmente desresponsabilizado de todos e quaisquer actos que praticasse.

---

<sup>201</sup> Idem: 847.

## TERCEIRA PARTE

## Quarto Capítulo

### “Heorot”: representações de uma sociedade ameaçada

*[...] It came to his mind  
that he would command the construction  
of a huge mead-hall, a house greater  
than men on earth ever had heard of,  
and share the gifts God had bestowed on him  
upon its floor with folk young and old —  
apart from public land and the persons of slaves.  
Far and wide (as I heard) the work was given out  
in many a tribe over middle earth,  
the making of the mead-hall. And, as men reckon,  
the day of readiness dawned very soon  
for this greatest of houses. Heorot he named it  
whose word ruled a wide empire.*

*Beowulf*

Construindo, quase em jeito de uma autobiografia colectiva, o retrato de uma nação obrigada a despertar do seu letárgico sonho de aventura imperial, o conjunto de narrativas que se pretende abordar surgiu no panorama da cultura de massas da Inglaterra eduardiana como um ponto de viragem nos hábitos de leitura de uma vasta comunidade de leitores<sup>202</sup>. Se excluirmos o público juvenil, esta comunidade situava-se invariavelmente, como refere Michael Denning<sup>203</sup>, entre a classe trabalhadora e a pequena burguesia.

---

<sup>202</sup> Aproximamo-nos aqui propositadamente do conceito de *comunidade interpretativa* inaugurado por Stanley Fish em *Is There a Text in this Class? The Authority of Interpretive Communities*. De acordo com este teórico da literatura, os textos literários acabam invariavelmente por ser lidos à luz das mesmas estratégias interpretativas por um conjunto determinado de leitores. Essas estratégias contribuem, por seu turno, para a coesão ideológica do grupo. Como dirá em certo passo, “members of the same community will necessarily agree because they will see (and by seeing, make) everything in relation to that community’s assumed purposes and goals[...].” (S. Fish, 1980: 15).

<sup>203</sup> M. Denning, 1987: 24.

De facto, as fórmulas narrativas<sup>204</sup> que, no virar do século, começavam a vingar, em particular o *spy thriller*, representavam um significativo desvio em relação ao que tinha até então constituído o grosso da literatura popular nas últimas décadas do século XIX<sup>205</sup>. Os temas da exaltação do Império, da missão civilizadora do homem branco e da busca da fortuna, patentes nas obras de F. Marryat, W. H. G. Kingston, G. A. Henty, R. L. Stevenson, H. Rider Haggard e Rudyard Kipling, entre outros, eram ingredientes essenciais daquilo que Martin Green viria a chamar «the energizing myth of English Imperialism»<sup>206</sup>.

É o fascínio pelo chamamento contido neste «mito» que leva a que, por exemplo, em *The Thirty-nine Steps* (1915), de John Buchan, um jovem estalajadeiro, insatisfeito com uma vida de seclusão passada no interior do seu pequeno micro-cosmos rústico e ambicionando tornar-se ele próprio um arauto do Império, confessasse:

Nothing comes here but motor-cars full of fat women, who stop for lunch, and a fisherman or two in the spring, and the shooting tenants in August. There is not much material to be got out of that. I want to see life, to travel the world, and write things like Kipling and Conrad.

Através das *adventure novels* eram veiculados novos modelos de masculinidade e novas formas de identidade nacional os quais, em afastando as personagens masculinas de um mundo doméstico permeado pela presença constante do feminino, procuravam naturalizar a ideia de superioridade e

---

<sup>204</sup> O conceito de *fórmula*, aqui empregue, obedece ao estipulado por John G. Cawelti num seu influente texto — *Adventure, Mystery and Romance: Formula Stories as Art and Popular Culture* —, onde desenvolveu a noção de que a fórmula poderia ser concebida como a incorporação, em certos arquétipos narrativos universais, de símbolos, temas e imagens recorrentes numa dada cultura. Através das fórmulas narrativas — e do modo como cruzam o universal e o historicamente localizado —, materializa-se e combina-se textualmente todo um vasto conjunto de fantasias que encontram eco em largas faixas da população, o que em parte justifica, segundo o mesmo autor, a sua grande popularidade. Uma vez que tais fórmulas permitiriam aos leitores se reverem em atitudes e em interesses comumente aceites, Cawelti concluiu que as fórmulas constituíam um importante factor de manutenção da estabilidade cultural (v. J. G. Cawelti, 1976: 5-36).

<sup>205</sup> V. T. Todorov, 1977: 48.

<sup>206</sup> Como dirá este autor referindo-se a tais obras, “[t]hey were, collectively, the story England told itself as it went to sleep at night; and in the form of its dreams, they charged England’s will with the energy to go out into the world and explore, conquer and rule.” (M. Green, 1980: 3.)

singularidade do homem britânico<sup>207</sup> num universo de aventura, distante e exótico, onde risco e controle, perigo e sagacidade se entrecruzavam num jogo de permanente tensão.

Isso é facilmente verificável em *The Prisoner of Zenda* e na sua seqüela, *Rupert of Hentzau*, de 1894 e de 1898, respectivamente. Nestas obras, Anthony Hope revelava através da personagem principal, Rudolf Rassendyl, e por via da excelência as suas capacidades intelectuais e físicas, precisamente essa confiança com que o britânico agia no mundo exterior. A própria ténue relação que mantinha com o sua família e com o seu país de origem, e a ausência da mais ínfima manifestação de um discurso nostálgico eram ambos sinais não de que o aventureiro britânico não se deixaria ensombrar pelos problemas político-sociais do seu país, mas sim de que esses problemas para ele simplesmente não existiam — *i. e.*, estavam *forclusos* do seu leque de preocupações.

Mas não eram somente estas narrativas que, ao mesmo tempo que afastavam os seus leitores de qualquer olhar crítico sobre a realidade nacional, contribuía para neles inculcar o ambicioso espírito imperial. Para além das abundantes hagiografias dos heróis do Império (entre os quais se destacavam os nomes de Havelock, de Gordon e do próprio Roberts), a mesma função exerciam as publicações periódicas expressamente dedicadas ao público juvenil masculino. O elogio da agressividade e da violência tornara-se frequente nos *penny dreadful* e, ainda que por vezes de forma não tão explícita, nos magazines juvenis, sancionados por instituições sociais tão diversas quanto a família, o Estado, a Igreja e a *public school*. O *Boys' Own Papers* (fundado em 1879 sob os auspícios da *Religious Tract Society*), o *Union Jack* (datado de 1880 e que teve como editores Kingston e Henty), e o *Comic Cuts* (o primeiro, criado em 1890, de uma série de publicações congêneres surgidas nas duas décadas seguintes pela mão de Alfred Harmsworth) são apenas alguns dos muitos títulos postos em circulação no último quartel do século.

O impacto substancial destas publicações junto das camadas mais jovens — como fica demonstrado num estudo de John M. MacKenzie sobre a

---

<sup>207</sup> Em *King Solomon's Mines*, de Rider Haggard, por exemplo, Quatermain, Good e Curtis são confundidos, graças à tecnologia e ciência ocidentais, com deuses pelos kukuanas.

propaganda imperial<sup>208</sup> — contribuiria para moldar decisivamente as suas expectativas em relação aos destinos da nação e para as preparar para as supostas missões difíceis que o Império lhes haveria mais tarde de atribuir. Embora a leitura como narcótico seja, como afirma Raymond Williams, uma das condições *sine qua non* da escrita efémera<sup>209</sup>, não deixa de ser verdade que essa mesma escrita pode contribuir, como é o presente caso, para o estabelecimento de padrões éticos e comportamentais, e para estruturar o imaginário nacional do seu público leitor.

Esses padrões sofreriam, entretanto, um forte abalo com o acentuar das tensões em torno das disputas entre as potências mundiais. A postura agressivamente expansionista e ostensivamente vangloriosa perante o mundo — que amiúde informava estas manifestações literárias — desvanecia-se paulatinamente para começar a dar lugar a uma atitude instintivamente defensiva e de retraimento, aflorando por vezes o paranóico. Mais do que um sentimento de transição, “[t]here was”, no dizer de Frank Kermode, “a feeling of crisis, that there was no telling how things might go[...]”, o que se reflectia na própria ficção e no modo como esta, qual sensível barómetro, denunciava o estado da nação<sup>210</sup>.

Em *The War in the Air* (1907) de H. G. Wells, quem dá voz a esse sentimento de crise é Bert Smallways — espécime do senso comum da classe trabalhadora britânica e ironicamente transformado em herói, ainda que pouco convencional e, por isso, pouco convincente junto dos seus leitores. Perante a possibilidade de conflito com potências estrangeiras, reagiria de um modo pessimista, senão mesmo derrotista: “If them Germans or them Americans get hold of this, [...] the British Empire’s done. [...] The Union Jack, so to speak, won’t be worth the paper it’s written on, Tom.”<sup>211</sup>

A rápida popularidade obtida pela *spy novel* aquando da sua emergência — em detrimento, até certo ponto, da *adventure novel* — é bem sintoma desse sentimento de crise e da tentativa ficcional de a resolver junto do imaginário de certas camadas sociais. Prova eloquente das novas preferências literárias reside

---

208 V. J. M. MacKenzie, 1984: 199-226.

209 R. Williams, 1965 (1961): 193.

210 F. Kermode, «The English Novel, circa 1907», in F. Kermode, 1983: 34.

211 H. G. Wells, 1941 (1907): 28.

numa sondagem sobre autores populares, realizada em 1907, onde William Le Queux e Philip Oppenheim, ficcionistas de nomeada no domínio da literatura de espionagem, surgiam a ocuparem as posições cimeiras<sup>212</sup>.

A mudança de atitudes em relação à auto-confiança nacional torna-se particularmente visível através dos modos pelos quais a Grã-Bretanha, enquanto potência militar, surge representada naquela que foi considerada por John Atkins como a primeira *spy novel*<sup>213</sup> digna desse nome: *The Riddle of the Sands* (1903), de Erskine Childers.

Narrando um cruzeiro, por águas das Ilhas Frísias, de dois jovens ingleses a bordo de uma pequena pequena embarcação de recreio à vela (o «Dulcibella»<sup>214</sup>), esta obra regista — através das especulações a que ambos se entregam — a consciencialização crescente relativamente à fragilidade da defesa costeira britânica face ao perigo alemão. A início, tanto Davies como Carruthers estavam de todo convictos que era o contrário que estava em causa. Seria a Alemanha que, receosa de uma eventual invasão da Grã-Bretanha, estaria a montar o seu próprio sistema de defesa. Levados por essa convicção e por um extremoso zelo patriótico, vagueavam em busca de provas que lhes permitissem descortinar de que modo isso estava sendo concretizado. O objectivo seria colocar, mais tarde, toda essa informação à disposição do *Admiralty*. Havia caminho por desbravar junto às costas alemãs:

“About this coast,” resumed Davies. “In the event of war it seems to me that every inch of it would be important, *sand and all*.[...] Now, say *we* were at war with Germany: both sides could use [their main channels] as links between the three estuaries; and to take our own case, a small torpedo-boat (not a destroyer, mind you) could on a dark night cut clean through from the Jade to the Elbe and play the deuce with the shipping there. But the trouble is that I doubt if there’s a soul in our fleet who knows those channels. *We* haven’t coasters there; and, as to yachts, it’s a most unlikely game for an English yacht to play at, but it does so happen that I have a fancy

212 D. Hudson, 1964: 311.

213 “We call *Riddle* the first of the spy novels not because it was the first chronologically to take espionage as its subject but because it was the first to do so seriously and plausibly.” (J. Atkins, 1984: 25).

214 O *Dulcibella* surge, por vezes, conotado com a própria Grã-Bretanha. “That frail atom of English soil, their first guerdon of home and safety”, tal como este microcosmos aparece descrito a certa altura, é, por extensão sinédócica, representativo da instabilidade e insegurança internacionais que agitavam o país. Apesar das suas reduzidas dimensões e das austeras condições de habitabilidade — como se de um eremitério se tratasse —, era, ainda assim, o único abrigo fiável no interior do qual os dois amigos encontravam protecção das intempéries.

for that sort of thing and would have explored those channels in the ordinary course.”  
I began to see his drift.<sup>215</sup>

Entretanto, Davies, sempre predisposto a equacionar questões geo-estratégicas, mais adiante interrogava-se quanto aos cenários possíveis que se poderiam desenhar em caso de conflito. A partir de determinado momento, a Grã-Bretanha e a Alemanha surgiam não como potência agressora e potência agredida, mas sim como dois adversários de igual estatura, envolvidos numa luta da qual jamais se poderiam adivinhar nem o vencedor, nem o vencido:

“The heavy battle-fleets are all very well,” he used to say, “but if the sides are all well matched there might be nothing left of them after a few months of war. They might destroy one another mutually, leaving as nominal conqueror an admiral with scarcely a battleship to bless himself with.”<sup>216</sup>

Se um plano de defesa já estava a ser concebido pelas altas chefias militares alemãs para um perfil costeiro onde vasos de guerra de grande calado não poderiam manobrar, Davies imediatamente traçava um paralelismo relativamente à situação das costas inglesas, para as quais nenhum projecto análogo havia até então sido desenvolvido<sup>217</sup>. Muito embora a crítica à inércia das instituições políticas britânicas — mormente as responsáveis pela defesa — fosse uma constante ao longo de toda a narrativa, só no fim se tornava evidente a vulnerabilidade do seu país. Tudo se tratava, afinal, de um engenhoso plano de invasão dos alemães. Quando Carruthers, que assume aqui a voz do narrador, acedia por fim à verdade a bordo de uma chata que fazia o primeiro ensaio de invasão nas águas do Mar do Norte, a sua estupefacção era tal que se chegou a desculpar perante o narratário por tal não se lhe ter logo tornado evidente assim que se levantaram as primeiras suspeitas em relação a Dollmann:

Indulgent reader, you may be pleased to say that I had been very obtuse; and yet, with humility, I protest against that verdict. Remember that, recent as are the events I am describing, it is only since they happened that the possibility of an invasion of England by Germany has become a topic of public discussion. [...] But you will see how perversely from first to last circumstances drove us deeper and

---

<sup>215</sup> E. Childers, 1976 (1903): 82. A fim de potenciar o efeito de surpresa, essa convicção manter-se-ia até muito próximo do fim da narrativa (v. id.: 254 e 277).

<sup>216</sup> Idem: 120-121.

<sup>217</sup> V. id. *ibid.*

deeper into the wrong groove, till the idea became inveterate that the secret we were seeking was one of defence and not offence.<sup>218</sup>

É precisamente este percurso entre a imagem de uma Grã-Bretanha potencialmente agressora e a outra de uma Grã-Bretanha na iminência de ser invadida que traduz em termos ficcionais a irreversível instauração da atmosfera de inquietude e de suspeição que ocorrera na sociedade eduardiana. A perplexidade — sentida tanto por Carruthers como por Davies — perante a ousadia de um tal ataque funciona aqui como uma hábil estratégia que não apenas permite que os mais renitentes leitores, igualmente atónitos, com eles se identifiquem, como também os converte em cúmplices do terrível segredo que, embora sendo ficcional, poderia já existir nos corredores de *Wilhelmstraße*. Por isso mesmo, eles são de igual modo moralmente responsáveis pela sua denúncia ou silenciamento. Aderir à narrativa expressando apreensão ante o prospecto, ainda que fictício, de uma invasão, apregoando a necessidade de se proceder ao reforço dos meios de defesa costeira, significa então não apenas o alinhamento pelas posições políticas do autor, mas também uma forma de afirmar que a Grã-Bretanha está desperta e atenta.

Embora a acção de *The Riddle* ainda se desenrole num espaço estrangeiro — se bem que não muito remoto —, vai ser sobretudo nas obras de Le Queux e Oppenheim que o *locus* da aventura passa a situar-se dentro do próprio território nacional. As *spy novels* e *invasion novels* já não tinham por cenário a remota colónia ultramarina ou as suas regiões raianas, mas sim espaços familiares e imediatamente reconhecíveis pelos seus leitores. É o que sucede quando a acção passa a ter lugar, por exemplo, dentro do universo labiríntico da grande metrópole londrina (transformada ora em palco privilegiado de intriga política internacional<sup>219</sup>, ora num campo de intermináveis batalhas sanguinárias), nas inóspidas charnecas escocesas (que se oferecem à perspectiva aérea do inimigo), ou nos estuários e portos (já não portas que se abrem para a conquista do mundo, mas sim potenciais focos de penetração do inimigo ou alvos preferenciais de atentados bombistas).

---

<sup>218</sup> Idem: 277-278.

<sup>219</sup> Sobre o modo como Londres se transformou no centro de acolhimento de refugiados políticos russos e de propagação de ideias revolucionárias v. Ian Watt, «The Political and Social Background of *The Secret Agent*», in I. Watt, 1973.

A esta vulnerabilidade do espaço nacional está associado um estado de entorpecimento espiritual da nação e, em particular, da cidade imperial. Quer deslumbrada pela volúpia e pelo esplendor da *belle époque* eduardiana, quer encerrada na vida rotineira do trabalho industrial, Londres — embora nunca apática perante a eventualidade de uma invasão — surge, nas linhas inaugurais destes textos, imersa numa atmosfera letárgica que expunha as suas fraquezas e susceptibilidades.

Carruthers, por exemplo, refere-se a Londres como “a sinking ship”<sup>220</sup> que na época estival é abandonada pelos do seu meio social. Amigos e colegas ausentam-se para se devotarem inteiramente a uma vida de convívio e de recreio, despida de preocupações, a bordo dos seus iates ou no conforto das suas casas de campo. Assim desprovida da sua elite social, a metrópole mergulha num *ennui* contagiante, acabando por se desvelar ao narrador, de partida para a aventura, sob um crepúsculo conradiano. Ao longo do seu rio, “the cordon of scintillating lightships [...] watch over the sea-roads to the imperial city like pickets round a sleeping army”<sup>221</sup>.

Também em *The Invasion of England* (1906), de William Le Queux, a cidade aparece adormecida, envolta numa difusa luz matinal, ignorante da tragédia que sobre ela pende:

Only at early morning does the dear old city look its best; in that one quiet, sweet hour when the night's toil has ended and the day's has not yet begun. Only in that brief interval at the birth of day, when the rose hints of the sky glow slowly into gold, does the giant metropolis repose[...].<sup>222</sup>

Contudo, aos primeiros sinais de perigo, a Grã-Bretanha desperta e encerra-se obsessivamente sobre si mesma, tornando-se de tal modo exígua que chega ao ponto de crispar os movimentos outrora transfronteiriços do homem colonial. Ele é agora transformado, subitamente, num recluso dentro dos seus próprios domínios. Isso é particularmente evidente em *The Thirty-nine Steps*. Apesar de se encontrar em pleno campo aberto, imerso no seio de uma paisagem de contornos bucólicos que lhe é desde há muito conhecida, Richard

---

<sup>220</sup> E. Childers, 1976 (1903): 1.

<sup>221</sup> Idem: 13.

<sup>222</sup> W. Le Queux, 1917 (1906): 5.

Hannay, o herói desta e de outras narrativas de John Buchan<sup>223</sup>, ao sentir o cerco a apertar-se em torno de si numa perseguição sem tréguas movida por um inimigo até então invisível e ignoto, trai os seus temores claustrofóbicos e desabafa justamente:

I have said there was not cover in the whole place to hide a rat. As the day advanced it was flooded with soft fresh light till it had the fragrant sunniness of the South African veld. At other times I would have liked the place, but now it seemed to suffocate me. The free moorlands were prison walls, and the keen hill air was the breath of a dungeon.<sup>224</sup>

Graham Greene, outro escritor de ficção de espionagem, reconhecia precisamente que “John Buchan was the first to realize the enormous dramatic value of adventure in familiar surroundings happening to unadventurous men.”<sup>225</sup>

Entretanto, o arquipélago britânico, como espaço político autónomo, começa a perder terreno ao inimigo. O espaço fronteiriço (por excelência aquele onde o confronto ameaça ter lugar e onde se definem domínios e poderes) deixava de ser unicamente as águas costeiras britânicas (como acreditavam os adeptos da *Blue Water School*), para passar a ser, como sucede em *The Invasion*, o Tamisa ou a simples barricada de rua. O próprio subsolo era transformado em fronteira última entre o poder *superior* dos alemães e o impoder *inferior* da população londrina.

Ominosamente pressagiando a vivência dos habitantes da grande metrópole durante os bombardeamentos aéreos da Segunda Guerra Mundial (magistralmente testemunhada nos desenhos de Henry Moore), Le Queux descreve os intermináveis túneis do *Underground* londrino como o último reduto no interior do qual uma população assustada e movida pelo instinto se comprimia em busca de salvação:

At the first sign of the bombardment many thousands of people descended into the “Tube” as a safe hiding-place from the rain of shell. At first the railway officials closed the doors to prevent the inrush, but the terrified populace[...], all along the

---

<sup>223</sup> Para além da obra mencionada, Hannay é ainda protagonista em *Greenmantle*, *Mr Standfast*, *The Three Hostages* e *The Island of the Sheep*.

<sup>224</sup> J. Buchan, 1993 (1915): 47.

<sup>225</sup> G. Greene, 1966: 119.

subterranean line, broke open the doors and descending by the lifts and stairs found themselves in a place which at least gave them security against the enemy's fire.<sup>226</sup>

Mas mesmo a segurança proporcionada por esse espaço revelar-se-ia uma mera ilusão. No momento em que os alemães cortavam o abastecimento de energia eléctrica aos túneis, o pânico generalizado instalava-se e os refugiados, como que embriagados pela morbidez de um último ritual autofágico, sucumbiam aos milhares esmagados uns pelos outros, ora de encontro ao chão, ora de encontro às paredes semicirculares<sup>227</sup>.

O comportamento irracional das massas seria, aliás, um dos elementos temáticos recorrentes neste texto e com ele procuraria o autor jogar com o terror do leitor ante o prospecto de uma sociedade entregue à barbárie. Na estreiteza de movimentos permitida pelo inimigo, apertadas pela fome e sufocadas pela mais completa penúria, em fuga aos bombardeamentos e às batalhas que se travavam a cada esquina, sem tecto sob o qual se abrigarem, debatendo-se no seio da pestilência e por entre os cadáveres que jaziam ao longo das ruas, as multidões abatiam-se mortalmente umas sobre as outras, sem que ordem ou autoridade se pudessem fazer valer. A desobediência civil, ainda que pudesse ser vista como uma corajosa demonstração de indomitabilidade face ao esforço teutónico de apaziguamento, apenas concorria para aumentar tensões e para o deflagrar de novos conflitos. Os sucessivos motins e as pilhagens (sobretudo as das casas dos bairros mais abastados — Park Lane e Grosvenor Square, por exemplo), a frenética disputa pelos despojos, os combates fratricidas por um naco de pão, os mais hediondos actos de violência gratuita, enfim, a *luta pela sobrevivência*, instintiva e brutal, acabariam por retirar aos habitantes da cidade em ruínas a última réstea de humanidade. Neste cenário apocalíptico de depradação e morte revelava-se a natureza mais primária de cada indivíduo — senão mesmo o seu *facies* mais satânico: “[t]he men were demons in that hour of terror; the women became veritable furies.”<sup>228</sup>

---

<sup>226</sup> W. Le Queux, 1917 (1906): 177.

<sup>227</sup> Idem: 178.

<sup>228</sup> W. Le Queux, 1906: 385.

Frenezim e demência colectivas combinavam-se naquilo que agora já não era senão uma selva<sup>229</sup>, um organismo amorfo e desprovido de qualquer dimensão moral (esta sendo a que, no fundo, era invocada como o principal argumento com que se legitimava a superioridade rácica do povo inglês).

O perigo não residia, portanto, apenas além-mar, mas também no âmago da própria nação. Se os alemães, na frieza de um gesto ponderado, destruíam mecânica e sistematicamente a cidade física — os seus edifícios, públicos e privados, os monumentos mais imponentes, os símbolos de poder, as infraestruturas produtivas, os próprios testemunhos materiais da excelência das civilizações antigas<sup>230</sup> das quais a Grã-Bretanha se reclamava como legatária —, seriam os próprios londrinos que, por seu turno, a acabariam por delapidar do seu verniz ético. Às ruínas e aos escombros que compunham agora a nova paisagem urbana correspondia uma paisagem interior de horror e caos, de perdição e desespero.

Não era por acaso que o autor explorava a apreensão dos seus leitores perante a visão de uma cidade que se erguia contra si mesma, não apenas fragilizando-se perante as hostes invasoras, mas também perdendo-se na voragem do auto-aniquilamento. A destruição da urbe a partir das forças contidas no seu interior seria, aliás, um tema que, tal como George Steiner refere, já se havia consolidado na literatura europeia ao longo do século XIX<sup>231</sup>. Também David Stafford, num breve estudo dedicado aos primeiros passos dados pela ficção de espionagem britânica,<sup>232</sup> relembra que os receios de um saque de proporções gigantescas já haviam sido inculcados no imaginário da classe média aquando do episódio do *Great Riot* de 1886 ocorrido no *West End* londrino.

Numa megalópole disforme em que mancha urbana se espalhava apenas para absorver mais massa humana, onde a vivência era sacrificada aos ditâmes

---

<sup>229</sup> Seria com recurso a essa mesma metáfora da selva que Wells descreveria a paisagem urbana de Nova Iorque depois do bombardeamento pelos *Zeppeline*: “Below, the immense buildings, tremendous and fine as they were, seemed like the giant trees of a jungle fighting for life; their picturesque magnificence was as planless as the chances of crag and gorge, their casualty enhanced by the smoke and confusion of still unsubdued and spreading conflagrations.” (H. G. Wells, 1941 (1907): 133.)

<sup>230</sup> A destruição do Museu Britânico, por exemplo, é referida como “a disaster which was of national consequence.” (W. Le Queux, 1917 (1906): 180.)

<sup>231</sup> G. Steiner, 1971: 23.

<sup>232</sup> D. A. T. Stafford, 1981.

da indústria, onde o indivíduo perdia aquilo que Paul Ricoeur designou de *ipseidade*, *i. e.*, a preocupação de si <sup>233</sup>, onde a miséria extrema convidava ao crime e ao desrespeito pela autoridade e pela lei, o temível espectro de uma sublevação generalizada e incontrolável ameaçava, a todo o instante, tornar-se realidade. A alienação — fruto primeiro da industrialização —, combinada com o apagamento das idiossincrasias, concorria agora para a formação de hordas de habitantes sem rosto que percorriam, anónimos, as artérias da grande cidade imersos naquela atmosfera de histeria colectiva que Hobson tornaria alvo central das suas críticas em *The Psychology of Jingoism*.

Muito embora o comportamento selvático e abominável das massas durante o cerco da cidade minasse as fundações éticas sobre as quais a civilização se erguera, havia, no entanto, certos grupos e estratos sociais cuja face moral Le Queux estava disposto a salvar. Dever-se-ia, por exemplo, ao heroísmo e ao esforço abnegado de soldados voluntários e civis a manutenção da última barreira entre um universo social em parte ainda incólume e um outro totalmente em ruínas. Noutros casos eram as barreiras entre classes que eram derrubadas pelo espírito de compaixão e de beneficência dos cidadãos mais abastados que partilhavam posses e haveres com os indigentes e os destituídos. Ao mesmo tempo que glosava o modelo — preconizado pelos socialistas — de uma sociedade regenerada na qual o ideal igualitário seria conduzido à sua mais acabada realização, Le Queux via somente na *consciência* responsável e magnânime do burguês endinheirado, ainda que em dificuldades, o contraponto da *inconsciência* massificada: “[m]en from the clubs stood next half-starved working men, and more than one of the the more fortunate slipped money unseen into the hand of his less favoured brother in adversity.” <sup>234</sup> Ainda durante o esforço de reconstrução após a guerra, iria ser novamente a alta burguesia que, a pensar abnegadamente no bem público, ia disponibilizar generosamente o seu capital:

Private charity, everywhere abundant during the trying days of dark despair, is doing inestimable good among every class. The hard, grasping employer, and the smug financier, who hitherto kept scrupulous accounts, and have been noteworthy on account of their uncharitableness, have now, in the hour of need, come forward and subscribed liberally to the great Mansion House Fund, opened yesterday by the

---

<sup>233</sup> P. Ricoeur, «Indivíduo e Identidade Pessoal», in P. Veyne *et al.*, 1988: 65-85.

<sup>234</sup> W. Le Queux, 1906: 182-183.

Deputy Lord Mayor of London. The subscription list occupies six columns of the issue of tomorrow's paper, and this, in itself, speaks well for the open-heartedness of the moneyed classes of Great Britain.<sup>235</sup>

Não obstante esta salvaguarda moral das classes sociais mais altas, ricos e pobres, burgueses e trabalhadores, padeciam indiscriminadamente das feridas infligidas pelo inimigo. Em tom epigramático, escreveria a dado passo: “War is a great leveller”<sup>236</sup>. E era, de facto, isso mesmo que Le Queux se propunha retratar tanto em termos sociais como em termos espaciais. A carnificina dos bombardeamentos não conhecia classes e todos sucumbiam perante o esmagamento da verticalidade britânica — fosse ela material ou espiritual. Na realidade, outro objectivo não conheciam os obuses inimigos senão esse mesmo: o do *nivelamento* do terreno que se estendia ante si. Esta imagética do esmagamento encontra na seguinte passagem a sua mais fiel expressão:

Whole streets were shattered by explosions, and fires were breaking out, the dark clouds of smoke obscuring the sunlit sky. Roaring flame shot up everywhere, unfortunate men, women, and children were being blown to atoms by the awful projectiles, while others distracted, sought shelter in any cellar or underground place they could find, while their houses fell about them like packs of cards.<sup>237</sup>

Seja através de um aeroplano, como sucede na obra de Buchan<sup>238</sup>, seja através dos binóculos de Von Kronhelm, que, em *The Invasion*, situado num nível superior, sondava a cidade que jazia a seus pés<sup>239</sup>, seja ainda através da perspectiva vertical permitida pelos *Zeppeline*, em *The War in the Air*<sup>240</sup>, a Grã-Bretanha, como espaço de invasão e de ocupação, surgia miniaturizada, reduzida a um plano bidimensional, a um mapa vivo que se estendia ante os olhos do estratega inimigo. Um território onde nada escapa à percepção do invasor torna-se ele próprio impotente e indefensável. A partir dessa perspectiva aérea e longínqua, a individuação perdia-se na confusão de formas, distantes e intangíveis, e o olhar desumanizava-se. A sociedade que se movia

---

235 Idem: 536-537.

236 Idem: 183.

237 W. Le Queux, 1917 (1906): 173.

238 J. Buchan, 1993 (1915): 27.

239 W. Le Queux, 1917: 172.

240 H. G. Wells, 1941 (1907): 98-99.

em baixo passava a ser vista, como escreveria Wells a dado passo, como “a hive of bees”<sup>241</sup>.

Esta redutibilidade da nação britânica, o esmagamento das suas fronteiras e a compressão da comunidade, enquanto massa anónima, num *ghetto* do qual não havia fuga possível traduz, em última análise, mais do que o total despojamento de toda e qualquer forma de poder, mais do que a gradual delapidação do território, a própria vertigem da extinção da raça — afinal, a principal fobia colectiva de uma época e sociedade em que dominavam os postulados do darwinismo social.

Ainda que conseguisse sobreviver a essa vertigem tanatótica e à destruição semeada pelo inimigo, o cidadão britânico representado nestas narrativas acabava por se sentir alienado em relação àquilo que antanho fôra o seu espaço de liberdade. Os próprios referentes materiais e sociais que o haviam mantido ancorado a um universo familiar, doméstico, quando não totalmente destruídos pela guerra, tornavam-se-lhe estranhos e remotos.

Wells, de todos os autores analisados o único que reflecte, de uma forma sistemática, sobre a natureza da História, desenha em *The War* um cenário dantesco. Nesta obra não só se assiste à desagregação da sociedade, que no final surge fragmentada, dividida em comunidades microscópicas e de contornos feudais, mas também ao total divórcio entre o indivíduo e o seu passado socio-político. A guerra total, ao operar um profundo golpe no *continuum* mnemónico e material da colectividade, afasta-a de uma realidade civilizacional na qual as comodidades proporcionadas pelos avanços científicos e tecnológicos a mantinham dependente das relações e modos de produção do sistema capitalista. O caos económico e financeiro que, ainda durante a guerra, se abate sobre o tecido social e o estilhaça é apenas um dos sintomas do início de um movimento sistólico que marca a entrada da humanidade numa nova era que, por oposição ao progresso e à (falsa) sensação de segurança da anterior, se caracteriza pela regressão e pelo retorno ao mundo rural e a uma economia pré-industrial. Este quadro típico de uma historiografia de «decline and fall» apresenta ainda o desvanecimento do Estado soberano e a reemergência da religião (enquanto factor de coesão social) como dois fenómenos que obrigam

---

<sup>241</sup> Idem: 130.

à reestruturação das relações de poder. Além disso, o sujeito social — que até aí vivera ignorante dos modos pelos quais se processava a produção da maior parte dos bens de consumo que o tinham envolvido numa redoma de conforto material — é a partir de então submetido a um processo de reaprendizagem e de readaptação que o devolve a um primitivismo tecnológico que se pressupunha há muito ultrapassado:

These people, the reader must understand, were an urban population sunken back to the state of a barbaric peasantry, and so without any of the simple arts a barbaric peasantry would possess. In many ways they were curiously degenerate and incompetent. They had lost any idea of making textiles, they could hardly make up clothes when they had material, and they were forced to plunder the continually dwindling supplies of the ruins about them for cover. All the simple arts they had ever known they had lost, and with the breakdown of modern drainage, modern water supply, shopping, and the like, their civilized methods were useless. Their cooking was worse than primitive. It was a feeble muddling with food over wood fires in rusty drawing-room fireplaces; for the kitcheners burnt too much. Among them all no sense of baking or brewing or metal-working was to be found.

À imagem inaugural de uma Grã-Bretanha afluyente, mecanizada, fascinada pela invenção e pelo engenho, mergulhada no mais arreigado *jingoisism*, empenhada na corrida armamentista e em luta pela salvaguarda do Império, sobrepõe-se, no momento em que a narrativa se fecha, a de um espaço fraccionado em múltiplos territórios, onde, por vezes, impera a lei do vilão e do salteador, onde pequenas comunidades focais buscam a subsistência com recurso às mais elementares técnicas e ferramentas, onde a grandeza e a supremacia da Nação e do Império não passam de meras sombras ideológicas que povoam a memória colectiva dos anciãos. Às gerações mais novas, que desconhecem as glórias da “Scientific Era”, o passado (leia-se o presente do leitor eduardiano) é-lhes veiculado pela palavra, pelo *μυθος* dos mais velhos, ou seja, é mitificado, ao ponto de adquirir uma dimensão mágica. Só assim se pode compreender o *simile* que o narrador introduz quando Tom Smallways, perante as ruínas de uma grande cidade, desconhecida do seu pequeno sobrinho, a nomeia: “His voice dropped as though he named strange names. ‘It’s *London*,’ he said.”<sup>242</sup>

No entanto, nem todos os autores optaram, como fez Wells, por um percurso imaginativo de um mundo em regressão num longínquo pós-guerra.

---

<sup>242</sup> Idem: 247. O sublinhado é nosso.

É, por exemplo, o caso de Saki e da sua obra, *When William Came*, de 1913. Nesta *occupation novel* (com cuja ambiguidade do título se invoca a última invasão bem sucedida da Inglaterra) Yeovil — tal como Hannay, uma personagem viajada e conhecedora do Império —, retornava a casa após uma expedição de caça em terras do Czar. Uma vez que estivera ausente durante a invasão e não tinha ainda assimilado a transfiguração política que havia alterado a face da nação, Yeovil não conseguia esconder o choque e a revolta de ver agora o seu país sob o jugo dos vizinhos germânicos. Contudo, o que mais o trazia inconformado não era a constante presença alienígena (ou a prevalência dos seus símbolos de poder), mas sim o torpor e a inércia a que os seus concidadãos se haviam auto-votado, a degradação do sentimento patriótico, as abjectas demonstrações de colaboracionismo e a sensação de que todo e qualquer apelo à sublevação morreria à nascença ante a indiferença pública.

Por consequência, não se revia nem no *milieu* social onde antes se movimentara, nem no seu próprio espaço doméstico. Transformado num anacronismo ideológico, esta personagem perdera o sentimento de pertença e era agora um estrangeiro entre os seus: “The journey seemed suddenly to have recommenced; he was under his own roof, his servants were waiting on him, his familiar possessions were in evidence around him, but the sense of being at home had vanished.”<sup>243</sup> Tudo era agora passível de (re)descoberta, incluindo a própria cidade, que se oferecia ao olhar dessa personagem sob uma nova luz. Como nos conta o narrador a certo passo, “Yeovil set out for his morning walk with the curious sensation of one who starts on a voyage of discovery in a land that is well known to him.”<sup>244</sup>

O seu país, que até então fôra o espaço privilegiado para a afirmação da sua liberdade política, não apenas perdera a independência (e, conseqüentemente, o estatuto de potência internacional), como ainda havia sido apartado do Império. (Não obstante a natureza dos acontecimentos narrados, Saki, como que temendo pôr em causa — ainda que em termos puramente ficcionais — a integridade do Império, procuraria fazer com que este sobrevivesse no seu texto através da retirada do monarca e da sua corte para

---

<sup>243</sup> Saki, 1977 (1913): 93.

<sup>244</sup> Idem: 110.

Delhi.) Yeovil estava ciente de que sem a Grã-Bretanha o Império se havia convertido numa enormidade acéfala. Deste modo se consumia o pior pesadelo para os imperialistas britânicos: de *centro* nevrálgico de um Império à escala mundial, as Ilhas Britânicas passavam, humilhadas, para a *periferia* de um outro Império sediado no continente, relegadas que ficaram à categoria de meras províncias insulares do gigante germânico. Como referiria uma personagem em jeito de crónica,

The British Isles came under the German Crown as a *Reichsland*, a sort of Alsace-Lorraine washed by the North Sea instead of the Rhine. We still retain our Parliament, but it is a clipped and pruned-down shadow of its former self, with most of its functions in abeyance; when the elections were held it was difficult to get decent candidates to come forward or to get people to vote. It makes one smile bitterly to think that a year or two ago we were seriously squabbling as to who should have votes. And, of course, the old party divisions have more or less crumbled away.<sup>245</sup>

Nesta narrativa, certas metáforas traem muito facilmente os alinhamentos políticos do autor. Torywood é uma delas: “[it] was not a stately, reposeful-looking house; it lay amid the sleepy landscape like a couched watchdog with pricked ears and wakeful eyes.” Residência de Eleanor, *Dowager Lady* Greymarten, Torywood surge como o último baluarte do patriotismo inveterado e da velha moral victoriana, local onde no passado se ditara a História gloriosa da nação e onde ainda se conspirava (sem alento, contudo) a reconstrução do espírito patriótico, entretanto agonizante face à estratégia alemã com vista ao apagamento da identidade nacional. A sua idosa ocupante, soçobrada pelo peso da decadência dos valores da sociedade sua contemporânea e drenada da força anímica que dantes a fizera altiva — mas ainda assim símbolo vivo da antiga Inglaterra —, aguardava já sem esperança a sua morte anunciada:

Now, in Yeovil's eyes, she had suddenly come to be very old, stricken with the forlorn languor of one who knows that death will be weary to wait for. [...] Victory had been her goal, the death or victory of old heroic challenge, for she had always dreamed to die fighting to the last; death or victory — and the gods had given her neither, only the bitterness of a defeat that could not be measured in words, and the weariness of a life that had outlived happiness or hope.<sup>246</sup>

---

245 Idem: 100.

246 Idem: 189.

A este pessimismo *Tory*, que se traduzia literariamente na personificação da nação através de uma figura matriarcal moribunda, juntava-se a crítica explícita às instituições políticas que, indiferentes ao evoluir dos acontecimentos, teriam permitido o descalabro nacional. A principal instituição visada não era, como seria de supor, o governo liberal, mas sim a própria democracia. As reflexões de uma das personagens sobre os acontecimentos que antecederam a ocupação dão voz aos argumentos censórios do autor: porque obrigados aos seus compromissos eleitorais e inibidos de tomarem decisões impopulares sob o risco de perderem o cargo, os membros do governo ter-se-iam limitado a ecoar a vontade popular que, ignorante que era dos assuntos militares, se insurgira contra o treino obrigatório nas armas. Uma vez que a inconstância relativa a matérias políticas era característica da sociedade britânica, partidos e governo teriam oscilado ao sabor de caprichos contraditórios em busca do favor popular. Desprovida de uma linha mestra coerente no tocante às relações internacionais e cega quanto aos perigos externos que espreitavam além-mar, seria a própria sociedade que, através do poder que lhe concedia o voto, empurrava o país em direcção à catástrofe.

Essa mesma sociedade anichava-se, agora, submissa aos pés da potência ocupante. Passara a ser “a subject race” que, perante a ameaça pendente de bloqueio económico que sufocaria o país em pouco tempo, era incapaz de esboçar o mais pequeno gesto de revolta. Por seu turno, as classes mais altas, unicamente preocupadas com a manutenção do *status quo*, deixavam-se seduzir pelos novos modos de diversão e de ócio a que a cultura cosmopolitana convidava, em vez de procurarem instituir formas de contra-poder.

Mas também os partidos se encontravam na mira das acusações. Os liberais teriam sido incapazes de, na excessiva subserviência às preocupações eleitoralistas, tomar as medidas apropriadas para dissuadir o inimigo alemão. Os trabalhistas carregariam, por outro lado, o anátema do internacionalismo e dos sonhos de uma “universal brotherhood”<sup>247</sup> — o que os teria, em última análise, induzido em erro relativamente aos propósitos dos partidos democráticos alemães. Somente os conservadores eram, entretanto, os que

---

<sup>247</sup> Idem: 101.

ainda nutriam, por coerência doutrinária, a mais profunda reverência pelos símbolos nacionais. No entanto, não teriam sido politicamente hábeis para contornar a inépcia liberal e, após consumada a ocupação, a eles poucas saídas se ofereceriam para além da emigração para outras paragens do Império ou uma vida de reclusão no interior das suas *country houses*, afastando-se de todo e qualquer protagonismo na cena política nacional.

As críticas de Saki situavam-se dentro da mesma tradição ideológica de outros escritores já atrás mencionados. Do mesmo modo como as suas convicções políticas relativas ao Império e à nação o levaram a alistar-se como voluntário na Primeira Grande Guerra (durante a qual viria a falecer em 1916, aos quarenta e um anos de idade), assim também Erskine Childers integrara aos vinte e nove anos um corpo voluntário — os *City Imperial Volunteers* — destinado a fazer frente às forças *boer*. Mau grado as fadigas e os perigos, esta experiência militar por terras da África Austral seria suficiente para o fazer render-se aos benefícios morais decorrentes da vida espartana a que o exército obrigava. Como viria a confessar logo após o seu regresso a Inglaterra:

Physically and mentally, I have found this excursion into the military life of enormous value. [...] It is something to have reduced living to its simplest terms, to have realized how little one really needs. To have learned the discipline, self-restraint, endurance and patience that soldiering demands. To have lived with, and for, two horses, night and day, for many months. To have given up newspaper-reading and to have steeped oneself in the region of fact where history is made and Empire moulded.<sup>248</sup>

Desta sua apologia do militarismo facilmente se depreende que o que mais importava a Childers não era tanto a vida militar em si, mas o que esta proporcionava: a ruptura com o quotidiano; a oportunidade de participar na construção da História; a entrega total em prol da glória imperial.

O *modus vivendi* acima descrito, feito de sacrifícios materiais e espirituais, buscando a realização máxima do indivíduo através de uma pose ascética, concretizou-se literariamente na figura de Davies. Por contraste a uma alta sociedade que venerava a sofisticação, o conforto e a ociosidade, representada por um Carruthers a princípio renitente em se deixar envolver pela ambiência quase monástica do *Dulcibella*, contrapunha-se o espírito

---

<sup>248</sup> Ap. A. Boyle, 1977: 96-97.

militar, aqui materializado num Davies “[that] was everywhere at once — heaving in chain, hooking on halyards, hauling ropes; while my part became that of the clown who does things after they are done[...].”<sup>249</sup> Seria a pureza espiritual de Davies — alcançada pelo esforço físico e pelo afastamento voluntário da sociedade — que conferiria às suas palavras um tom oracular dificilmente questionável. Daí caber muitas vezes a esta personagem o papel de voz da consciência nacional.

Tal como em Saki, a denúncia da inabilidade das instituições políticas constituía uma dos principais conteúdos ideológicos de *The Riddle* — obra de ficção que fôra propositadamente concebida como veículo para uma mensagem política específica<sup>250</sup>. Porque não depositava confiança no discernimento individual do estadista, Childers, que subscreveu estas linhas do prefácio, acreditava que o julgamento de certos factos deveria ser da incumbência de uma outra instância:

[...] I gave my vote emphatically for publication. The personal drawbacks could, I thought, with tact be neutralized; while, from the public point of view, the case was just one of those which unhappily occur with increasing frequency nowadays, when matters that properly should be confined to the seclusion of the statesman's study must perforce be removed from it and submitted to the common sense of the country at large; a common sense which all thoughtful observers know to be growing, while statesmanship is declining. Conspicuous proofs of this, the most striking feature in the growth of modern democracy, abound in our recent history.<sup>251</sup>

Procurando emprestar algum grau de verosimilitude à narrativa, Childers surge-nos neste excerto não como o seu autor, mas sim como apenas mais uma personagem que, em entrevista com os protagonistas, acede previamente ao texto e decide a sua publicação. Somente a divulgação do segredo poderia constituir “a drastic cure for what had come to be nothing less than a national disease”<sup>252</sup>.

Ao longo da obra, de forma mais ou menos explícita, o autor semeia indícios que comprovam o funcionamento reprovável de algumas instituições. Carruthers, funcionário do *Foreign Office*, está particularmente bem colocado para nos oferecer uma perspectiva “from the inside”. Esse órgão

---

249 E. Childers, 1976 (1903): 24.

250 A. Boyle, 1977: 109.

251 E. Childers, 1976 (1903): vi.

252 Id. *ibid.*.

governamental que, pelas responsabilidades que lhe cabem, deveria funcionar de um modo irrepreensível, parece estar sujeito aos caprichos dos seus superiores. Protestando silenciosamente contra umas férias arruinadas pelas obrigações do trabalho, diz:

The reason for my detention was not a cloud on the international horizon — though I may say that there was such a cloud; but a caprice on the part of a remote and mighty personage, the effect of which, ramifying downwards, had dislocated the carefully laid holiday plans of the humble juniors[...].<sup>253</sup>

Tal como Richard Hannay, em *The Thirty-nine Steps*, se recusou a confiar às autoridades a verdade relativamente à estranha morte de *Mr Scudder*, também no texto de Childers o *Admiralty* e a *Scotland Yard* não estavam aptos a que lhes fosse revelado o segredo da proveniência de Dollmann, o agente duplo inglês que aderira à causa inimiga:

“[...]Do you realize that at this very moment we have probably gained the first object? If went home now, walked into the Admiralty and laid our facts before them, what would be the result?”

“The Admiralty!” said Davies, with ineffable scorn.

“Well, Scotland Yard too, then. Both of them want our man, I dare say. It would be strange if between them they couldn't dislodge him and incidentally either discover what's going on here or draw such attention to this bit of coast as to make further secrecy impossible.”

“It's out of the question to let her betray her father, and then run away! Besides, we don't know enough, and they mightn't believe us. It's a cowardly course, however you look at it.”<sup>254</sup>

No final da narrativa, Childers, em jeito de remate tomando emprestada a voz do editor, volta, desta vez de uma forma mais sistemática, a apontar os principais defeitos de que padecia a política britânica no domínio da protecção da costa e do território: a ausência de uma teoria de defesa nacional e de um serviço militar obrigatório; a total desarticulação entre exército e marinha; a inexistência de planos para a mobilização de homens e equipamento para travar um eventual avanço do inimigo no espaço nacional; uma marinha dispersa pelos sete mares carecendo de orientação; o risco pendente de bloqueio económico por uma força naval estrangeira.

O contraste entre o comportamento político acidioso dos britânicos e a metódica organização estratégica dos alemães faz parte de um discurso

---

<sup>253</sup> Idem: 3. V. também p. 194.

<sup>254</sup> Idem: 183.

ideológico manifesto do qual Davies se faz porta-voz e que se encontra escorado pelo modo como se apagam certas virtudes nacionais para se dar relevo a algumas qualidades alienígenas «superiores». O autor de *The Riddle*, todavia, não nega o seu país. Os atributos germânicos positivos — que tanto fascínio e atracção sobre ele exercem — querem-se apenas como constituintes de um modelo que ajude a ultrapassar as deficiências e inaptidões que têm caracterizado a conduta do político britânico.

Também Le Queux, em *The Invasion*, fazendo eco das posições e dos argumentos de Roberts e Northcliffe, insistia em expressar o seu descontentamento relativamente aos moldes segundo os quais se forjava a política externa do seu país. Tal como Childers, atacava a leviandade com que o governo ocultava a verdade dos cidadãos e se recusava cobardemente a lhe fazer frente: “[...] we had, ostrich-like, buried our heads in the sand and refused to turn our eyes to the grave peril that has for so long threatened.”<sup>255</sup> A dado momento, as suas críticas perdiam o carácter vago e geral e chegavam mesmo a particularizar-se, consubstanciando-se no nome de uma conhecida figura pública. Durante uma interpelação da Oposição ao Governo, numa Câmara dos Comuns apressadamente improvisada em Bristol, as acusações apontavam no sentido de que “[t]he Government had been culpably negligent, and Mr. Haldane’s scheme had been all insufficient. Indeed, it had been nothing short of criminal to mislead the Empire into a false sense of security which did not exist [*sic*].”<sup>256</sup> Embora se trate de um texto ficcional, cuja acção se projectava num futuro relativamente próximo, o facto é que a inclusão de uma personagem histórica, contemporânea do leitor, funcionou como um inteligente estratagema através do qual Le Queux conseguiu fundir o mundo real com o mundo possível da narrativa transformando assim aquela interpelação num discurso que prospectivamente adverte o leitor da má-condução do poder. Deixava, assim, implicitamente entender que o percurso seguido pelos liberais em 1906 se encaminharia, de um modo irreversível, para o *dénouement* político-social do qual *The Invasion* pretendia ser o seu mais fiel retrato.

---

<sup>255</sup> W. Le Queux, 1906: 395.

<sup>256</sup> Idem: 403.

John Buchan, por seu turno, direcciona as suas críticas especialmente contra a tibieza do político liberal. Para isso, socorre-se de *Sir Harry*, figura peculiar com quem Hannay se cruza durante a sua fuga. Quando, numa localidade escocesa, pretende convencer a uma plateia predominantemente conservantista das suas teses, este principiante nas lides políticas vê a sua insegurança exposta ao leitor através de um discurso indirecto, conjugado na terceira pessoa, filtrado e permeado pelos comentários do protagonista, a quem cabe igualmente a função de narrador autodiegético. Os contornos caricaturais do comportamento de *Sir Harry* concorrem para a sua ridicularização e, conseqüentemente, para o descrédito das suas palavras:

I never heard anything like it. He didn't begin to know how to talk. He had about a bushel of notes from which he read, and when he let go of them he fell into one prolonged stutter. Every now and then he remembered a phrase he had learned by heart, straightened his back, and gave it off like Henry Irving, and the next moment he was bent double and over his papers. It was the most appalling rot, too. He talked about the 'German menace', and said it was all a Tory invention to cheat the poor of their rights and keep the great flood of social reform, but that 'organized labour' realized this and laughed the Tories to scorn.

He was all for reducing our Navy as a proof of our good faith, and then sending Germany an ultimatum telling her to do the same or we would knock her into a cocked hat. He said that, but for the Tories, Germany and Britain would be fellow-workers in peace and reform. I thought of the little black book in my pocket! A giddy lot Scudder's friends cared for peace and reform.<sup>257</sup>

Escrito já após o início das hostilidades, este texto acaba por, retrospectivamente e utilizando a realidade como referência sancionadora, patentear as inconsistências e os erros de juízo que abundavam na retórica governamental.

As posições de Wells, porque se inscrevem declaradamente no outro extremo do espectro político-ideológico, afastam-se das anteriormente referidas. Wells não se cingia a uma crítica centrada no político britânico. Ao invés dos outros autores, o ponto de vista assumido é globalizante e procura compreender o fenómeno da decadência da civilização enquanto realidade trans-nacional. As suas observações não se dirigem, portanto, a esta ou aquela corrente de pensamento político particular, mas sim a toda a atmosfera de paranóia colectiva que se apossara de sociedades inteiras.

---

<sup>257</sup> J. Buchan: 41-42.

Ao mesmo tempo que os países pareciam estreitar, por virtude dos novos meios de comunicação proporcionados pela ciência e pela tecnologia, os laços económicos e culturais que os uniam, os nacionalismos exaltados, a ganância imperial e a busca da supremacia mundial operavam em sentido contrário a ponto de o próprio globo não conseguir satisfazer espacialmente tão incontidas ambições:

[The world's] national governments [and] its national interests [...] were too suspicious of each other, too wanting in generous imagination. They began to behave like ill-bred people in a crowded public car, to squeeze against one another, elbow, thrust, dispute and quarrel. Vain to point out to them that they had only to rearrange themselves to be comfortable. Everywhere, all over the world, the historian of the early twentieth century finds the same thing, the flow and rearrangement of human affairs inextricably entangled by the old areas, the old prejudices and a sort of heated irascible stupidity; and everywhere congested nations in inconvenient areas, slopping population and produce into each other, annoying each other with tariffs and every possible commercial vexation, and threatening each other with navies and armies that grew every year more portentous.<sup>258</sup>

Este excerto — que, embora escrito em 1907, pode ainda ser lido como um pequeno prefácio à história do século XX — denuncia com extrema acuidade os males ideológicos de que padecia então a humanidade. Energias físicas e intelectuais que poderiam ser redireccionadas para o bem-estar comum estavam sendo esgotadas no esforço bélico. O sistema educativo, instrumento privilegiado para o inculcar de uma consciência cívica esclarecida e racional junto do indivíduo, acabava por formar massas anónimas que se exultavam com a repressão dos povos colonizados e com os ultimatos lançados às potências mais fracas. As indústrias armamentistas assistiam com agrado ao avolumar de encomendas e procuravam dar resposta à crescente exigência de eficiência do equipamento militar, permanecendo, entretanto, indiferentes ao uso que pudesse ser dado aos seus produtos. Os governos reclamavam direitos à posse deste ou daquele território, exigiam satisfações por este ou aquele incidente e pactuavam entre si ora para fazer frente a um bloco outro, ora para repartirem despojos coloniais. É para este contexto que Wells aponta as suas baterias. Muito embora surjam inseridos num texto ficcional, os seus comentários não deixam por isso de constituir uma das mais consequentes e

---

<sup>258</sup> H. G. Wells, 1941 (1907): 71.

coerentes interpretações do comportamento político das sociedades ocidentais do seu tempo.

## Quinto Capítulo

“Grendel”:

percursos na construção da figura do inimigo

*So the company of men led a careless life  
all was well with them: until One began  
to encompass evil, an enemy from hell.  
Grendel they called this cruel spirit,  
the fell and fen his fastness was,  
the march his haunt. [...]*

*Beowulf*

Do mesmo modo que na *adventure novel* o herói britânico era investido de um poder *legítimo* dificilmente igualável e superável por qualquer dos seus antagonistas, assim também na *spy novel* e na *invasion novel* o inimigo revelava-se detentor de um poder *ilegítimo* que constituía uma séria ameaça não só ao Estado britânico como à própria paz mundial. Que nestes últimos subgéneros ficcionais esse poder desestabilizador se tenha configurado, a partir de determinado momento, na Alemanha é bem revelador do destaque que esse país assumiu no panorama da política internacional e do peso que adquiriu na correlação de forças europeia.

Se bem que os historiadores sejam unânimes em considerar que, relativamente a esse período, a condução política do Estado alemão em matéria de relações externas deixava muito a desejar — o que justificaria a imagem de uma Alemanha ardilosa e ameaçadora nas narrativas em causa —, não é correcto partir do princípio de que estas se limitavam a espelhar fielmente os moldes em que tal política se processava. É certo que o clima de tensão e de instabilidade gerado pela corrida naval e pelas sucessivas crises induzidas pela Alemanha contribuiu decisivamente para a formação de representações predominantemente negativas desse país junto da opinião pública britânica. Era com tais representações que estas narrativas trabalhavam. Ao reproduzirem

subliminarmente os discursos de poder e de impoder em circulação na sociedade, as ficções absorviam essas representações e reformulavam-nas literariamente com vista a configurar e a materializar verbalmente toda e qualquer ameaça ao poder instituído. Neste caso, aquele que se achava em posição de pôr em causa as estruturas consagradas de poder situava-se fora delas e não podia, por isso, ser por elas dominado ou neutralizado. O privilegiar ficcional de um inimigo externo à comunidade permitia então, para além de dissimular tensões internas e de consolidar a integridade do grupo, desvelar igualmente um sentimento de vulnerabilidade e de urgência. O que está em causa não é, pois, determinar simplesmente até que ponto a um perigo real correspondia um perigo ficcional mas sim perceber de que modo foram estruturadas as representações do inimigo por forma a que essa sensação de perigo e de fragilidade fosse intensificada junto do público leitor. Por outras palavras, interessa sobretudo determinar como é que o privilegiar desta ou daquela figura (estereotípica ou não) — o *Kaiser*, o Senhor da Guerra, o espião, o agente duplo, o soldado-máquina, etc. — contribuiu para incutir o temor da impotência política e da debilidade militar.

Uma das figuras recorrentes em que a Alemanha surge representada é, obviamente, a do próprio Estado. Tanto nestes textos ficcionais como nos discursos proferidos por alguns políticos e jornalistas, era num Estado *outro*, que se supunha politicamente sólido e militarmente forte, onde o poder ameaçador se encontraria sediado e de onde seriam emanadas as ordens que punham em andamento uma complexa máquina de espionagem. Assistia-se aí, alegadamente, a uma confluência de vontades heterogéneas e a uma orquestração de poderes díspares, o que tornaria possível levar a cabo projectos que, em redesenhando as linhas fronteiriças dos mapas políticos como resposta ao desiderato expansionista, estabeleciam novos cursos para a história da Europa e do mundo. Para isso também contribuiria o invejável estatuto geopolítico axial que gozava no centro do continente e que contrastava com a insularidade periférica dos britânicos, conferindo-lhe o estatuto de interlocutor imprescindível na resolução (ou fomento) de atritos entre as restantes potências europeias.

Em *The Riddle of the Sands*, tanto o Estado como a sociedade civil alemã<sup>259</sup> (*i. e.*, a esfera do político e a dos interesses económicos e sociais) surgem indistintos, como que formando uma vontade única que persegue objectivos delimitados e consensuais. A Alemanha é sobretudo entendida como uma *potência*, um organismo socio-político articulado e activo, de contornos bem definidos, que interage e compete de igual para igual com outras potências.

A essa visão de um país uno e indivisível não será estranho o facto de ele ser apreendido neste texto a partir do exterior. De facto, ao contrário do que sucede em relação ao inimigo alemão, que noutras narrativas gravita sempre em direcção a Londres (onde facilmente se inteira das fraquezas da nação), a movimentação espacial das duas personagens principais — Davies e Carruthers — tem lugar não nos centros nevrálgicos da Alemanha (Berlim ou qualquer outra cidade política e economicamente importante), mas sim nas suas regiões raianas. A sua deslocação em direcção ao poente e ao longo da costa não permite senão um olhar distanciado, redutor e, por isso mesmo, simplificador da realidade alemã. Desde o Mar Báltico até às Ilhas Frísias, ainda que percorrendo o interior das planícies do Schleswig-Holstein através do Canal de Kiel, a sua viagem processa-se sempre no elemento aquático, o que os mantém, mau grado alguns contactos esporádicos com os nativos, separados da sociedade alemã, divorciados dos seus problemas e das suas tensões intestinas. Mesmo quando em terra firme, as duas personagens mantêm-se tímida e teimosamente junto do mar ou para lá transitam, limitando-se a entrarem em contacto com as populações só em caso de necessidade, deste modo evitando com elas qualquer envolvimento de natureza

---

<sup>259</sup> Opera-se aqui uma distinção conceptual entre *Estado e sociedade civil burguesa* (*bürgerliche Gesellschaft*) dentro dos moldes em que Hegel já havia feito, uma vez que é pertinente para o entendimento do papel especial que cabe ao Estado na realidade social e política alemã. Hegel, ao considerar a sociedade civil como sendo a expressão dos interesses, mormente económicos, de um conjunto de vontades individuais e particulares, vai-lhe retirar expressão política. Porque universal, só ao Estado, à totalidade política, compete gerir, *policar*, administrar o arbitrário (*Willkür*) a que essas vontades conduzem. Não obstante o peso da alta classe média na economia alemã, sobretudo a partir da unificação, o facto é que a existência de outras forças sociais igualmente importantes (especialmente os conservadores agrários e o operariado) impediram que o Estado se deixasse permear pelo primado liberal, não permitindo a excessiva subserviência do Estado aos interesses económicos. Não é por acaso que Bismarck adoptou medidas que até certo ponto os contrariavam, tais como o protecționismo e a concessão à classe operária de significativos benefícios sociais. Estava em causa manter o Estado acima da sociedade, mas não dela divorciado.

mais íntima. A própria paisagem concorre para desfazer toda e qualquer tentativa de percepção objectiva do espaço, seja ele físico ou social, do «outro», pois não só se encontra sujeita às inconstâncias atmosféricas do Outono setentrional — ora submersa na mais densa bruma, ora fustigada pelas violentas tempestades oriundas do Mar do Norte —, como também obedece a uma topografia incerta composta de estuários, bancos de areia, ilhotes e canais, que se distribuem caoticamente formando um padrão labiríntico dificilmente assimilável e variável consoante as marés<sup>260</sup>. Não obstante, o recurso a estas características geográficas acaba simultaneamente por contribuir para o reforço da ideia de que, por detrás deste aparente caos, se esconde uma nação terrivelmente eficiente que persegue desígnios menos claros.

Não obstante permanecerem insistentemente nesse indefinido território limítrofe de cerca de setenta milhas entre Borkum e o estuário do rio Elba (muitas vezes só percebido através de uma leitura cartográfica), Davies e Carruthers julgam ser possível adivinhar aí qual vai ser a grande trave mestra da política de defesa naval alemã. Dado que a Alemanha se prepararia para se tornar, dentro de pouco tempo, numa potência naval, a protecção desta costa, particularmente exposta às suas duas outras grandes rivais no mar — a Grã-Bretanha e a França —, adquiriria, segundo Davies, uma importância geoestratégica dificilmente escamoteável. Com o estatuto de maior potência militar continental devidamente consolidado e perante o rápido crescimento económico e demográfico do país, aquela personagem cria ainda que, partindo dos postulados de Mahan delineados em *Influence of Sea Power*, num futuro próximo se assistiria a um maior investimento na marinha de guerra alemã e à tentativa de expansão do território colonial no ultramar.

Entretanto, Carruthers, arrogando-se um verdadeiro *connoisseur* da mentalidade alemã<sup>261</sup>, iria mais longe ao traçar ao seu companheiro, em termos elogiosos, os contornos gerais que faziam da Alemanha, enquanto potência económica e militar, o mais temível adversário da Grã-Bretanha:

He used to listen rapt while I described her marvellous awakening in the last generation under the strength and wisdom of her rulers; her intense patriotic ardour; her seething industrial activity, and, most potent of all the forces that are moulding

---

<sup>260</sup> V., por exemplo, E. Childers, 1976 (1903): 191.

<sup>261</sup> Idem:10.

modern Europe, her dream of Colonial Empire, entailing her transformation from a land-power to a sea-power. Impregably based on vast territorial resources which we cannot molest, the dim instincts of her people not merely directed but anticipated by the genius of her ruling house, our great trade rival of the present, our great naval rival of the future, she grows and strengthens and waits, an ever formidable factor in the future of our delicate network of Empire, sensitive as gossamer to external shocks, and radiating from an island whose commerce is its life and which depends even for its daily ration of bread on the free passage of the seas.<sup>262</sup>

As contradições internas, as fricções sociais e os atritos políticos desse país são totalmente obliterados neste discurso. Perduram antes os atributos positivos, veiculados por adjetivos que hiperbolizam a imagem de uma Alemanha irreduzível, unida, monolítica, empenhada em consolidar a grandeza nacional, entusiasmada pelo projecto imperial ultramarino, o que se opõe radicalmente às qualidades («delicate» e «sensitive») da Grã-Bretanha. O governo alemão chega a gozar até determinado momento de uma envergadura moral acima de qualquer suspeita:

“They,” I suggested. “Who are ‘they’? Who are our adversaries?” If Dollmann were an accredited agent of the German Admiralty — But, no, it was incredible that the murder of a young Englishman should be connived at in modern days by a friendly and civilized government! Yet, if he was not such an agent, the whole theory fell to the ground.<sup>263</sup>

Apesar de tudo isto, Childers fôra suficientemente providente para, ainda no início da aventura, lançar aos seus leitores alguns indícios relativos à agressividade latente da política alemã. No momento oportuno, o autor, invocando a História, lembra o comportamento menos louvável da Prússia quando, conjuntamente com a Áustria e após uma vitória militar sobre a Dinamarca em 1864, conseguia a cessão dos ducados de Schleswig, Holstein e Lauenburg. Contemplando os memoriais dedicados à defesa de Sonderburg, Davies não continha uma exclamação que se tornaria o mote de toda a narrativa: “Germany’s a thundering great nation[...]; I wonder if we shall ever fight her.”<sup>264</sup>

A esta dúvida responderá ulteriormente o texto de Le Queux. Também este autor não esquece o passado belicoso dos alemães. Ainda no primeiro

---

262 Idem: 98.

263 Idem: 90.

264 Idem: 45.

capítulo o narrador lembra aos seus leitores os efeitos nefastos da Guerra Franco-Prussiana de 1870-1871 sobre as finanças francesas:

Prior to 1870 Paris shared with London the honour of being the pivot of the money market, but on the suspension of cash payments by the bank of France during the Franco-German War, Paris lost that position. Had it not been that the milliards comprising the French War indemnity were intact in golden louis in the fortress of Spandau, Germany could never have hoped to wage war with Great Britain before she had made Berlin independent of London in a money sense[...].<sup>265</sup>

Esta passagem, que evidencia um Estado de instintos predatórios, que se presta a fazer uso de velhos espólios de guerra para o fomentar de novos conflitos, não será senão um prelúdio à devastação das infraestruturas económicas que padecerá a Inglaterra mais adiante. Assiste-se então — para além dos combates e dos bombardeamentos que privam o país da população activa — ao saque de bancos, à ocupação de cidades portuárias, à destruição dos centros manufactureiros, à paralização das actividades comerciais e ao caos nas redes viárias. Todavia, o Estado alemão, cujo principal símbolo do poder se consubstanciava numa ave de rapina (e que surge, mais tarde, na narrativa de Buchan, transfigurado no olhar aquilino [«hawklike»] do espião alemão), ainda não satisfeito com esses resultados, guardava-se para desferir o golpe de misericórdia sobre a nação invadida e o seu império ultramarino. Vai então exigir a exorbitante quantia de 300 milhões de libras como indemnização de guerra, a cessão de vários arquipélagos e ilhas de importância estratégica fulcral para a segurança das rotas comerciais do império britânico, a cessão do norte da Índia à Rússia e ainda a independência da Irlanda. A contra-ofensiva britânica levada a cabo pela *League of Defenders* em parte impediria, é certo, a concretização desses objectivos, mas o opróbrio e a desventura cobriam agora os ingleses. Como referirá ao rematar a extensa narrativa, “England had been the real sufferer by the war. The struggle had been fought on British soil, British trade had been ruined, British finances thrown into utter disorder, and a great stretch of territory added to the German Empire” — tudo isto para concluir com uma imagem da Alemanha (transmitida pela sua própria imprensa) em tudo semelhante à que Carruthers já havia veiculado: “[...] a

---

<sup>265</sup> W. Le Queux, 1917 (1906): 17.

picture was painted of a Germany, strong, united, triumphant, confident, firm in her national spirit, efficient in every detail of administration[...].”<sup>266</sup>

Também Wells se juntava ao coro dos que louvavam essa eficiência. O seu ponto de vista trans-nacional, apesar de indispensável para oferecer uma visão do impacte dramático da guerra sobre o ser humano e sobre a sociedade em geral, acaba por o deixar igualmente cego quanto às fissuras internas daquele instável regime democrático<sup>267</sup>. Para Wells, a superioridade da grande nação germânica está bem patente aos mais variados níveis. Desde o avanço tecnológico até ao empenho na prossecução da política expansionista, passando inevitavelmente pela extraordinária capacidade de mobilização e de organização — como fica, aliás, demonstrado pelo metódico ordenamento espacial do parque aeronáutico na Francónia onde estão estacionados os *Zeppeline* <sup>268</sup>, ou ainda pelo modo como estes, de acordo com padrões geométricos pré-estabelecidos, se distribuem no ar<sup>269</sup> —, na Alemanha tudo concorre para fazer dela a maior potência do mundo:

At that time Germany was by far the most efficient power in the world, better organized for swift and secret action, better equipped with the resources of modern science, and with her official and administrative classes at a higher level of education and training. These things she knew, and she exaggerated that knowledge to the pitch of contempt for the secret counsels of her neighbours. [...] Moreover, she had a tradition of unsentimental and unscrupulous action that vitiated her international outlook profoundly. With the coming of these new weapons her collective intelligence thrilled with the sense that now her moment had come. Once again in the history of progress it seemed she held the decisive weapon. Now she might strike and conquer before the others had anything but experiments in the air.<sup>270</sup>

No entanto, tal como em *The Riddle*, também o protagonista, Bert Smallways, não tem senão uma visão bastante parcial do território inimigo. A bordo de um balão que, ao sabor dos ventos, o transporta aleatoriamente de

---

<sup>266</sup> W. Le Queux, 1906: 547.

<sup>267</sup> A este respeito v. W. J. Mommsen, 1990, especialmente pp. 287-315.

<sup>268</sup> “The systematic arrangement of wide convenient spaces, the quantities of businesslike soldiers everywhere, the occasional neat piles of material, the ubiquitous monorail lines, and the towering ship-like hulls about him, reminded him a little of impressions he had got as a boy on a visit to Woolwich Dockyard. The whole camp reflected the colossal power of modern science that had created it.” (H. G. Wells, 1941 (1907): 79; v. também p. 67.)

<sup>269</sup> Em contraste com a confusão terrena da metrópole nova-iorquina, “[i]n the sky soared the German airships like beings in a different, entirely more orderly world, all oriented to the same angle of the horizon, uniform in build and appearance, moving accurately with one purpose as a pack of wolves will move, distributed with the most precise and effectual co-operation.” (Idem: 133-134.)

<sup>270</sup> Idem: 74.

terra em terra, Bert só se apercebe de que se encontra de facto em território alemão quando, por fim, aterriza no parque aeronáutico (e ainda assim para lá permanecer apenas alguns minutos). Porque não goza do estatuto de narrador autodiegético, as suas observações, todavia, não contagiam ideologicamente toda a narrativa. O narrador onisciente não resiste, entretanto, a oferecer, em jeito de parábola, uma panorâmica dos estereótipos relativos ao povo alemão que povoam o imaginário daquele representante da classe trabalhadora: “He had always clung to the illusion that Germans were fat absurd men, who smoked china pipes and were addicted to knowledge and horseflesh and sauerkraut and indigestible things generally.”<sup>271</sup> Eram estas ilusões, ou melhor, estes clichés que, para Wells, importava combater. A sua circulação comprometia seriamente o entendimento que os seus concidadãos tinham do «outro» e das suas capacidades. Mais do que qualquer campanha de imprensa, só a guerra seria capaz de contrariar a prevalência de tais *clichés* no imaginário popular e de revelar “the extraordinary and quite important things of which a contemporary may go in ignorance.”<sup>272</sup> Mas se Wells criticava de forma implícita os Berts Smallways do seu país por se alimentarem de uma visão estereotipada do adversário, também ele próprio não se recusava a fazer eco de posições comumente aceites que davam a Alemanha como um país de atributos invejáveis.

Não era apenas através de um Estado, insondável e impessoal, que a alteridade surgia representada. Por vezes, esse Estado adquiria um rosto humano facilmente identificável.

No tomo segundo de *Mein Kampf*, um futuro ditador dos destinos da nação alemã, Adolf Hitler, identifica, a dado passo, os três pilares, derrubados em 1918, sobre os quais havia assentado o poder e a autoridade do velho Estado, a saber: a constituição monárquica, o exército e o corpo administrativo<sup>273</sup>. Apesar de este último sustentáculo do poder não ser visível nas narrativas em causa, os outros dois foram, entretanto, alvo de tratamento literário exaustivo.

---

<sup>271</sup> Idem: 77.

<sup>272</sup> Id. *ibid.*.

<sup>273</sup> A. Hitler, 1976 (1926): 382.

O *Kaiser*, símbolo máximo do Poder, personificação da vertente monárquica do Estado e esporão da política do *Sozialimperialismus*, sofre, enquanto personagem histórica, diferentes caracterizações consoante cada autor.

Se se construísse um quadrado semiótico greimasiano, como sugere Fredric Jameson, para se detectarem as oposições binárias semânticas que compõem as balizas ideológicas do discurso de um qualquer autor<sup>274</sup>, verificar-se-ia que, no caso da narrativa de Childers, se dá, em termos de investimentos semânticos, uma sobrevalorização do «outro». Ao mesmo tempo que Davies parece despojar-se do seu orgulho nacional, o «outro», na pessoa do *Kaiser*, é idolatrado. O entusiasmo daquela personagem pelo pensamento e pela destemida conduta política do imperador alemão é de tal forma incontido que não receia julgá-lo “a splendid chap, and anyone can see he’s right.”<sup>275</sup> As considerações de Davies vão, todavia, ainda mais longe. A partir de um determinado momento, Guilherme II chega mesmo a transformar-se em *objecto de desejo*, seduzido que o protagonista está pelo seu poder e pelos seus atributos de excelência. Perseverança, dedicação e clarividência combinam-se para formar o homem político de que a Grã-Bretanha necessita. Como exclamaria em determinada altura, “[...] we want a man like this Kaiser, who doesn’t wait to be kicked, but works like a nigger for this country and sees ahead.”<sup>276</sup> Seria, no entanto, precipitado daí inferir que Childers tivesse renunciado à sua nação para se render ao culto da figura do “neudeutschen Emperor” — culto que von Bülow havia tentado instaurar juntamente com o seu projecto de *Sozialimperialismus*, e que se consubstanciara na obra de Friedrich Naumann, *Demokratie und Kaisertum*, publicada em 1900<sup>277</sup>. A partir do instante em que se tornam manifestas as intenções menos honestas da Alemanha em relação à Grã-Bretanha, à reverência substitui-se a irreverência. No momento em que Carruthers o vexe e o submete às suas ordens, é provada a superioridade e a *self-possession* do carácter inglês sobre o alemão:

---

<sup>274</sup> V. F. Jameson, 1989 (1981): 47-48; 254.

<sup>275</sup> E. Childers, 1976 (1903): 80.

<sup>276</sup> Idem: 97. O itálico é nosso.

<sup>277</sup> V. W. J. Mommsen, 1990: 300.

In the scene of panic that followed, it is safe to say that I was the only soul on board who acted with methodical tranquility.[...] For my part, I stepped back behind the smoke-stack, threw off my robe of office, and made for the boat. [...] On the way I cannoned into one of the passengers and pressed him into my service; incidentally seeing his face, and verifying an old conjecture. It was one who has, in Germany, better right to insist than anyone else.<sup>278</sup>

É certo que o juízo favorável que até esse momento se fizera da conduta política do *Kaiser* implica uma representação de uma alteridade distante e não apropriável onde vão caber todas aquelas qualidades positivas idealizadas que se acham omissas na primeira pessoa do plural. O que importava ao autor era, todavia, socorrer-se de um exemplo de audácia política que servisse de contraponto ao quadro traçado de inoperância e dormência das instituições políticas britânicas. Estas poderiam corrigir o seu comportamento até então censurável e, quiçá, superar o próprio modelo. Quando a narrativa se fecha, contudo, esta superação permanece uma mera possibilidade (“[...]let us hope[...].”<sup>279</sup>), ao passo que a eficiência e o calculismo do pensamento estratégico alemão se mantêm uma certeza incontestada (“[...] we *know* the way in which they look at these things in Germany.”<sup>280</sup>).

Também em Saki, o *Kaiser* é alvo de idolatria por parte de alguns britânicos. A alta sociedade, por exemplo, adere imediata e incondicionalmente às subtis operações de *charme* orquestradas pelos colaboracionistas. Perante o prospecto de terem de acolher num espectáculo de *music-hall* o usurpador alemão, algumas personagens reagem entusiasticamente:

‘Majesty is going to be present. Informally and unofficially, but still present in the flesh. A sort of casual dropping in, carefully heralded by unconfirmed rumour a week ahead.’

‘Heavens!’ exclaimed Cicely, in genuine excitement, ‘what a bold stroke. Lady Shalem has worked that, I bet. I suppose it will go down all right.’<sup>281</sup>

Mas mais do que se prostrarem em sinal de devoção pela figura imperial alienígena, Cicely e *Lady Shalem* procuram deixar-se contaminar pelo poder que dele irradia. Trata-se de uma oportunidade de ascensão meteórica num universo social ainda mal adaptado à realidade da ocupação:

<sup>278</sup> E. Childers, 1976 (1903): 281-282.

<sup>279</sup> Idem: 299.

<sup>280</sup> Idem: 298. O itálico é nosso.

<sup>281</sup> Saki, 1977 (1913): 87.

Lady Shalem, without being a beauty or a wit, or a grand lady in the traditional sense of the word, was in a fair way to becoming a power in the land; others, more capable and with stronger claims to social recognition, would doubtless overshadow her and displace her in due course, but for the moment she was a person whose good graces counted for something, and Cicely was quite alive to the advantage of being in those good graces.<sup>282</sup>

Que esta colagem à figura do *Kaiser* potencie o prestígio social de um qualquer indivíduo, em vez de causar o seu ostracismo, é revelador de quanto os símbolos de Poder, mais do que a fidelidade à causa nacionalista, seduziam uma sociedade fragmentada por interesses egoístas e marcada pela ambição desmedida. O imperador, entretanto, não se limitaria a fazer discretas aparições no *music-hall* londrino. A fim de se promover a nova imagem régia junto das massas e legitimar a usurpação do trono, organizar-se-iam cerimónias cuja intimidante pompa desvelaria um Guilherme II como o centro político da Grã-Bretanha, em torno do qual orbitavam novas hierarquias e se estabelecia uma ordem outra. Contudo, todas essas manobras de propaganda que se destinavam a forçar a integração do elemento forasteiro junto de uma comunidade insular sempre apreensiva quanto às intenções segundas do ocupante acabariam no fim da narrativa por ser contrariadas por um interveniente que até então permanecera invisível: a juventude. À semelhança do que ocorre em *The Riddle*, o imperador seria humilhado e, conseqüentemente, a sua autoridade desfeita publicamente quando os *boy scouts*, que eram supostos marcharem em sinal de vassalagem ante a tribuna imperial, não compareceram. No momento em que se pretendia mostrar que as novas gerações já se haviam rendido ao *fait accompli*, seriam elas, indóceis e altivas, que, motu-próprio, reconstruiriam de novo os sonhos e os ideais perdidos da nacionalidade. A contestação partia, assim, daquela camada social que se julgava mais passiva e receptiva à doutrinação da ideologia alemã e que deste modo provava ser, afinal, a última esperança de uma sociedade erodida pelos vícios do conforto e do materialismo insípido.

Em *The Invasion*, porque ainda se vive uma situação de guerra, a tentativa de manipulação ideológica das populações não se processa através de rituais informados de pompa e circunstância, mas sim por via do verbo, através de proclamações e comunicados. Apesar das feridas de guerra infligidas sobre

---

<sup>282</sup> Idem: 88.

o povo britânico e das medidas retaliatórias e repressivas que constavam em tais documentos, o imperador alemão tenta elevar-se dos escombros por ele semeados como uma figura protectora que, com um discurso autoritário mas tranquilizador, estende a mão às populações aflitas. Na óptica que pretende veicular, a guerra é um assunto puramente militar do qual a sociedade civil se deverá manter afastada:

WE, WILHELM,  
GIVE NOTICE to the Inhabitants of those provinces occupied by the German Imperial Army, that —  
I MAKE WAR upon soldiers, and not upon English citizens. Consequently, it is my wish to give the latter and their property entire security, and as long as they do not embark upon hostile enterprise against the German troops they have a right to my protection.<sup>283</sup>

Fingir buscar o favor das populações sem contudo abdicar do uso eficaz da crueldade: eis os atributos essenciais do homem político que já haviam sido consignados quase quatro séculos antes pelas mãos de Niccolò Machiavelli em *Il Principe*. Já este autor renascentista sabia que o recurso excessivo à violência não podia outra coisa senão fragilizar a base de apoio popular do príncipe. É nessa medida que recomendava moderação e razoabilidade. Havia que conseguir atrair, não obstante os maus tratos, as boas graças dos oprimidos. “[N]el pigliare uno stato,” diz-nos em certo passo, “debbe l’occupatore di esso discorrere tutti quelle offese che li è necessario fare, e tutte farle a un tratto, per non le avere a rinnovare ogni dí, e potere, non li innovando, assicurare li uomine e guadagnarseli col benificarli.”<sup>284</sup>

Le Queux denuncia essa hipocrisia e duplicidade que se esconde por detrás dos discursos do *Kaiser*. Mais adiante, von Kronhelm, ao recordar o seu último encontro com o Imperador, lembrar-se-á das palavras que desmentiam a máscara benévola anteriormente assumida: “You must bombard London and sack it. The pride of those English must be broken at all costs.”<sup>285</sup> Esta prepotência, em consonância com a pose de um Senhor da Guerra implacável e sem escrúpulos, emergiria novamente numa narrativa de Walter Wood publicada oito anos mais tarde e intitulada *The Enemy in Our Midst: The Story of a German Invasion*. Nela, um *Kaiser* irado verte a sua cólera sobre uma

<sup>283</sup> W. Le Queux, 1917 (1906): 91.

<sup>284</sup> N. Machiavelli, 1924 (1513): 45.

<sup>285</sup> Idem: 172.

França insubmissa. “I will never rest”— dirá — “until I am forcing peace in Paris! And it will not be such peace as we allowed before! I will crush them as a nation! They shall feel the heel of the War Lord of the World.”<sup>286</sup> Para este *príncipe* alemão, a crueldade não conhece limites e o exercício do poder, que deveria estar informado de uma certa reflexão e circunspeção, traduz-se simplesmente no uso gratuito da força bruta.

Que o imperador reunisse em si as funções de homem político e de estratega militar não era estranho, sobretudo num país onde o exército constituía, ainda segundo Hitler, o outro sustentáculo do poder, onde as ideias militaristas se entranhavam na sociedade civil<sup>287</sup> e onde o complexo militar-industrial adquiria algum peso na economia nacional. A própria historiografia não desmentem o quão seduzido estava Guilherme II pelas artes de Marte: basta ver, por exemplo, a paixão manifesta que nutria pela construção da *sua Schlachtflotte* e pelas manobras militares. Dir-se-ia, aliás, que o *Kaiser* havia intentado adequar o seu comportamento de homem de Estado ao preconizado por Machiavelli, ainda que correndo os riscos de se transformar ele próprio num anacronismo político. Mas num momento da história europeia em que a corrida armamentista adquiria dimensões desproporcionadas, não deixava de fazer sentido pensar que todo o príncipe devesse “non avere altro obietto né altro pensiero, né prendere cosa alcuna per sua arte, fuora della guerra et ordini e disciplina di essa; perché quella è sola arte che si aspetta a chi comanda.”<sup>288</sup>

Nem em todas as narrativas, contudo, o imperador alemão assume o papel de *War Lord*. Delega-o num outro indivíduo que, tal como o severo ministro do Duque Alexandre no texto daquele filósofo político, está mandatado para exercer a crueldade sobre a cidade conquistada.

Em *The Prisoner of Zenda* e *Rupert of Hentzau*, por exemplo, o espírito militar consubstancia-se no Coronel Sapt, Condestável de Zenda, que, movido por uma genuína preocupação em manter a estabilidade política dentro das fronteiras do seu país, é capaz de pôr de parte a lealdade que o vincula ao legítimo rei. Mas apesar do modo com que embarca numa perseguição

---

<sup>286</sup> W. Wood, 1914: 205.

<sup>287</sup> Sobre os críticos do militarismo na Alemanha guilhermina v. N. Stargardt, 1994.

<sup>288</sup> N. Machiavelli, 1924 (1513): 72.

desapiedada aos seus inimigos, o afecto que o liga a Rudolf Rassendyl, o herói inglês, faz dele uma personagem que rapidamente conquista a simpatia dos leitores. Pelo contrário, von Kronhelm, o estratega inimigo da narrativa de Le Queux, exemplo acabado do militar prussiano, frio e fleumático, não pode deixar de causar a mais profunda aversão quando procura refrear o seu contentamento perante a humilhação e o sofrimento a que sujeitara os ingleses:

For a long time the German Field Marshal had stood alone upon Hampstead Heath apart from his staff, watching the great tongues of flame leaping up here and there in the distant darkness. His grey, shaggy brows were contracted, his thin aquiline face thoughtful, his hard mouth twitching nervously, unable to fully conceal the strain of his own feelings as conqueror of the English.<sup>289</sup>

Não obstante a contenção de sentimentos e o carácter taciturno e reservado desta personagem — o que lhe confere uma certa dimensão psicológica e lhe empresta alguma coerência em termos de construção literária—, não possui ela as subtis matizes filosóficas que Wells imprime ao seu Senhor da Guerra. Porquanto se trata de um militar para quem a guerra deve ser feita não por seres humanos, mas sim por soldados-máquina que avançam sem temor nem piedade contra os seus oponentes, Von Kronhelm deve ser, antes de mais, entendido como o produto aberrativo de uma época em que se louvam os benefícios (e os excessos) resultantes da mecanização industrial.

Em *The War in the Air*, o odioso ministro plenipotenciário materializa-se na figura do príncipe Karl Albert, que chega a suplantar em prestígio e projecção internacionais o seu próprio mandante. Wells procura conceber uma personagem que represente, em jeito de sinédoque, todos os grandes heróis guerreiros da História (desde Páris a Napoleão), e cujas ressonâncias míticas sejam instantaneamente assimiladas pelo imaginário popular. O modo como se conforma aos arquétipos ráticos e aos moldes em que Nietzsche concebera o super-homem fazem dele um ser quase perfeito. A capacidade visionária, o dom da eloquência, o poder de persuasão sobre as massas, o fascínio e o temor que exerce sobre os povos do mundo, a condução implacável da guerra e a intervenção decisiva na feitura da História — eis as características que tornam irresistível a comparação deste príncipe ficcional ao

---

<sup>289</sup> W. Le Queux, 1917 (1906): 187.

tirano real que acabaria por emergir do descontentamento popular duas décadas e meia mais tarde:

Von Sternberg was the Moltke of this War in the Air, but it was the curious hard romanticism of Prince Karl Albert that won over the hesitating Emperor to the scheme. Prince Karl Albert was indeed the central figure of the world drama. He was the darling of the Imperialist spirit in Germany, and the ideal of the new aristocratic feeling - the new Chivalry, as it was called - that followed the overthrow of Socialism through its internal divisions and lack of discipline, and the concentration of wealth in the hands of a few great families. [...] To many he seemed Nietzsche's Over-man revealed. He was big and blond and virile, and splendidly non-moral. [...] [T]he Emperor [...] placed him in control of the new aeronautic arm of the German forces. This he developed with marvellous energy and ability, being resolved, as he said, to give to Germany land and sea and sky. The national passion for aggression found in him its supreme exponent, and achieved through him its realization in this astounding war. But his fascination was more than national; all over the world his ruthless strength dominated minds as the Napoleonic legend had dominated minds. Englishmen turned in disgust from the slow, complex, civilized methods of their national politics to this uncompromising forceful figure. Frenchmen believed in him. Poems were written to him in American.

He made the war.<sup>290</sup>

Se Wells evita neste excerto identificar o príncipe com uma qualquer encarnação do Mal é porque tenta contornar uma visão puramente maniqueísta da política internacional. Além disso, o autor sabe que este novo homem do século XX estava para além de qualquer noção de Bem ou de Mal. Era, tal como pretendia Nietzsche, um homem que não se deixava enfeudar pelos princípios éticos da religião cristã. Tratava-se de um ser que, para construir o seu próprio destino, se despia de uma moral decadente e escolhia livremente o seu percurso existencial.

Mas Wells também apreende a perversidade e a barbárie que se escondem por detrás desse homem sem ideais cantado por Zaratustra, dessa «estátua» talhada na mais dura pedra. A negação da moral cristã implica em última instância não tanto o ódio contra o próximo como a renúncia da compaixão, do amor pelo outro. A amoralidade latente é tornada visível nesta narrativa quando o príncipe, física e espiritualmente elevando-se acima dos restantes mortais, se mostra insensível ao sofrimento das suas vítimas e à sorte adversa dos seus próprios homens. Possesso que está pelo desprezo da vida humana, motiva-o apenas o esmagamento dos quase imperceptíveis homúnculos que se movem sob os seus pés. Para levar o evangelho de «Blut und Stahl» aos quatro cantos do mundo não hesita em erguer, sob as

---

<sup>290</sup> H. G. Wells, 1941 (1907): 75-76.

gigantescas asas da águia alemã estampada nas telas das aeronaves (elas próprias transformadas metonimicamente em colossais aves de rapina), o espectro da morte e da destruição.

A arrogância e a soberba empurrá-lo-ão, entretanto, para vôos mais altos. Em determinado passo, o rosto de Karl Albert sofre uma transfiguração. Num quadro representando o deus da guerra da mitologia nórdica — “that terrible, trampling figure with the viking helmet and the scarlet cloak, wading through destruction, sword in hand”<sup>291</sup> — é a face do príncipe que toma o lugar da divindade. Eis que finalmente o homem egrégio, qual Narciso, se contempla a si próprio endeusado, inacessível, imprescrutável. No entanto, o seu percurso em direcção à *Ewigkeit* por que Zaratustra ansiava, ainda que aparentemente bem sucedido a início, arrasta-o inexoravelmente para o auto-aniquilamento político e, posteriormente, para a morte.

Após violentos combates nos céus de Nova Iorque, a sua nave «Vaterland» («Pátria»), danificada e sem governo, fôra impelida para norte, em direcção ao Labrador, onde desamparada aterrara. É nesse ermo, por entre os destroços da «Vaterland» (leia-se: «do orgulho nacional»), que, cortado do resto do mundo, aquele indivíduo que outrora detivera o mundo nas mãos experimentava pela primeira vez a amargura da impotência e a ironia da História. Nesse espaço de inacção, onde um pequeno grupo de homens retornava, qual tribo, a hábitos de vida rudimentares, procurando subsistir através da caça e da recolha de raízes, ainda acreditava o príncipe ser possível acalentar esperanças de retornar ao palco dos acontecimentos, de tomar de novo as rédeas da guerra. Numa fase em que o conflito se tinha generalizado de tal forma que os objectivos alemães iniciais já se haviam tornado despiciendos e absurdos no seio do caos global, Karl Albert iludia-se a si mesmo ao querer voltar a ser o agente do fechamento da própria História. “The world there,” diria a certa altura, imbuído de um espírito messiânico, “is waiting for us! Fifty centuries come to their Consummation.”<sup>292</sup>

Contrastando com esse engano, com essa incapacidade de aceitar a realidade, a consciência de um jovem tenente de origem anglo-germânica, entretanto transformado em confidente de Bert Smallways, regista uma

---

<sup>291</sup> Idem: 100.

<sup>292</sup> Idem: 155.

transformação drástica. A princípio aliciado pela retórica belicosa do seu mentor e entusiasmado com a aventura em que se preparava para participar, Kurt, como todo o jovem inexperiente nas coisas da guerra, vivia deslumbrado com a antevisão dos momentos de glória que o aguardavam nos campos de batalha. Mas em breve conheceria a desilusão ao apreender a futilidade da guerra e a dor que causava. Enquanto o príncipe apelava ao sentido patriótico dos homens que o acompanhavam, o pensamento de Kurt detinha-se estarecido no modo como a guerra metamorfoseava o corpo e a alma humana, transformando-os em estilhaços, em fragmentos sanguinolentos de uma unidade viva ora perdida, oferecidos à voragem de predadores outrora também eles humanos.

People are torn away from the people they care for; homes are smashed, creatures full of life and memories and little peculiar gifts are scalded and smashed and torn to pieces, and starved and spoilt. London! Berlin! San Francisco! Think of all the human histories we ended in New York ! . . . And the others go on again as though such things weren't possible. As I went on ! Like animals! Just like animals!<sup>293</sup>

Perante um quadro tão desesperativo e apocalíptico, um niilismo asfixiante apoderava-se do seu discurso e a própria vida surgia então reduzida à sua expressão mais ínfima:

It was all a sham. There were no beginnings....We're just ants in ant-hill cities, in a world that doesn't matter; that goes on and rambles into nothingness. New York — New York doesn't even strike me as horrible. New York was nothing but an ant-hill kicked to pieces by a fool! <sup>294</sup>

Exactamente a mesma imagem conduziria, anos mais tarde, um filósofo britânico a reflectir sobre o modo como o poder distorce o olhar daquele que o detém, a ponto de os seres humanos mais não lhe parecerem do que meros himenópteros:

Most of us have, at some time, wantonly disturbed an ants' nest and watched with mild amusement the scurrying confusion that resulted. Looking down from the top of a sky-scraper on the traffic of New York, the human beings below seem to cease to be human, and acquire a faint absurdity. If one were armed, like Jove, with a thunderbolt, there would be a temptation to hurl it into the crowd, from the same motive as in the case of the ants' nest.<sup>295</sup>

---

<sup>293</sup> Idem: 158.

<sup>294</sup> Idem: 161.

<sup>295</sup> B. Russell, 1995 (1938): 22.

Tanto Karl Albert como Kurt, ambos detentores desse «raio» divino de que nos fala Russell, estavam irremediavelmente condenados à extinção: o primeiro por ser cego à evolução da História, o outro por não suportar o desmoronamento dos contrafortes éticos do edifício civilizacional que a guerra acarretava. Além disso, o fim do príncipe, ao mesmo tempo grotesco e risível — explode literalmente ao impacte de uma bala de oxigénio disparada por Bert —, não apenas simboliza de certa forma o ricochete retardado da sua própria acção destrutiva, como ainda a inversão satírica daquela imagem de integridade aristocrática e inexpugnabilidade que até aí mantivera. O excesso de violência que caracteriza a sua morte é bem um justo castigo ditado por uma Nemésis que tenta ainda repor no agora caótico universo dos homens o equilíbrio desaparecido. O carrasco, um dos «homúnculos» que eram alvo do desdém do príncipe e que tinha sido por este reduzido à condição de *coisa* (Bert fôra permitido continuar a bordo do «Vaterland» apenas como lastro), sairia, veja-se a ironia, o único vencedor da «struggle for life» em que ambos se envolveram pela posse de comida. Ao sucumbir ao holocausto por si provocado, desaparecia com ele o último vestígio da anterior ordem política mundial.

O espião e o agente duplo, por seu turno, não são simples instrumentos ao serviço do Senhor da Guerra. Também eles partilham do seu poder e as acções que levam a cabo e os conhecimentos que adquirem são igualmente determinantes para o desenvolvimento da diegese. No entanto, porque se encontram física e institucionalmente apartados dos grande centros de decisão política e se deslocam isolados em território estrangeiro, são mais facilmente domináveis, pese muito embora o facto de possuírem toda uma panóplia de atributos e de capacidades que fazem com que a sua detecção e captura se tornem num jogo perigoso (Kipling em *Kim* chamar-lhe-ia precisamente «the Great Game»).

A espionagem, entendida pelos leitores de então como uma transposição para o mundo da política internacional das disputas realizadas nos recintos desportivos de Rugby e Eton, possuía as suas próprias regras, tácticas e códigos de honra (ainda que peculiares), e nela tomava parte apenas um número muito limitado de jogadores dispostos a levar até às últimas consequências a missão de que foram incumbidos. Tratava-se, assim, de mais

uma forma — institucionalizada e ritualizada — de apurar o vencedor-sobrevivente na luta pela hegemonia mundial. O facto de nela apenas poder intervir uma elite mais não fazia do que reforçar o carácter metonímico de uma competição que estava sendo, afinal, travada entre dois Estados soberanos.

Neste jogo, evidenciavam-se aqueles indivíduos cujos predicados intelectuais (astúcia, inteligência, imaginação) e morais (ainda que negativos, como sejam a ausência de escrúpulos, a desonestidade e o fingimento) lhes permitiam manter a vantagem sobre o adversário. No texto de Childers, por exemplo, quando, pela primeira vez, Davies se encontra com Dollmann, a sua franqueza cândida deixa-o completamente à mercê do seu inquisidor, homem experiente nas artes do embuste:

“[...] on that first evening he began by being as rude as a bear and as cold as stone, and then became suddenly friendly. I can see now that in the talk that followed he was pumping me hard. It was an easy game to play, for I hadn't seen a gentleman since Morrison left me. I was tremendously keen about my voyage, and I thought the chap was a good sportsman, even if he was a bit dark about the ducks. I talked quite freely — at least, as freely as I could with my bad German about my last fortnight's sailing; how I had been smelling out all the channels in and out of the island, how interested I had been in the whole business, puzzling out the effect of the winds on the tides, the set of the currents, and so on. I talked about my difficulties too; the changes in the buoys, the prehistoric rottenness of the English charts. He drew me out as much as he could, and in the light of what followed I can see the - point of scores of his questions.

De forma subreptícia, quase hipnótica, um Davies ingénuo e sincero é levado a erigir a sua própria perdição ao desvelar os seus intentos perante um inimigo que se mascara de «good sportsman». Dollmann, um inglês renegado a soldo dos alemães que está encarregue de engendrar o plano de invasão do seu próprio país, assume o seu disfarce de milionário alemão com tanta congruência que chega a fingir desconhecer de todo o idioma do seu conterrâneo. A falsidade do agente, ao alimentar-se de forma quase vampiresca da inocência de Davies, acaba quase por transformar este último em delator de si mesmo. Por detrás de uma camuflagem de probidade, a coberto dos dotes histriónicos, uma mente perversa arquitecta a morte do interlocutor.

“The next day and the next I saw a good deal of him, and the same thing went on. And then there were my plans for the future. My idea was, as I told you, to go on exploring the German coast just as I had the Dutch. His idea — heavens, how, plainly I see it now! — was to choke me off, get me to clear out altogether from that part of the coast. That was why he said there were no ducks. That was why he cracked up the Baltic as a cruising-ground and shooting-ground. And that was why he broached and stuck to that plan of sailing in company direct to the Elbe. It was to see me clear.”<sup>296</sup>

Quando Carruthers se cruza com Dollmann, a máscara já não se sustém: o seu olhar atravessa a opacidade que envolve o agente duplo e fixa-se na essência malévola deste. A respeitabilidade dá lugar à infâmia. Jamais poderá o protagonista “efface the impression of malignant perfidy and base passion exaggerated to caricature”<sup>297</sup>. A conivência com os alemães, o modo despudorado com que conspira contra gente inocente, o recurso a estratégias vis e a capa de secretismo que envolve todas as suas acções, enfim, este alinhamento imoral pela causa inimiga converte-o na principal presa dos dois heróis<sup>298</sup>. No entanto, algo mais propende a despoletar junto dos leitores o enfeitamento de Dollmann: é o facto de ele ser um traidor à pátria e de não deixar transparecer qualquer indício de arrependimento pelos seus actos. A cumplicidade que o une a outras personagens é particularmente revoltante para os leitores porque ele não se integra totalmente no grupo de alemães que com ele trabalha: Dollmann não é senão um proscrito, um ser de lealdades híbridas que merece a desconfiança de ambos os lados<sup>299</sup>. Daqui se infere, mais do que uma crítica, um aviso à sociedade do seu tempo. O facto de Dollmann ser inglês simboliza, de certo modo, a degenerescência carcinomatosa que se pode desenvolver numa sociedade apática, indiferente ao seu próprio destino. Extirpá-lo passa a ser, por assim dizer, uma questão de sobrevivência do organismo social.

Os restantes cúmplices que ao traidor se aliam são igualmente infectados pela putrefacção moral que dele emana. Um deles chega mesmo a

---

<sup>296</sup> E. Childers, 1976 (1903): 75-76.

<sup>297</sup> Idem: 225.

<sup>298</sup> “[...] however many and strong were the enemies we had to contend with, our sole overt foe must be Dollmann. The issue of the struggle must be known only to ourselves and him.” (Idem: 189.)

<sup>299</sup> V. idem: 286.

parecer “wise as Satan, and you would say he was smiling inwardly.”<sup>300</sup> Entretanto, quando Dollmann, Böhme e von Brüning são apanhados a revistar o «Dulcibella», a imagem que ocorre a Carruthers é a de “delinquents at judgement”<sup>301</sup> que não encontram meios para disfarçar a sua culpa. Mas já no respeitável jantar que se seguiu a este episódio, “[e]ach wore a mask in the grand imposture”<sup>302</sup>. Secretismo, ocultação, fingimento e dissimulação de intenções fazem todos parte das regras do jogo de espionagem em que todos embarcam voluntariamente e no qual a mentira não é senão um expediente para se alcançar a verdade. Só quem for capaz de criptestesia, isto é, de decifrar a genuína essência dos outros jogadores, os seus motivos e as suas paixões, pode sair vitorioso.

O mesmo jogo teatral, a mesma *Υπόκρισις*, surge no texto de Buchan. Também sentado à mesa com os que antes o quiseram morto, Hannay, a princípio incerto da identidade deles, censura-se por ter ousado incriminá-los sem que prova concreta possuísse. Subitamente acometido da clarividência que lhe faltava, rasga o véu ilusório que lhe turvava a percepção, penetra no âmago dos espiões, e em seu lugar vê figuras sinistras que representam a antítese daquilo que fingiam ser:

[Their] faces seemed to change before my eyes and reveal their secrets. The young one was the murderer. Now I saw cruelty and ruthlessness, where before I had only seen good-humour. His knife, I made certain, had skewered Scudder to the floor. His kind had put the bullet in Karolides. The plump man's features seemed to dislimn, and form again, as I looked at them. He hadn't a face, only a hundred masks that he could assume when he pleased. That chap must have been a superb actor. Perhaps he had been Lord Alloa of the night before; perhaps not; it didn't matter. I wondered if he was the fellow who had first tracked Scudder, and left his card on him. Scudder had said he lisped, and I could imagine how the adoption of a lisp might add terror.<sup>303</sup>

Buchan, cuja educação calvinista o leva a conceber a luta contra o «outro» em termos quase puramente maniqueístas, faz encarnar o Mal numa determinada personagem que permanece aos olhos dos leitores ao mesmo

---

<sup>300</sup> Idem: 192.

<sup>301</sup> Idem: 225.

<sup>302</sup> Idem: 245.

<sup>303</sup> J. Buchan, 1993 (1915): 113.

tempo misteriosa e opaca. Ralph Harper considera que a representação do Mal em Buchan, marcada pela leitura do *The Boys' Own Paper*, é manifestamente juvenil e carecendo de profundidade. “The awareness of evil”, diz-nos a certa altura, “is sentimental, vague, telling more about the boy’s sense of duty to kill the dragon than about the character of the dragon.”<sup>304</sup> É verdade que as várias descrições que Hannay faz do *master spy* — em particular das inúmeras máscaras que enverga — apenas conduzem a que os leitores adiram ao lado superficial da personagem, isto é, ao aspecto exterior, ao mesmo tempo que lhes é vedado o acesso à sua dimensão psicológica. Para isso contribui igualmente a não referência à sua verdadeira identidade — não sendo identificável através de um nome próprio (o narrador é obrigado, em certas ocasiões, a se lhe referir apenas através de nomes comuns sem qualquer conotação negativa, como “the benevolent old gentleman”<sup>305</sup>, “the bald archaeologist”<sup>306</sup>, ou ainda “a suburban Englishman”<sup>307</sup>), não possuindo um passado ou uma memória que rejam a sua personalidade, é como se o seu existir narrativo se limitasse a ser a corporificação de um perigo político ou de uma ameaça militar.

Para além dos vários feitos criminosos com os quais essa personagem se coloca fora da sociedade, é precisamente através da exterioridade, em particular da aparência demoníaca e bestial do seu olhar, que o Mal nela se revela. “There was” — comenta Hannay quando a confronta pela primeira vez — “something weird and devilish in those eyes, cold, malignant, unearthly, and most hellishly clever. They fascinated me like the bright eyes of a snake.”<sup>308</sup> Também no momento em que o herói logra frustrar, por fim, os intentos do seu adversário, depara com um rosto animalizado: “[h]is jaw was like chilled steel, and his eyes had the inhuman luminosity of a bird’s.”<sup>309</sup> O insistir na metáfora ornitológica sempre que é feita referência aos olhos do inimigo apenas reforça

---

<sup>304</sup> R. Harper, 1974 (1969): 38.

<sup>305</sup> J. Buchan, 1993 (1915): 60.

<sup>306</sup> Idem: 56.

<sup>307</sup> Idem: 105.

<sup>308</sup> Idem: 64.

<sup>309</sup> Idem: 114.

a ausência de uma essência humana e, conseqüentemente, inibe o leitor de sentir por ele qualquer compaixão:

There was more in those eyes than any common triumph. They had been hooded like a bird of prey, and now they flamed with a hawk's pride. A white fanatic heat burned in them, and I realized for the first time the terrible thing I had been up against. This man was more than a spy; in his foul way he had been a patriot.<sup>310</sup>

Num momento em que as hostilidades já se tinham iniciado, esta é a imagem, dir-se-ia quase totémica, que perdura do alemão: a de um indivíduo impiedoso e inamovível, cujo olhar tudo transforma em presa, tudo reduz à condição de vítima sacrificial.

---

<sup>310</sup> *Idem*: 115.

## *Sexto Capítulo*

“Beowulf”:

sublimação do agenciamento do indivíduo na História

*[...] I abjure utterly  
the bearing of sword or shielding yellow  
board in this battle! With bare hands shall I  
grapple with the fiend, fight to the death here,  
hater and hated! He who is chosen  
shall deliver himself to the Lord's judgement.*

*Beowulf*

Se se tomar por verdadeira a proposição de Cawelti de que os subgéneros populares acabam sempre por materializar, por via verbal, fantasias colectivas, isto é, representações de desejos e de aspirações que são partilhados por toda a comunidade<sup>311</sup>, então não deixa de ser particularmente significativo o facto de as narrativas em causa se socorrerem invariavelmente de uma figura heróica singular como solução derradeira para salvar a nação da extinção. Nos heróis da ficção de aventuras e, em particular, da de espionagem encontram-se cristalizados um ideal de perfeição — intelectual, moral e física — no qual toda a comunidade se revê e pelo qual anseia.

Raramente é a comunidade representada como sendo ela própria capaz de, com recurso aos meios políticos à disposição, inverter o rumo adverso dos acontecimentos e de, por via de uma tomada de consciência colectiva, construir para as várias situações de crise internacional soluções alternativas válidas que impeçam a derrocada do Império. Só um indivíduo fora do comum, envolto numa aura mitificante que o aparta dos restantes concidadãos, está, nestes textos, habilitado a fazer frente ao perigo e a vencê-lo. Porque recusa qualquer compromisso com as fraquezas da nação e impõe padrões de conduta mais inflexíveis do que aqueles por que se regem os restantes concidadãos, age quase sempre isolado e à revelia das estruturas do poder instituído. Todavia,

---

<sup>311</sup> V. J. G. Cawelti, 1976: 7.

algo mais lhe confere uma posição de destaque que não simplesmente o facto de ter sido ele o eleito para defender a cidade sitiada e de, por outro lado, empreender actos que possuem um carácter quase sobre-humano. Geralmente, a figura do herói é apropriada pela comunidade como uma personificação da consciência moral da nação. No tocante ao herói mítico da época arcaica, por exemplo, Jean-Pierre Vernant afirmaria que, não obstante ter uma existência lendária, “[a] sua figura singular fica para sempre inscrita no centro da vida comum”<sup>312</sup>, ou seja, é-lhe conferido um estatuto canónico perpetuado institucionalmente. No caso destas narrativas, o mesmo se poderia dizer: apesar de puramente ficcional, o herói acaba, a páginas tantas, por se tornar uma referência incontornável de comportamento político edificante mantida viva no seio do imaginário colectivo.

Contudo, se bem que o protagonista do *spy thriller* partilhe com os heróis mítico e épico da Antiguidade Clássica alguns traços recorrentes, interessa notar que, numa realidade social e ideologicamente cindida quer pelas relações de produção próprias do sistema capitalista da época industrial, quer ainda pelo subsequente aparecimento de uma cultura de massas, ele já não encarna, di-lo Umberto Eco, “um hieróglifo, o emblema de uma realidade sobrenatural”<sup>313</sup>, ou seja, já não é uma personagem com uma história imutável e previamente conhecida, tornada símbolo de “uma lei, [de] uma exigência universal”<sup>314</sup>. Pelo contrário, a experiência por que passa o herói daquilo a que Eco chamou a civilização do romance é contingencial e, em princípio, de todo desconhecida do público leitor. O jogar com o *suspense*, com a tensão psicológica que resulta do confronto com desconhecido, com o factor de imprevisibilidade que destrói a cada minuto as expectativas do leitor, acaba por exigir da ficção moderna todo um conjunto de estratégias artísticas novas através das quais é possível urdir um texto cuja resolução narrativa é adiada contínua e inopinadamente. Esse texto, por sua vez, requer de quem o consome uma competência estética<sup>315</sup> particular que lhe permita, por um lado, ser capaz

---

312 J.-P. Vernant, «O Indivíduo na Cidade», in P. Veyne *et al.*, 1988: 30-31.

313 U. Eco, 1991 (1964): 259.

314 Id. *ibid.*.

315 Wolfgang Iser, um dos expoentes da *Rezeption-aesthetik*, refere-se a essa competência como necessária para a *Konkretisation* do texto. Na sequência da discussão que empreende desse termo, tomado de empréstimo a Roman Ingarden (que o usou em *Vom Erkennen des*

de atribuir valor à originalidade das soluções encontradas para a construção de uma estrutura diegética inusitada e, por outro, manter, apesar de uma certa erratibilidade no encadeamento dos acontecimentos, a “fixidez emblemática”<sup>316</sup> do herói.

Tal como sucede no romance de aventuras imperial e no de espionagem, recorre-se a um tipo de protagonista mundano, apocopado da dimensão fantástica, apologético da ideologia dominante, que depara continuamente com as vicissitudes e as contrariedades da vida moderna, por vezes movimentando-se em cenários e passando por situações que fazem parte do próprio quotidiano daquele que lê — uma personagem, enfim, com quem o público leitor mais facilmente se possa identificar. Uma das estratégias empregues nas narrativas em análise para fomentar essa identificação foi a do processo de eleição do herói. Ainda nas primeiras páginas, os Rassendylls, os Davies, os Carruthers e os Hannays mais não são do que paradigmas do *everyman*: cidadãos desprezenciosos, desprovidos de sonhos de glória ou de grandeza, e até certo ponto — porque apenas buscam a satisfação pessoal — mesquinhos e egoístas. Não estão, além disso, de modo algum relacionados com a génese de uma intriga que, afinal, já estava em andamento ainda antes do início da narração. O seu envolvimento só ocorre, portanto, *in media res* e as suas vidas, até então ociosas, despreocupadas, preenchidas com os pequenos afazeres do dia-a-dia e toldadas ainda por um certo aborrecimento (senão mesmo pelo sentimento de desengano que assalta com frequência o homem comum), sofrem a reviravolta decisiva que os transforma, agora sim, em verdadeiros heróis. Não obstante o rol de coincidências necessário para os colocar na senda da aventura, é este arrastamento involuntário e casual para o mundo sinistro da conspiração e da espionagem internacionais, esta queda do estado de inocência, que os torna particularmente convincentes, se não mesmo atraentes, aos olhos do eduardiano médio.

---

*literarischen Kunstwerks* (1968) para se referir ao processo pelo qual o tema de um determinado texto se torna manifesto), Iser vai traçar uma clara distinção entre aquilo que designa como o polo *artístico* do texto — *i. e.*, o texto enquanto criação de um determinado autor—, e o *estético*, ou seja, o modo pelo qual o leitor se apropria do texto e nele tenta encontrar o tema principal. (V. W. Iser, «The reading process: a phenomenological approach», in D. Lodge, 1988: 212-228.)

<sup>316</sup> U. Eco, 1991 (1964): 259.

Para Eco, o herói do romance popular institui-se, pois, em função da capacidade de encontrar as respostas adequadas aos desafios aparentemente arbitrários com que depara à medida que progride num mundo de aventura e risco. Contudo, ao insistir na ideia de que a este tipo de herói corresponde uma narrativa cujo valor reside na “invenção engenhosa de factos inesperados”<sup>317</sup>, parece este autor olvidar-se do facto de que no romance orientado para o leitor massificado e heterodirigido<sup>318</sup> são sobretudo as convenções culturais e literárias — e não propriamente a imprevisibilidade — que guiam o trajecto narrativo do protagonista. Além disso, ao reagir quase sempre de um modo conforme ao já anteriormente estipulado noutras obras congéneres, os heróis de aventuras e de espionagem — que nunca fogem às responsabilidades a que os estereótipos obrigam —, acabam por se ater às fronteiras ditadas pelo *Erwartungshorizon* desse leitor, desta forma conseguindo-se assegurar a sobrevivência ou o êxito comercial do texto. Richard Hannay, por exemplo, criado em 1914, vai recuperar muitos dos traços psicológicos dos heróis de Hope, Le Queux e Childers, sobretudo no que diz respeito à psicose da perseguição (a qual se traduz no texto em termos de proliferação de palavras ligadas ao campo lexical<sup>319</sup> da «caça»), à obliteração da sua verdadeira identidade, à dissimulação de intentos e ainda a uma certa temeridade (a que se associa, por seu turno, um desejo quase irreprimível de atropelar ou ignorar a lei e a ordem).

O facto de ao protagonista moderno faltar, como diz Eco, aquela dimensão universal e atemporal imputada ao herói mítico não significa, entretanto, que deixe de servir de ponto de referência aos leitores que nele vêem a concretização literária de um modelo de cidadania e de masculinidade do qual poucos ou nenhuns se conseguiriam aproximar. Nos textos de Hope, por exemplo, Rudolf Rassendyll pode não estar a defender a Inglaterra de uma ameaça estrangeira, mas, à semelhança do General Gordon, é sacrificado

---

<sup>317</sup> Idem: 258.

<sup>318</sup> Eco define o homem heterodirigido como aquele sujeito social que, vivendo imerso numa sociedade de consumo, é levado a, passiva e irreflectidamente, eleger como objecto de desejo aquilo que lhe é imposto pelos *media* e pela propaganda (v. idem: 271).

<sup>319</sup> Emprega-se aqui este termo para designar “l’ensemble formé par les mots (les lexèmes) qu’une langue regroupe pour désigner les divers aspects d’une technique, d’un object, d’une notion[...]” (Group d’Entrevignes, 1988, *Analyse Sémiotique des Textes: Introduction, Théorie, Pratique*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, p. 92.)

quando tenta estender o domínio britânico a um território estrangeiro. Em *The Invasion*, por seu turno, só a voz de Gerald Graham — tal como Roberts, um político respeitado com provas dadas na salvaguarda do Império — é capaz de reerguer o espírito patriótico e reconduzir uma nação humilhada para os campos de batalha (algo que também Yeovil Murrey, a princípio, se sente tentado a fazer). Apenas Wells recorre a um Bert Smallways que se limita a seguir o que lhe dita o instinto de sobrevivência e não o espírito patriótico. Contudo, esta personagem, uma vez que não se institui como um caso paradigmático de bravura e de abnegação, não contém na sua confecção os ingredientes indispensáveis que concorrem para o êxito do herói da literatura popular junto das grandes massas.

Logo em 1908, Sigmund Freud tentara localizar as causas desse sucesso socorrendo-se dos instrumentos de análise e dos conceitos operatórios proporcionados pela psicanálise. Para ele, era manifesto que, na composição da personagem e na construção da narrativa, o escritor se encontrava condicionado por uma série de limitações, a principal das quais seria conquistar a adesão dos leitores à obra através da criação de um herói por quem nutrissem simpatia e com o qual se identificassem. Ora, para isso bastaria apelar às fantasias mais secretas, satisfazer ficcionalmente os desejos mais íntimos do leitor, sem que fosse necessário abdicar da sua própria segurança e conforto:

If, at the end of one chapter of my story, I leave the hero unconscious and bleeding from severe wounds, I am sure to find him at the beginning of the next being carefully nursed and on the way to recovery; and if the first volume closes with the ship he is in going down in a storm at sea, I am certain, at the opening of the second volume, to read of his miraculous rescue — a rescue without which the story could not proceed. The feeling of security with which I follow the hero through his perilous adventures is the same as the feeling with which a hero in real life throws himself into the water to save a drowning man or exposes himself to the enemy's fire in order to storm a battery. It is the true heroic feeling, which one of our best writers has expressed in an inimitable phrase. 'Nothing can happen to me!' It seems to me, however, that through this revealing characteristic of invulnerability we can immediately recognize His Majesty the Ego, the hero alike of every day-dream and every story.<sup>320</sup>

Para Freud, o herói acabava, assim, por não ser mais do que uma simples representação literária de um Ego livre de constrangimentos, num mundo do faz-de-conta onde o Princípio da Realidade, em vez de moldar a sua personalidade (isto se se partisse, claro está, do pressuposto de que o “real” da

---

<sup>320</sup> S. Freud, «Creative writers and day-dreaming»(1908), in D. Lodge, 1972: 40.

ficção funcionaria, tal como sucede no quotidiano do leitor, enquanto “trauma”<sup>321</sup>), seria sacrificado ao Princípio do Prazer. O escritor — neste ensaio sinónimo de sonhador (*day-dreamer*)— limitar-se-ia então a produzir um texto onde as figurações do feminino (a princesa Flavia e Rosa Holf nos textos de Hope ou a *Fräulein* Clara Dollmann em *The Riddle*, por exemplo) se renderiam mecanicamente perante a vacuidade masculina e onde todas as contrariedades estariam encarnadas em personagens “más” (o conspirador, o traidor à pátria, o general prussiano, o espião insidioso) a cuja derrota corresponderia a vitória sobre a frustração e o desengano. Porém, Freud não toma em consideração o quanto a própria ideologia se imiscui nestas representações. Se se considerar que a matéria-prima usada na construção de universos alternativos na literatura popular provém em grande medida do inconsciente, então todo o processo de escrita mais não consiste do que na mera recolha de imagens emanadas do Id e no seu subsequente reordenamento narrativo com vista à sublimação do Ego. Isso não explica, é claro, o impacte — por vezes exagerado, mas sempre limitado ao mundo da ficção — que as acções do herói têm na História e nos destinos da colectividade. Como justificar, além disso, o modo pelo qual nas *spy-* e nas *invasion-novels* o elogio da identidade nacional, a defesa da coesão do grupo e a manutenção da integridade territorial se sobrepõem invariavelmente a qualquer apologética do individualismo e do egocêntrismo? Para isso, há que detectar quais as principais linhas político-ideológicas que estão por detrás da figuração do herói destes subgéneros ficcionais.

Para se encontrarem, na Inglaterra do virar do século, as fundamentos filosóficos que legitimem a crença de que um só indivíduo, num único gesto, é capaz de transformar a História em benefício da sua comunidade torna-se necessário remontar a um texto seminal que é simultaneamente uma reflexão sobre a História e um estudo sobre o heroísmo. Em *On Heroes, Hero-worship and the Heroic in History* (1841), Thomas Carlyle, estudioso das letras alemãs e um dos introdutores do pensamento historicista na Grã-Bretanha<sup>322</sup>, partia da noção de que a evolução da História era devida a homens excepcionais cuja intervenção decisiva nos mais variados domínios (fossem eles da religião, das

---

321 V. J. Lacan, 1994 (1973): 51-5.

322 V. P. A. Dale, .

letras, da arte, da guerra ou da política) transformava a vida das nações e impelia a humanidade para a perfeição.

For, as I take it, Universal History, the history of what man has accomplished in this world, is at bottom the History of the Great Men who have worked here. They were the leaders of men, these great ones; the modellers, patterns, and in a wide sense creators, of whatsoever the general mass of men contrived to do or to attain; all things that we see standing accomplished in the world are properly the outer material result, the practical realisation and embodiment, of Thoughts that dwelt in the Great Men sent into the world: the soul of the whole world's history, it may justly be considered, were the history of these.<sup>323</sup>

Esta visão da História Universal deve ser contextualizada, entretanto, em termos não só do idealismo fichteano e da sólida formação teológica de Carlyle — dois pilares que informaram, aliás, muitos outros escritos seus, em particular *Sartor Resartus* (1836) —, mas também da necessidade, sentida pelos seus contemporâneos, de se eleger, numa época em que “the alarming increase of both the commercial spirit and religious doubt made moral inspiration a primary need”<sup>324</sup>, um indivíduo que desse resposta às inconsistências da sociedade victoriana.

Ao contrário de Marx, obviamente mais preocupado com as condições materiais de existência e com a questão de saber se de facto a Ideia fazia parte da realidade, Carlyle advogaria que Deus (aquilo a que Hegel chamou *Weltgeist*) constituía a força motriz de todos os eventos históricos. No entanto, as ideias divinas não moldavam directamente o mundo material; estas deveriam ser primeiramente apropriadas por instrumentos humanos que depois se encarregariam de as concretizar. Como que dando voz à fé calvinista herdada dos seus pais, afirmaria ainda que só poucos eleitos teriam a capacidade de, abstraíndo-se das aparências enganadoras do universo das formas, aceder à mensagem que o Espírito Universal lhes ditava (daí considerar que apenas um número limitado de biografias seria necessário para dar conta da evolução da humanidade).

Esta presciência vática, porém, não seria suficiente para impor a vontade de Deus junto de nações moralmente decadentes, entregues ao vício e à iniquidade. Assim, ao herói era ainda conferido o poder ímpar de, embora por

---

<sup>323</sup> T. Carlyle, 1872 (1841): 1 - 2.

<sup>324</sup> W. E. Houghton, 1957: 316.

vezes com o sacrifício da sua própria vida, revolucionar o mundo e a sociedade, destruindo tudo quanto fosse obsoleto e falso a fim de erigir formas mais próximas da ideia divina. Para isso era necessário um espírito crítico que o apartasse da realidade social que o envolvia. A obediência incondicional aos desígnios da divindade não poderia ser, desse modo, confundida com uma qualquer espécie de cegueira intelectual ou de fanatismo religioso. Tratava-se, pelo contrário, de uma manifestação de clarividência, de apreensão daquilo que a Kant chamara o Bem Supremo. Mas mesmo em busca desse Bem, o herói não se inibiria de recorrer a gestos brutais, como a guerra e a perseguição religiosa. É que a missão de reconduzir uma sociedade dissoluta para os caminhos da redenção não era compatível com o apelo à concórdia ou à compaixão; só a fé fervorosa, a intolerância e o culto da força, cria Carlyle, poderiam transformar os homens.

É certo que os heróis das presentes narrativas não possuem pretensões metafísicas: nenhuma experiência mística, nenhum momento de epifania divina marcou as suas existências ou iluminou os seus espíritos, demasiado ocupados, aliás, com questões bem mais terrenas. Contudo, também eles se transformam, em dada altura, em campeões da História, em seres pródigos capazes de impedir a destruição total da sociedade e de proceder à regeneração dos costumes.

Compelidos, embora inconscientemente, a agir de acordo com um imperativo moral que os transcende, deixam de se preocupar com os seus destinos individuais (a morte ou o encarceramento pouco importam conquanto o dever tenha sido cumprido) para passarem nesse mesmo instante a paladinos da honra nacional e a instrumentos necessários no reencaminhamento do fado colectivo. Esse imperativo manifesta-se nos textos em termos de um patriotismo exaltado, solidamente implantado nas convicções dos protagonistas, e que se sobrepõe às apreensões e dúvidas que os assaltam constantemente:

I gained the key to [Davies's] own character. It was devotion to the sea, wedded to a fire of pent-up patriotism struggling incessantly for an outlet in strenuous expression; a humility, born of acute sensitiveness to his own limitations, only adding fuel to the flame.<sup>325</sup>

---

<sup>325</sup> E. Childers, 1976 (1903): 96.

É este fervor patriótico — no fundo, a transfiguração de uma fé religiosa — que, aliado ao descontentamento político, confere a Davies a faculdade (inacessível aos demais) de desvendar a verdadeira situação do país:

[...] he seemed to have caught his innermost conviction from the very soul of the sea itself. An armchair critic is one thing, but a sunburnt, brineburnt zealot smarting under a personal discontent, athirst for a means, however tortuous, of contributing his effort to the great cause, the maritime supremacy of Britain, that was quite another thing. He drew inspiration from the very wind and spray. He communed with his tiller, I believe, and marshalled his figures with its help. To hear him talk was to feel a current of clarifying air blustering into a close clubroom, where men bandy ineffectual platitudes and mumble old shibboleths and go away and do nothing.<sup>326</sup>

Também Yeovil Murrey, na narrativa de Saki, apesar de acabar por falhar a sua vocação de herói, é seduzido pelo discurso de *Lady Eleanor*, que apela à reeducação patriótica do povo. Para contrariar a tentativa de erosão da identidade colectiva encetada pelos ideólogos alemães, a missão primeira que se impõe é manter vivas na memória popular “the things that have been, the grand, brave things that some of our race have done”<sup>327</sup>. Porém, o patriotismo de Murrey não se esgota nesse acalantar da tradição; algo mais o inflama. É o sentimento, já anteriormente expresso por Carlyle e pelos seus seguidores Charles Kingsley e James A. Froude, de orgulho por pertencer a uma raça superior, esmagadora dos sonhos e das ambições de povos outros, julgados inferiores por causa do único estigma que carregam: o da diferença. Tal soberba rácica, que se insidia nas representações da nacionalidade, faz com que a condição de país ocupado se transforme num ferrete intolerável na consciência da personagem:

‘[...] during the few days that I’ve been in the land I’ve seen things that I cannot imagine will ever be bearable.’

‘That is because they’re new to you,’ said Cicely.

‘I don’t wish that they should ever come to seem bearable,’ retorted Yeovil. ‘I’ve been bred and reared as a unit of a ruling race; I don’t want to find myself settling down resignedly as a member of an enslaved one.’<sup>328</sup>

Assim angustiados pela suspeita, quase tornada certeza, de que a nação e a raça afinal definham no preciso momento em que deveriam afirmar a sua

---

<sup>326</sup> Idem: 99.

<sup>327</sup> Saki, 1977(1913): 192.

<sup>328</sup> Idem: 134.

pujança, os heróis, incitados por esse zelo patriótico, vão procurar, tal como acontece nos romances de cavalaria, exorcizar os seus receios e defender a honra do *hall* embarcando numa demanda<sup>329</sup> da verdade por terras do logro e da mentira (não é por acaso, por exemplo, que Carruthers recupera do imaginário romântico algumas imagens estereotipadas da Idade Média, crendo-se inspirado pela figura de *Sir Galahad*<sup>330</sup>). “Are not all true men that live, or that ever lived”, perguntaria Carlyle, “soldiers of the same army, enlisted, under Heaven’s captaincy, to do battle against the same enemy, the empire of Darkness and Wrong?”<sup>331</sup> Enquanto essa verdade — aquilo que em termos da análise formalista de Vladimir Propp poderia ser entendido como “a princesa”<sup>332</sup> — permanecer fora do seu alcance (sob a forma de um *segredo* cuidadosamente guardado pelos alemães), o controle dos destinos do país (e do próprio continente) está-lhes vedado. Mas no fim, a determinação que os anima, mau grado os riscos e as dificuldades, acabará por vencer e rasgar o véu do mistério (neste caso, os planos de invasão), ficando assim habilitados a devolver à sociedade a auto-confiança perdida.

Não é só graças à coragem e ao *self-help*, todavia, que a verdade é alcançada: também uma Providência invisível os assiste e ajuda a resolver, qual *deus ex machina*, o enredo com oportunas coincidências, convergências e soluções inusitadas. Que na parca biblioteca de bordo de Davies, por exemplo, constasse um pequeno livro contendo uma reprodução litográfica de um fotografia de um tal “Lieut. X—, R. N.”<sup>333</sup>, revelando-se assim a identidade verdadeira de Dollmann; que Carruthers se tenha escondido na precisa embarcação que fazia o primeiro ensaio de invasão; ou ainda que Hannay, na sua errância por terras escocesas, se tenha refugiado numa casa de campo que era, mau grado o seu aspecto inofensivo, uma das bases de operações da rede de espionagem alemã (designada de “the Black Stone”) — tudo isto não pode deixar de causar um sorriso cínico ao leitor mais avisado. Mas tais felizes

---

<sup>329</sup> Northrop Frye, cujo pensamento influenciou Cawelti, já havia feito notar que a estrutura básica da aventura é precisamente a demanda, envolvendo deslocação espacial, ultrapassagem de obstáculos e uma luta final (v. N. Frye, 1957: 186-197).

<sup>330</sup> V. E. Childers, 1976 (1903): 188.

<sup>331</sup> T. Carlyle, 1872 (1841): 111.

<sup>332</sup> V. V. Propp, 1970 (1928): 96.

<sup>333</sup> E. Childers, 1976 (1903): 181.

acazos poderiam afinal ser entendidos, ainda de acordo com o vocabulário carlyleano, como apenas mais uma demonstração de que um plano pré-estabelecido pelo Ser Supremo ordenava todos os acontecimentos e manipulava todas as personagens. É que para Carlyle, a História mais não era, no fundo, do que um texto escrito por Deus, um grande romance onde se jogavam os destinos da humanidade. Contudo, seria errado pressupor que a sua figura estivesse omnipresente nas narrativas de espionagem — quanto muito, a intervenção da Providência faz-se sentir obliquamente, como se de uma convenção literária remanescente se tratasse. Este seu eclipse parcial deve-se, sobretudo, ao facto de uma moral secularizada, mundana, de raízes utilitaristas e fundamentada na fé do indivíduo em si próprio, libertar o herói de quaisquer compromissos para com o Ente Perfeito.

Mas nem por isso se lhe deixa de exigir — tal como sucede com sujeitos históricos estudados por Carlyle — total abnegação e auto-sacrifício nas diferentes provas por que passam; e ainda que no fim da história o esforço não lhes seja reconhecido socialmente (os dois tripulantes do *Dulcibella* são obrigados ao anonimato), conforta-lhes a ideia de que a sua acção ficou indelevelmente grafada na História. É o que acontece no capítulo conclusivo de um dos inúmeros romances de espionagem de Philip Oppenheim, cujo título — *A Maker of History* (1905) — é bem revelador do modo como o herói deste subgénero se inscreve na tradição carlyleana. Após ter descoberto um manuscrito secreto em cujas linhas se traçava o futuro da Europa (ou seja, onde a estória se entrosava na História) e denunciado subseqüentemente o infame conluio entre a Alemanha e a Rússia<sup>334</sup> para a invasão da Grã-Bretanha, o protagonista parece contentar-se, na sua modéstia, com pouco mais do que regressar ao seu país. Ele sabia que poderia nunca vir a ser aclamado publicamente como herói, mas animava-o entretanto a certeza de que “in the underground history of England” o seu nome seria perpetuado como sendo o do homem “who saved his country.”<sup>335</sup> Também Richard Hannay limitou-se, informado do mesmo sentido de honra e de desinteresse, a vestir o “kahki” e a desaparecer nas brumas da Grande Guerra, ainda que sabendo que o sucesso

---

<sup>334</sup> Repare-se na data de publicação.

<sup>335</sup> P. Oppenheim, 1905: 309-310.

daquela sua missão tinha sido mais importante do que qualquer vitória militar alcançada no continente.

Os protagonistas destas narrativas possuem, todavia, outros predicados igualmente importantes para além desta capacidade extraordinária, teorizada por Carlyle, de intervir no percurso histórico das nações. Um outro modelo de masculinidade talhado pelo pensamento victoriano — em certa medida relacionado com o anterior — faz igualmente parte do investimento ideológico do herói: é o do *gentleman*.

Vários foram os intelectuais que procuraram construir um ideal de conduta masculino que pudesse servir, de alguma forma, de referência aos que se consideravam moralmente acima dos novos-ricos — economicamente poderosos e politicamente influentes. Valores directamente herdados dos padrões de conduta vigentes no seio da aristocracia e da alta classe média (como a honra pessoal, a dignidade, o desinteresse e a nobreza de carácter) foram aproveitados na composição desse ideal, para o qual também contribuiu, em parte, a ética cristã.

O cardeal John Henry Newman, nas reflexões que enceta sobre a educação, tentará entretanto traçar uma linha divisória, ainda que não muito distinta, entre o *gentleman* e o cristão. Na realidade, o que Newman exige do *gentleman* é, antes de tudo mais, que este professe uma religião de “imagination and sentiment”<sup>336</sup>. Produto de uma formação esmerada, deveria distingui-lo o respeito pelo próximo, a sensibilidade às susceptibilidades dos que o rodeiam, para além de “an intense horror of exposure, and a keen sensitiveness of notoriety and ridicule.”<sup>337</sup> Mas Newman não é bem sucedido em divorciar totalmente a moralidade cristã da ética do *gentleman*: afinal, aquilo que o distingue dos outros homens — a busca da perfeição e os princípios que o guiam — acaba sempre por o aproximar do Deus cristão.

Nem todos, contudo, partilhavam do ideal ético de Newman. A essa hipersensibilidade Matthew Arnold, por exemplo, contrapunha a firmeza de carácter, a capacidade de chefia, a assunção de responsabilidades, e ainda uma

---

<sup>336</sup> J. H. Newman, «A Definition of a Gentleman» (1865), in G. S. Haight, 1976 (1972): 467.

<sup>337</sup> Idem: 465.

certa rudeza (*coarseness*) para com os que lhe estavam subordinados<sup>338</sup>. John Stuart Mill, por seu turno, criticaria a moralidade cristã com base no argumento de que “[i]t’s ideal is negative rather than positive; passive rather than active; Innocence rather than Nobleness; Abstinence from Evil rather than energetic pursuit of Good; in its precepts [...] ‘thou shalt not’ predominates unduly over ‘thou shalt.’”<sup>339</sup> Influenciado pela apologia, levada a cabo por Wilhelm von Humboldt, do individualismo e da *Bildung* goetheana, Mill rejeitaria os modelos pré-fabricados que a sociedade impunha ao indivíduo, para valorizar, precisamente, “[h]e who chooses his plan for himself [...]” Tal como sucede com o protagonista dos romances de espionagem, o indivíduo mais capacitado é aquele que deve usar “observation to see, reasoning and judgement to foresee, activity to gather material for decision, discrimination to decide, and, when he has decided, firmness and self-control to hold to his deliberate decision.”<sup>340</sup> É esta certeza interior, esta capacidade de auto-suficiência moral que irá, mais tarde, permitir ao agente secreto ficcional agir livre e desinibidamente ainda que violando a legalidade e os preceitos sociais. Graças à secularização da moral professada pelo utilitarismo (do qual John Stuart Mill seria o mais ilustre representante), o herói já não teria de recear os castigos de uma entidade sobrenatural; estaria, pois, entregue a si próprio. Só a ele caberia ajuizar das consequências dos seus actos e estabelecer as balizas deontológicas da sua actuação.

Alguns anos mais tarde, essa determinação e esse discernimento seriam igualmente louvadas por Thomas Henry Huxley. Ao se envolver no debate sobre a educação que se desejava para o país, viria a afirmar que o que estava em causa era a constituição de um novo cidadão, profundo conhecedor da Natureza, dos homens e, sobretudo, de si próprio: dos seus limites físicos e dos seus dotes intelectuais. Ainda que rejeitando a visão do ser humano como apenas uma ferramenta de trabalho numa sociedade industrializada, Huxley defendia um ideal que, pelas metáforas utilizadas, aproximava o homem da máquina:

---

<sup>338</sup> Para uma análise comparativa do *gentleman* em Newman e em Arnold v. P. Mason, 1982: 218-220.

<sup>339</sup> J. S. Mill, 1929(1859): 60.

<sup>340</sup> *Idem*: 71.

That man, I think, has had a liberal education who has been so trained in youth that his body is the ready servant of his will, and does with ease and pleasure all the work that, as a mechanism, it is capable of; whose intellect is a cold, logic engine, with all its parts of equal strength, and in smooth working order; ready, like a steam engine, to be turned to any kind of work, and spin the gossamers as well as forge the anchors of the mind; whose mind is stored with a knowledge of the great and fundamental truths of nature, and of the laws of her operations; one who, no stunted ascetic, is full of life and fire, but whose passions are trained to come to heel by a vigorous will, the servant of a tender conscience; who has learned to love all beauty, whether of nature or of art, to hate all vileness, and to respect others as himself.<sup>341</sup>

Este entendimento do corpo como um mecanismo que se deverá soçobrar ante uma vontade inflexível mas obediente a uma consciência serena e clarividente seria recuperado na narrativa de Childers. É o próprio Carruthers quem, após ultrapassada a indolência inicial, começa a perceber que, para transformar a realidade, para determinar o curso dos eventos, ele depende inteiramente do modo como o seu corpo se metamorfoseia por forma a se tornar num instrumento da vontade. Quando ele e Davies, para se inteirarem do que se passava em Memmert, se vêem na contingência de remar uma dezena de milhas náuticas dentro do mais cerrado nevoeiro e no meio um labirinto de canais e ilhotes, guiando-se exclusivamente por uma carta de marear e pelo número preciso de remadas, é somente no seu corpo, qual motor, que se podem fiar:

My duty was to be his automaton, the human equivalent of a marine engine whose revolutions can be counted and used as data by the navigator. My arms must be regular as twin pistons; the energy that drove them as controllable as steam. It was a hard ideal to reach, for the complex mortal tends to rely on all senses God has given him, so unfitting himself for mechanical exactitude when a sense (eyesight in my case) fails him.<sup>342</sup>

Para reforçar esta adequação do protagonista de tais narrativas a certos traços da *gentlemanliness* victoriana, é-lhe ainda conferido um estatuto social que possa corresponder à magnitude da sua missão. Não é por acaso que Carruthers, Murrey e Hannay pertencem a clubes do *West End* londrino (Richard Usborne designá-los-ia precisamente de *clubland heroes* <sup>343</sup>). Todos eles obedecem ao modelo de um sujeito social perfeitamente integrado no seu grupo, conhecedor dos códigos de conduta vigentes entre as classes mais altas,

<sup>341</sup> T. H. Huxley, «A Liberal Education» (1868), in G. S. Haight, 1976 (1972): 476.

<sup>342</sup> E. Childers, 1976 (1903): 203-204.

<sup>343</sup> R. Usborne, 1974 (1953): 3.

de hábitos recomendáveis e em estreito contacto com as elites política e económica. O próprio espaço do clube, de acesso restrito, dentro do qual se formam círculos fechados de relações e se cria uma memória colectiva *sui generis* que oblitera as tensões sociais, favorece um certo isolamento do mundo exterior e, sobretudo, do universo doméstico. Sendo o feminino alvo de exclusão, tudo é visto em função de valores unicamente masculinos.

Apesar desta sedimentação de representações ideológicas com carga positiva que tornam o protagonista da *spy fiction* numa personagem benquista dos leitores da época, habita no seu interior um paradoxo moral dificilmente sanável. É que a espionagem, actividade condenável aos olhos da opinião pública, era incompatível com os elevados padrões éticos herdados dos modelos victorianos que compunham o herói. O escutar atrás da porta, o recurso à chantagem, o roubo de documentos, a violação de correspondência, a ocultação do corpo e da identidade, e o assassinio são, entre outras, práticas que, apesar de recorrentes naquele subgénero ficcional, são mais facilmente imputáveis a um qualquer vulgar malfeitor do que admitidas por alguém que se pretenda intrépido defensor da nação. “[...] I had become an unholy liar,”—lamentar-se-ia Hannay a esse propósito —“a shameless impostor, and a highwayman with a marked taste for expensive cars.”<sup>344</sup>

Davies e Carruthers são os primeiros a se darem conta dessa incompatibilidade. Inicialmente, a questão é abordada quase levianamente: a espionagem é entendida sobretudo como mais um tema da literatura de cordel e o narrador chega a caricaturar a sua própria situação jogando com os estereótipos literários do espião: “I figured to myself one of those romantic gentlemen that one reads of in his sixpenny magazines, with a kodak in his tie-pin, a sketchbook in the lining of his coat, and a selection of disguises in his hand luggage. Little disposed for merriment as I was, I could not help smiling [...]”<sup>345</sup> Com este inteligente artifício, Childers logra criar uma barreira exegética entre a literatura de fórmulas (para utilizar a terminologia caweltiana), feita de clichés, e o seu texto, que se quer mais verosímil, mais próximo da realidade, logo mais convincente. O paradoxo moral, porém, fica

---

<sup>344</sup> J. Buchan, 1993 (1915): 55.

<sup>345</sup> E. Childers, 1976 (1903): 82.

por resolver. Childers limita-se a adiar a questão mas não a conseguirá ocultar, pois pouco depois, os dois protagonistas, ao reflectirem sobre a natureza da missão a que se entregam, são obrigados a legitimá-la moralmente:

“It’s a delicate matter,” I mused dubiously, “if your theory’s correct. Spying on a spy——”

It’s not like that,” said Davies indignantly. “Anyone who likes can sail about there and explore those waters. I say, you don’t really think it’s like that, do you?”

“I don’t think you’re likely to do anything dishonourable,” I hastened to explain. “I grant you the sea’s public property in your sense. I only mean that the developments are possible which you don’t reckon on. There *must* be more to find out than the mere navigation of those channels, and if that’s so, mightn’t we come to be genuine spies ourselves?”

“And, after all, hang it!” exclaimed Davies, “if it comes to that, why shouldn’t we? I look at it like this. The man’s an Englishman, and if he’s in with Germany he’s a traitor to us, and we as Englishmen have a right to expose him. If we can’t do it without spying we’ve a right to spy, at our own risk——”

“There’s a stronger argument than that. He tried to take your life.”<sup>346</sup>

Davies, não conseguindo escamotear as evidências, tenta justificar-se e contra-argumenta operando um subtil reordenamento dos seus objectivos: admite-se espião, não porque queira descobrir os segredos militares do inimigo, mas somente porque está em causa denunciar um traidor.

Além disso, outras circunstâncias existem que os desculpabilizam dos actos praticados. Por um lado, falta-lhes premeditação. Nenhum deles tencionava, no início, interferir com o poder alemão. Se no processo de denunciar de Dollmann ou de expor a “Black Stone” acabaram por se cruzar com os planos de invasão, isso dever-se-á sempre ao facto de o inimigo ter feito a primeira jogada, nomeadamente de ter tomado a iniciativa de atentar contra as suas vidas. O estatuto de «inocência corrompida» das personagens funciona, pois, como um dispositivo de legitimação de acções de outro modo passíveis de serem reprovadas pelo leitor.

Por outro lado, agem sempre a favor de uma autoridade constituída. O facto de se tratarem de indivíduos por conta própria e não de elementos de uma qualquer organização governamental não lhes retira legitimidade. Pelo contrário, é o facto de os seus interesses individuais se fundirem com interesses do Estado que eles se transformam numa extensão metonímica deste. Mas o agirem sós e de acordo com as suas consciências liberta-os da hierarquia e da complexa rede burocrática daquele organismo supra-individual, pelo que estão

---

<sup>346</sup> *Idem*: 86-87.

empossados de ampla liberdade de movimentos. Como dirá justamente Bruce Merry,

[t]he ‘powers that-be’ are too slow, too bureaucratic or strife-ridden to mete out proper justice to enemies of the home country. The agent therefore intervenes in order to determine speedily how Good can be made to triumph over Evil before the System blunders in to fog up the issues. [...] Thus the spy comes to represent clear action and fast thinking without the cobweb of regret and indecisiveness which bedevils government bureaucracy.<sup>347</sup>

Apesar destes argumentos que visam a legitimação e a desculpabilização dos actos do herói, o paradoxo moral mantém-se. A excelência ética é forçada a coabitar com a espionagem, a falsidade e o crime. Só um artifício histriónico que amortença o choque entre essas duas atitudes no interior de um único sujeito permitirá resolver em definitivo esse dilema. Na máscara, no fingir ser, que surge figurado nestes textos através do disfarce, residia a solução.

No interior da máscara, o protagonista, como que munido de um escafandro, já se pode deslocar com um à vontade desconcertante num meio que seria de outro modo hostil e agir impunemente, ao mesmo tempo que consegue salvaguardar a honra da verdadeira identidade. É nesse sentido que Carruthers por várias vezes procura refugiar-se atrás de um disfarce que, mantendo-o no anonimato, lhe garanta um salvo-conduto até à fonte de informação. O seu conhecimento da língua e a idumentária de marinheiro facilitam-lhe a fusão com os nativos e permitem-lhe assim aproximar-se fisicamente dos seus oponentes de forma insuspeita:

I was slow over my beer and was last of the knot, with von Brüning immediately ahead of me, so close that his cigar smoke curled into my face. I looked over his shoulder at the ticket he showed, missed the name, but caught a muttered double sibilant from the official who checked it; ran over the stations in my head, and pounced on Esens.<sup>348</sup>

Que a Grã-Bretanha se tenha refugiado numa postura cada vez mais defensiva prova-o a diferença de atitudes entre Carruthers e Hannay, a quem Buchan coloca várias máscaras para que ele possa precisamente afastar-se dos seus perseguidores. Ora se disfarça de leiteiro para sair do seu próprio

---

<sup>347</sup> B. Merry, 1977: 3.

<sup>348</sup> E. Childers, 1976 (1903): 268.

apartamento; ora de camponês em viagem numa carruagem de terceira classe; ora de cantoneiro para furar o cerco na charneca escocesa; ora de *chauffeur* de um reputado membro do Governo para poder acercar-se dos corredores do poder em Londres. Hannay, apesar de se encontrar permanentemente assediado, é metuculoso na composição das suas máscaras — nenhum pormenor é deixado ao acaso:

[...] I set to work to dress for the part. I opened the collar of my shirt - it was a vulgar blue-and-white check much as ploughmen wear - and revealed a neck as brown as any tinker's. I rolled up my sleeves, and there was a forearm which might have been a blacksmith's, suburnt and rough with old scars. I got my boots and trouser-legs all white from the dust of the road, and hitched up my trousers, tying them with string below the knee. Then I set to work on my face. With a handful of dust I made a water-mark round my neck, the place where Mr Turnbull's Sunday ablutions might be expected to stop. I rubbed a good deal of dirt also into the sunburn of my cheeks. A roadman's eyes would no doubt be a little inflamed, so I contrived to get some dust in both of mine, and by dint of vigorous rubbing produced a bleary effect. My boots did not satisfy me, but by dint of kicking among the stones I reduced them to the granite-like surface which marks a roadman's foot-gear. Then I bit and scraped my finger-nails all the edges were all cracked and uneven. The men I was matched against would miss no detail. I broke one of the bootlaces and retied it in a clumsy knot, and loosed the other so that my thick grey socks bulged over the uppers.<sup>349</sup>

Nem só do aspecto físico, porém, vive a máscara. Também o ambiente e o cenário — aquilo a que Peter Pinear, uma das personagens de *Greenmantle* (1916) que aqui surge pela primeira vez citada, chamaria “ammosphere”[sic] — pode ajudar a camuflar a verdadeira identidade do perseguido: “[i]f a man could get into perfectly different surroundings from those in which he had been first observed, and [...] play up to these surroundings and behave as if he had never been out of them, he would puzzle the cleverest detectives on earth.”<sup>350</sup>

Contudo, a utilização da máscara não se resume somente a iludir o temido adversário nem é, aliás, exclusiva destes textos. Trata-se, pelo contrário, de um motivo bastante recorrente na literatura da época — facto que John A. Lester atribuiu à crise imanente no modo como o homem se olhava a si próprio e ao mundo. “Civilization seemed”, escreveria a propósito, “pitted against brutality, and man seemed suddenly brought face to face with that other deeper-lying and semi-barbarous self, which crouches hidden beneath the

---

<sup>349</sup> J. Buchan, 1993 (1915): 50.

<sup>350</sup> Idem: 106.

veneer of civilization and the mask of social habit[...].”<sup>351</sup> Se a máscara pode ser assim entendida como um mero verniz civilizacional, então não deixa de ser fácil vê-la associada a um outro motivo então igualmente relevante, que encontrou a melhor expressão literária em *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde* (1886), de Robert Louis Stevenson, e em *The Picture of Dorian Grey* (1891), de Oscar Wilde. Nessas obras, o «duplo» mais não é do que uma exteriorização (tornada pessoa ou coisa) do lado escuro do ser humano que toma de assalto a racionalidade e a convenção social — um conflito de que Freud tentaria dar conta de forma mais sistemática através dos dois modelos topográficos com que representou o aparelho psíquico<sup>352</sup>. Seria legítimo, então, conceber a máscara como um objecto cujas formas são estipuladas pelas interdições ou pelos códigos de conduta em circulação num dado grupo social e que se coloca sobre um rosto satânico e o esconde. Inversamente — como, aliás, acontece nas narrativas de espionagem —, a máscara também poderá ser moldada de modo a ocultar uma face heróica, e para isso bastará recorrer a materias oriundos do que de mais vil e abjecto existe no ser humano.

No entanto, se a verdadeira natureza da psique reside num conflito permanente entre as duas faces de Jano (aqui entendido como deus da transição entre o estado selvagem e o civilizado), é possível abordar a máscara não apenas enquanto dissimuladora da verdadeira natureza do ser, mas sim como uma manifestação da alternância de várias *identidades* dentro de uma mesma *entidade*. É que a aparência enganosa da máscara, naquilo que tem de superficial, desvia o olhar do leitor da inconstância ontológica da personagem. O leitor menos atento ficará sempre convencido de que a primeira identidade da personagem é a genuína e de que os subsequentes nomes que assume são falsos quando por vezes é o contrário que sucede. A máscara exige do sujeito uma plasticidade, uma capacidade de metamorfose, que pode comportar uma séria ameaça à sua estabilidade interior, uma vez que o «outro» passa a localizar-se no mesmo corpo, usando a mesma voz, vendo com mesmos olhos e escutando pelos mesmos ouvidos. Hannay, ao se disfarçar de cantoneiro, não se restringe às aparências — ele próprio admite que tem que haver coerência entre

---

<sup>351</sup> J. A. Lester, 1968: 136.

<sup>352</sup> Para uma sinopse do modo como o inconsciente é abordado em Freud v. F. Meltzer, «Unconscious», in F. Lentricchia e T. McLaughlin, 1990: 149-156; e L. Marcuse, s/d: 60-64.

aquilo que se aparenta ser e o que se é: “[...]the secret of playing a part was to think yourself into it. You could never keep it up [...] unless you could manage yourself that you were *it*.”<sup>353</sup>

Através do disfarce, do fingimento, é possível instaurar uma ambiguidade ontológica no seio do sujeito, porquanto assumir uma outra identidade, uma outra *persona*, por transitória que seja, implica o negar, senão mesmo o suprimir, da identidade primeira à qual se tinham até então associado determinados traços psicológicos e um posicionamento político-ideológico definido. Não restará senão um corpo capaz de comportar outros investimentos psíquicos, um significante em busca de outros significados. Descartando-se da responsabilidade de ter que manter até ao fim da narrativa uma mesma consistência comportamental e ideológica, o sujeito está agora livre para partir em busca daquelas *personae* que permitam satisfazer os seus desejos e superar as suas fobias.

É nas narrativas de Hope, mais precisamente na personagem de Rudolf Rassendyll, que a alternância de identidades vai ser conduzida até às últimas consequências.

Procurando definir um rumo para a sua vida, Rudolf decide viajar até à Ruritânia, pequeno reino alemão situado na Saxónia, para o qual poderia vir a ser eventualmente destacado, em parte graças ao seu conhecimento da língua alemã, mais tarde com um cargo diplomático. Tendo conhecimento de um antigo escândalo que unira por laços de consanguinidade a sua família à família real desse país, sentia-se seduzido pela ideia de se cruzar com um dos seus parentes afastados. Não só esse desejo seria realizado, como o seu destino seria ainda irremediavelmente marcado por uma daquelas coincidências para as quais só a hereditariedade poderia fornecer uma explicação minimamente plausível. É que o rei, para além de ter sido baptizado com o mesmo nome do seu parente inglês, ainda partilhava com este exactamente os mesmos traços fisionómicos, o que fazia de ambos sócias. A semelhança é tal que “the King of Ruritania might have been Rudolf Rassendyll, and I, Rudolf, the King.”<sup>354</sup>

---

<sup>353</sup> J. Buchan, 1993 (1915): 50-51.

<sup>354</sup> A. Hope, 1984 (1894): 17.

Será com base na modalização contida nesta frase que toda a narrativa se irá estruturar.

Quando o rei, por obra do seu meio-irmão, *Black Michael*, é raptado e enlausurado numa das masmorras do castelo de Zenda a fim de não poder estar presente na cerimónia de coroação, recaí sobre o jovem inglês, com a anuência de alguns notáveis, a responsabilidade de não só substituir o rei nas coisas da governação, como ainda de o resgatar. Só assim, nesta tentativa desesperada de manter a ordem e a estabilidade política do pequeno reino, já de si minadas pela simpatia que as camadas mais baixas da população nutrem por Michael, o duque de Streslau, é tornada legítima a coroação (ainda que sem o consentimento do verdadeiro rei) de Rudolf Rassendyll. Do mesmo modo como Jacob, fazendo-se passar por Esaú, roubaria a bênção que Isaac destinara ao seu irmão<sup>355</sup>, assim também Rassendyll tomava a Coroa de Ruritânia e recebia o Santo Sacramento que ao outro estavam reservados. As consequências seriam análogas às que ocorrem no texto bíblico: a bem ou a mal, só a Rudolf Rassendyll caberia, não obstante o facto de ser usurpador, a função de guiar os destinos do pequeno reino.

Até determinado ponto, Rudolf julga-se bem sucedido em convencer o narratário de que ele não passava de um embusteiro à força. Como sucedâneo do rei, ele não se cria à altura do papel que desempenhava:

I need only say that the secret of my imposture defied detection. I made mistakes. I had bad minutes: I needed all the tact and graciousness whereof I was master to smooth over some apparent lapses of memory and unmindfulness of old acquaintances of which I was guilty. But I escaped, and I attribute my escape, as I have said before, most of all, to the very audacity of the enterprise.<sup>356</sup>

Contudo, paulatinamente, vão sendo introduzidos no texto elementos que atestam do quanto Rudolf Rassendyll superava em predicados o seu sócia. O seu próprio rosto, “though the King’s face in every feature, bore a stern resolution and witnessed a vigour that were not the King’s.”<sup>357</sup> Se o rei era um *alter ego* do herói inglês, então era-o apenas como repositório de qualidades negativas. Entre os seus era conhecido por ser “notoriously lax and

---

<sup>355</sup> Génesis, 27.

<sup>356</sup> A. Hope, 1984 (1894): 52.

<sup>357</sup> A. Hope, 1944 (1898): 51-52.

careless”<sup>358</sup>. A última imagem do rei que perdurava na memória de Rassendyll antes do rapto é igualmente desfavorável: ébrio, não passava de “the dull, inert mass I had left in the cellar of the hunting-lodge”<sup>359</sup>. No final do texto de 1894, seria ao próprio herói inglês que o rei admitia ir buscar o exemplo para a sua conduta política futura: “[t]hey will not wonder that the King looks changed in face. Cousin, I shall try to let them find him changed in nothing else. You have shown me how to play the King.”<sup>360</sup> (Note-se como o próprio rei admite que o o direito ao uso do poder é apenas uma questão de papéis.)

Mas mesmo assim, na sequência de 1898, o rei permaneceria uma figura frágil, mentalmente afectada pelo encarceramento, e diminuída pela sombra da actuação de Rassendyll. Preocupavam-no não as questões políticas, mas as pequenas trivialidades ligadas ao mundo da caça e da canicultura. Nos momentos cruciais da narrativa, encontrava-se quase sempre inactivo, ora retido num espaço fechado, ora embalado nos braços de Morfeu. Ao contrário do inglês, o rei tornara-se um alvo fácil da ira dos seus inimigos. A sua morte às mãos do diabólico Rupert von Hentzau apenas viria a tornar a situação de Rassendyll como impostor cada vez mais insustentável. O dilema punha-se em termos bastante simples: ou se admitia publicamente que o rei fôra morto pelo traidor Rupert quando este lhe entregava uma carta que comprometia a honra da rainha — o que poria em causa a segurança interna do país —, ou então o inglês despia a sua identidade anterior e se assumia finalmente como o único rei da Ruritânia e único destinatário da carta. Como que em resposta a este dilema, já o inglês havia deixado claro nas linhas conclusivas de *The Prisoner* que fôra não sem alguma dificuldade que, após resolvida a intriga, teve de retornar à sua primeira identidade. “The ordinary ambitions and aims of men in my position”, confessaria desapontado, “seem to me dull and unattractive.”<sup>361</sup> Além disso, todos os que com ele lidaram mais de perto são unânimes em considerá-lo o verdadeiro rei. Fritz von Tarlenheim, o narrador da segunda narrativa, chega a considerar que “by the violence and bloodshed we had

---

<sup>358</sup> A. Hope, 1984 (1894): 25.

<sup>359</sup> Idem: 72.

<sup>360</sup> Idem: 127.

<sup>361</sup> Idem: 135.

passed through, Fate, for once penitent, was but righting the mistake made when Rudolf was not born a King.”<sup>362</sup> A cremação do corpo do rei abria o caminho ao processo de transmutação das identidades (passando este a assumir a identidade de Rudolf Rassendyll), mas ainda assim o inglês insistia em reflectir no passo a tomar. O seu assassinato por um dos fiéis de Rupert interrompe bruscamente o *suspense* criado em torno da decisão de Rudolf e precipita, ainda que involuntariamente, a sua fusão com a identidade régia. A sua morte transfigura-o então num ídolo do povo ruritano, venerado não como herói inglês, mas sim enquanto legítimo monarca alemão.

Se é só na alteridade que o inglês se realiza como herói e como homem político, e só nessa condição chega a conhecer-se a si próprio — em particular a sua sede de poder —, então isso significa que ele existe apenas enquanto desejo de ser o «outro» e, implicitamente, enquanto ânsia de não ser o que é.

---

<sup>362</sup> A. Hope, 1944 (1898): 197.

## Conclusão

### Os guardiões do templo

*E houve vozes, e trovões, e  
relâmpagos, como nunca tinha  
havido desde que há homens sobre  
a  
terra...*

Apocalipse, 16.18.

Da inevitabilidade da guerra (que, aliás, se esperava ser breve) muitos pareciam convictos ainda antes da crise que a haveria de desencadear. Numa reunião entre Guilherme II e os seus generais em finais de 1912, von Moltke, Chefe do Estado-Maior, mostrava-se convencido de que a guerra era um evento inelutável<sup>363</sup>. Dir-se-ia, aliás, como insinua Edward Grey, que a face do poder alemão que parecia mais propensa para o conflito não era outra senão a militar<sup>364</sup>. Todavia, não eram apenas os generais alemães que se encontravam predispostos a enfrentar um conflito envolvendo outras potências europeias.

Também a sociedade britânica parecia embalada por uma onda incontida de militarismo. As manifestações de apoio à construção de mais e melhores vasos de guerra para a manutenção da supremacia naval, os apelos à formação em armas dos jovens, a emergência de ligas de pendor militarista, os debates públicos em torno da conscrição, a inauguração dos serviços de informação e contra-informação militares, a elaboração de listas de estrangeiros, a criação da Força Expedicionária, etc., etc. - tudo isto é reflexo de uma crescente atmosfera de tensão cuja *nemesis* só se consumaria no Verão de 1914.

Alguns trabalhistas e liberais ainda ergueriam então as suas vozes em protesto, tentando apelar à neutralidade do país. Seriam, porém, rapidamente abafados pelo apoio maioritário às posições defendidas por Edward Grey. Ministros como John Morley, Charles Trevelyan e John Burns demitir-se-iam pouco tempo depois, revelando coerência com o assumido ainda em Julho,

---

<sup>363</sup> V. S. Lee, 1994: 268.

<sup>364</sup> V. E. Grey, 1925: ii 26-27.

quando revelaram forte oposição às intenções do Secretário do *Foreign Office* de cumprir, caso a situação se agudizasse, as obrigações da Entente de 1904<sup>365</sup>.

No meio de tal fervor militarista, nem alguns dos mais brilhantes intelectuais foram poupados. Bertrand Russell, por exemplo, cujo sentido moral o opunha a todas as formas de conflito armado, seria votado ao ostracismo pelo seu envolvimento activo nos movimentos pacifistas; o Trinity College chegaria inclusivamente ao ponto de o afastar da actividade docente em 1916, o movimento de contestação ao envolvimento da Grã-Bretanha parecia, assim, condenado logo à nascença. Os arautos da guerra já haviam invocado o espírito marcial e a sociedade mergulhava num frenezim belígero. A reacção entusiástica das massas em 4 de Agosto de 1914 - data que ficou registada como a da entrada do país na guerra - é bem um fenómeno mórbido que integra uma sintomatologia de belicosidade generalizada cujas causas poderiam residir, em parte, na exposição de alguns estratos da sociedade britânica aos subgéneros literários que aqui foram alvo de estudo, uma escrita ficcional, que não se arroga de possuir outro mérito senão o da reiteração de uma mensagem política que importa sedimentar, aliada a uma leitura acrítica, cega às contradições do discurso, pode condicionar ideológica e materialmente, em determinadas circunstâncias históricas, as respostas de certos grupos sociais a uma situação de crise. Se as narrativas de Childers e Le Queux tiveram tão forte impacte junto da opinião pública a ponto de abalarem as próprias chefias políticas e militares, chegando mesmo a obrigá-las a uma reflexão profunda das liúas mestras da política de defesa, então é possível daí inferir que o discurso, ainda que ficcional, não só deixa transparecer as relações de poder instituídas, como também as consolida ou transforma.

\* \* \*

Reza a lenda que, depois de as sabinas terem sido raptadas por Rómulo e os seus companheiros, Roma foi assaltada, em retaliação, pelos homens da sua tribo. Dali poderiam ter saído vitoriosos, não tivesse sido a pronta intervenção de Jano, o deus protector da cidade, que, ao fazer brotar uma fonte

---

<sup>365</sup> V. R. Pope, 1991: 20.

de água quente diante dos invasores, os aterrorizou a ponto de, logo nesse instante, baterem em retirada. O templo dedicado à divindade permaneceria, desde então, fechado em tempo de paz. Só quando a cidade entrasse em guerra se abririam os seus portões para permitir ao deus nova intervenção.

Não terão sido os escritores das narrativas analisadas os guardiões modernos do templo? Não abriram eles os portões ao espírito protector para que este lhes acudisse na guerra que se avizinhava? Não avisaram eles os restantes cidadãos - eles próprios cúmplices da sede de poder dos seus dirigentes - de que os tempos eram de arnas e não de paz?

**BIBLIOGRAFIA ACTIVA**

- BUCHAN, J., 1993 (1915), *The Thirty-nine Steps*, Ware, Wordsworth Editions.
- CHILDERS, R. E., 1903, *The Riddle of the Sands: A Record of Secret Service Recently Achieved*, London, Smith Elder.
- , 1976 (1903), *The Riddle of the Sands: A Record of Secret Service*, with Historical Postscript by R.M. Bowler, Old Bosham, Bowker & Bertram.
- HOPE, A., 1984 (1894), *The Prisoner of Zenda*, introduction by Geoffrey Household, London, J.M. Dent & Sons.
- , 1944 (1898), *Rupert von Hentzau*, Bristol, Arrowsmith.
- LE QUEUX, W., 1906, *The Invasion of England with a Full Account of the Siege of London*, London, Eveleigh Nash.
- , 1910 (1906), *The Invasion of England*, [ed. reduzida], London, George Newnes.
- , 1917 (1906), *The Invasion*, [ed. reduzida], London, George Newnes.
- SAKI, 1914 (1913), *When William Came: A Story of London under the Hohenzollerns*, London, John Lane.
- , *When William Came* (1913), in *England Invaded*, editado por M. Moorcock, 1977.
- WELLS, H. G., 1941 (1908), *The War in the Air, and How Particularly Mr Bert Smallways Fared While It Lasted*, Harmondsworth, Penguin.

**BIBLIOGRAFIA PASSIVA**

- ABRAMS, L., 1995, *Bismark and the German Empire, 1871-1918*, London, Routledge.
- ADAMS, R. J. Q. e P. P. Poirier, 1987, *The Conscription Controversy in Great Britain, 1900-1918*, Basingstoke, Macmillan.
- AGNEW, J., «Representing Space: Space, Scale and Culture in Social Science», in *Place / Culture / Representation* editado por J. Duncan e D. Ley, 1993, 251-271.
- AGNEW, J. e S. Corbridge, 1995, *Mastering Space: Hegemony, Territory, and Political Economy*, London, Routledge.

- ALDCROFT, D. H. e S. P. Ville (eds.), 1994, *The European Economy, 1750-1914: a Thematic Approach*, Manchester, Manchester University Press.
- ALTHUSSER, L., 1984 (1971), *Essays on Ideology*, London, Verso.
- , «Selected Texts», in *Ideology*, editado por T. Eagleton, 1994.
- ANDERSON, M. S., 1993, *The Rise of Modern Diplomacy, 1450-1919*, Harlow, Longman.
- ANDREW, C., 1986 (1985), *Secret Service: The Making of the British Intelligence Community*, London, Sceptre.
- ANDREW, C. e J. Noakes, 1987, *Intelligence and International Relations, 1900-1945*, Exeter, University of Exeter Press.
- ANON., «England and Germany», *The Nation*, 12 de Setembro de 1908.
- ANON., «From Panic to Reason», *The Nation*, 27 de Março de 1909.
- ANON., «The Psychology of a Scare», *The Nation*, 27 de Março de 1909.
- ANON., «Mr Blatchford's Mission», *Spectator*, 23 de Dezembro de 1909.
- ANON., 1910, *England - Appendix: National Defence, The Invasion of England*, London, David Nutt.
- ARNOLD, D., 1973 (1966), *Britain, Europe and the World, 1871-1971*, London, Edward Arnold.
- ATKINS, J., 1984, *The British Spy Novel: Styles in Treachery*, London, John Calder.
- BALIBAR, É. e P. Macherey, «On Literature as an Ideological Form» (1973), in *Contemporary Marxist Literary Criticism*, editado por F. Mulhern, 1992, 34-54.
- BALL, J. (ed.), 1976, *The Mystery Story*, San Diego, University of California.
- BARKER, E., 1950 (1915), *Political Thought in England, 1848 to 1914*, London, Oxford University Press.
- BARTLETT, C. J., 1981, *The Global Conflict: The International Rivalry of the Great Powers, 1880-1990*, Harlow, Longman.
- BAUMGART, W., 1982, *Imperialism: the Idea and Reality of British and French Colonial Expansion, 1880-1914*, Oxford, Oxford University Press.
- BELSEY, C., «Literature, History, Politics» (1983), in *Modern Criticism and Theory: a Reader*, editado por D. Lodge, 1988, 399-410.

- BENNET, T., «Marxism and Popular Fiction» (1981), in *Contemporary Marxist Literary Criticism*, editado por F. Mulhern, 1992, 188-210.
- , (ed.), 1990, *Popular Fiction: Technology, Ideology, Production, Reading*, London, Routledge.
- BERGHAHN, V. R., 1973, *Germany and the Approach of War in 1914*, London, Macmillan.
- BERNSTEIN, E., 1911, *Die englische Gefahr und das deutsche Volk*, Berlin, Buchhandlung Vorwärts - Paul Singer.
- BLANCH, M., «Imperialism, Nationalism and Organized Youth», in *Working Class Culture: Essays in History and Theory*, 1979.
- BLATCHFORD, R., «Germany and England», *Daily Mail*, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23 e 24 de Dezembro de, 1909.
- BOMMES, M. e P. Wright, «‘Charms of Residence’: the Public and the Past», in *Making Histories: Studies in History-writing and Politics*, 1982, 253-301.
- BOND, B. e I. Roy, 1975, *War and Society: A Yearbook of Military History*, London, Croom Helm.
- BOVÉ, P. A., «Discourse», in *Critical Terms for Literary Study*, editado por F. Lentricchia e T. McLaughlin, 1990, 50-65.
- BOWLE, J., 1977 (1974), *The Imperial Achievement: The Rise and Transformation of the British Empire*, Harmondsworth, Penguin.
- BOYLE, A., 1977, *The Riddle of Erskine Childers*, London, Hutchinson.
- BRANDENBURG, E., 1938, *From Bismark to the World War: A History of German Foreign Policy, 1870-1914*, London, Oxford University Press.
- BRANTLINGER, P., 1988, *Rule of Darkness: British Literature and Imperialism, 1839-1914*, Ithaca and London, Cornell University Press.
- BREUILLY, J., 1992, *The State of Germany: The National Idea in the Making, Unmaking and Remaking of a Modern Nation-State*, Harlow, Longman.
- BRIDGE, R. e R. Bullen, 1980, *The Great Powers and the European States System, 1815-1914*, Harlow, Longman.
- BROOKS, D., 1995, *The Age of Upheaval: Edwardian Politics, 1899-1914*, Manchester, Manchester University Press.
- CAIN, P. J. e A. G. Hopkins, 1993, *British Imperialism: Innovation and Expansion, 1688-1914*, Harlow, Longman.

- CANETTI, E., 1973 (1960), *Crowds and Power*, Harmondsworth, Penguin.
- CARDWEL, D. S. L., 1972 (1957), *The Organisation of Science in England*, London, Heinemann Educational Books.
- CARLYLE, T., 1872 (1841), *On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History*, London, Chapman and Hall.
- CAWELTI, J. G., 1976, *Adventure, Mystery and Romance: Formula Stories as Art and Popular Culture*, Chicago, The University of Chicago Press.
- CECIL, L., 1976, *The German Diplomatic Service, 1871-1914*, Princeton, Princeton University Press.
- CENTRE for Contemporary Cultural Studies, 1979, *Working Class Culture: Essays in History and Theory*, London, Hutchinson.
- CHAMBERLAIN, M., 1988, «*Pax Britannica?*» *British Foreign Policy, 1789-1914*, Harlow, Longman.
- CHURCH, R., «Enterprise and Management», in *The European Economy, 1750-1914: a Thematic Approach*, editado por D. H. Aldcroft e S. P. Ville, 1994, 110-155.
- CHURCHILL, W., 1960 (1923), *The World Crisis, 1911-1918*, London, Landsborough Publications.
- CLARKE, I. F., 1992 (1966), *Voices Prophesying War: Future Wars, 1763-3749*, Oxford, Oxford University Press.
- COTTRELL, P. L., «Investment and Finance», in *The European Economy, 1750-1914: a Thematic Approach*, editado por D. H. Aldcroft e S. P. Ville, 1994, 250-283.
- CRAMB, J. A., 1915 (1900), *The Origins and Destiny of Imperial Britain*, London, John Murray.
- , 1915, *Germany and England*, London, John Murray.
- CRONIN, J., 1991, *The Politics of State Expansion: War, State and Society in Twentieth Century Britain*, London, Routledge.
- DAILY Mail*.
- DALE, P. A., *The Victorian Critic and the Idea of History: Carlyle, Arnold, Pater*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press.
- DAMALS: das aktuelle Geschichtsmagazin*.
- DAMALS: das Geschichtsmagazin*.

- DAVIN, A., «Imperialism and Motherhood», *History Workshop: A Journal of Socialist Historians*, nº 5, Primavera de 1978, 16-26.
- DAWSON, G., 1994, *Sodier Heroes: British Adventure, Empire and the Imagining of Masculinities*, London, Routledge.
- DEACON, R., 1969, *A History of the British Secret Service*, London, Muller.
- DENNING, M., 1987, *Cover Stories: Narrative and Ideology in the British Spy Thriller*, London, Routledge & Kegan Paul.
- DILKS, D. (ed.), 1981, *Retreat from Power: Studies in Britain's Foreign Policy of the Twentieth Century*, London, Macmillan.
- DOOB, L. W., 1966 (1948), *Public Opinion and Propaganda*, Hamden, Archon Books.
- DRIJARD, A., 1983 (1972), *Alemanha: Panorama Histórico e Cultural*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- DUNCAN, J. e D. Ley (eds.), 1993, *Place / Culture / Representation*, London, Routledge.
- EAGLETON, T., 1978 (1976), *Criticism and Ideology: A Study in Marxist Literary Theory*, London, Verso.
- , 1991, *Ideology: an Introduction*, London, Verso.
- , (ed.), 1994, *Ideology*, Harlow, Longman.
- EBY, C. D., 1987, *The Road to Armageddon, 1870-1914*, London, Duke University Press.
- EÇA DE QUEIROZ, J. M., s. d. (1877-1882), *Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres*, Lisboa, Livros do Brasil.
- ECO, U., 1991 (1964), *Apocalípticos e Integrados*, Lisboa, Difel.
- , «Casablanca: Cult Movies and Intertextual Collage» (1984), in *Modern Criticism and Theory: a Reader*, editado por D. Lodge, 1988, 445-455.
- ECONOMIC History Review*.
- EDES, M. E. e D. Frasier (eds.), 1955, *The Age of Extravagance: An Edwardian Reader*, com introdução de J. Laver, London, Weidenfeld and Nicolson.
- ELEY, G., 1986, *From Unification to Nazism*, London, Allen & Unwin.
- EVANS, R. J.(ed.), 1987, *Re-thinking German History*, London, Allen & Unwin.

- FESSER, G., «'Ihr Engländer seid verrückt wie Märzhasen.' Kaiser Wilhelm II und die Daily Telegraph-Affäre 1908», *Damals: das Geschichtsmagazin*, n° 6, 1991, 517-532.
- FEUCHTWANGER, E. J., 1985, *Democracy and Empire: Britain, 1865-1914*, London, Edward Arnold.
- FIELD, H. J., 1982, *Toward a Programme of Imperial British Life: The British Empire at the Turn of the Century*, Westport, Greenwood.
- FISCHER, F., 1967, *Germany's Aims in the First World War*, London, Chatto & Windus.
- , 1974, *World Power or Decline: the Controversy over «Germany's Aims in the First World War»*, London, Weidenfeld and Farrar.
- , 1975, *War of Illusions*, London, Chatto & Windus.
- FISH, S., 1980, *Is There a Text in this Class? The Authority of Interpretive Communities*, London, Harvard University Press.
- FLOUD, R. e McCloskey (eds.), 1994 (1981), *The Economic History of Britain since 1700*, vol. 2: 1860-1939, Cambridge, Cambridge University Press.
- FOREMAN-PECK, J., «Foreign Trade and Economic Growth», in *The European Economy, 1750-1914: a Thematic Approach*, editado por D. H. Aldcroft e S. P. Ville, 1994, 216-249.
- FOUCAULT, M., 1980 (1972), *Power / Knowledge: Selected Interviews and Other Writings, 1972-1977*, editado por C. Gordon, Brighton, Harvester.
- , 1977, *Language, Counter-Memory, Practice: Selected Essays and Interviews*, Ithaca, Cornell University Press.
- , 1988, *Politics, Philosophy, Culture: Interviews and Other Writings, 1977-1984*, editado por, L. D. Kritzman, London, Routledge.
- FRENCH, D., «Spy Fever in Britain, 1900-1915», *The Historical Journal*, 21, 2, 1978, 355-370.
- , 1990, *The British Way in Warfare, 1688-2000*, London, Routledge.
- FREUD, S., «Creative Writers and Day-dreaming» (1908), in *20th Century Literary Criticism*, editado por D. Lodge, 1971, 35-42.
- FRIEDBERG, A. L., 1988, *The Weary Titan: Britain and the Experience of Relative Decline, 1895-1905*, Princeton, Princeton University Press.
- FRÖHLICH, M., 1994, *Imperialismus: Deutsche Kolonial- und Weltpolitik, 1880-1914*, München, Deutscher Taschenbuch Verlag.

- FROUDE, J. A., 1886, *Oceana, or England and her Colonies*, London, Longmans, Green and Co..
- FRYE, N., 1957, *The Anatomy of Criticism*, Princeton, Princeton University Press.
- GALLAGHER, J. e R. Robinson, «The Imperialism of Free Trade», *Economic History Review*, 2ª ser., 1953, 6:1.
- GEISS, I., 1976, *German Foreign Policy, 1871-1914*, London, Routledge & Kegan Paul.
- GEOGRAPHICAL Journal*.
- GERARD, J. W., 1917, *My Four Years in Germany*, London, Hodder and Stoughton.
- GILBERT, M., «The Spy in Fact and Fiction», in *The Mystery Story*, editado por J. Ball, 1976.
- GOLDMANN, Lucien, «O Estruturalismo Genético em Sociologia da Literatura», in *Literatura e Sociedade: Problemas em Sociologia da Literatura*, 1978 (1967), 275-300.
- GOOCH, J., «Attitudes to War in Late Victorian and Edwardian England», in *War and Society: A Yearbook of Military History*, editado por B. Bond e I. Roy, 1975, 88-102.
- GREEN, M., 1980, *Dreams of Adventure, Deeds of Empire*, London, Routledge & Kegan Paul.
- GREENE, G., 1966, *The Lost Childhood*, Harmondsworth, Penguin.
- GREY, E., 1925, *Twenty-five Years, 1892-1916*, 2 vols., London, Hodder and Stoughton.
- GROUPE D'ENTREVERNES, 1979, *Analyse Sémiotique des Textes: Introduction, Théorie-Pratique*, Lyon, Presses universitaires de Lyon.
- HAHN, H. J., 1995, *German Thought and Culture*, Manchester, Manchester University Press.
- HAIGHT, G. S. (ed.), 1976 (1972), *The Portable Victorian Reader*, Harmondsworth, Penguin.
- HALL, A. R. (ed.), 1968, *The Export of Capital from Britain, 1870-1914*, London, Methuen.
- HAMILTON, K. e R. Langhorne, 1994, *The Practice of Diplomacy: Its Evolution, Theory and Administration*, London, Routledge.

- HAMPTON, C., 1990, *Ideology and the Text*, Buchingham, Open University Press.
- HARPER, R., 1974 (1969), *The World of the Thriller*, Baltimore, The John Hopkins University Press.
- HASTE, C., 1977, *Keep the Home Fires Burning: Propaganda in the First World War*, London, Allen Lane.
- HASWELL, J., 1977, *Spies and Spymasters: A Concise History of Inteligence*, London, Thames and Hudson.
- HAWTHORNE, J., 1992, *A Concise Glossary of Contemporary Literary Theory*, London, Edward Arnold.
- HAYES, P. (ed.), 1992, *Themes in Modern European History, 1890-1945*, London, Routledge.
- HEATH, J. M., «Britain's Peril», *The Morning Post*, 6 de Maio de 1907.
- HEGEL, G. W. F., 1979 (1833), *A Sociedade Civil Burguesa*, Lisboa, Editorial Estampa.
- HERWIG, H., «Industry, Empire and the First World War», in *Modern Germany Reconsidered, 1870-1945*, editado por G. Martel, 1992.
- HILDEBRAND, K., 1989, *German Foreign Policy from Bismark to Adenauer: The Limit of Statecraft*, London, Routledge.
- HILEY, N. P., «The Failure of British Espionage against Germany, 1907-1914», *The Historical Journal*, vol. 26, nº 4, 1983, 867-889.
- , «The Failure of British Counter-espionage against Germany, 1907-1914», *The Historical Journal*, vol. 28, nº 4, 1985, 835-862.
- HINSLEY, F. H. (ed.), 1977, *British Foreign Policy under Sir Edward Grey*, Cambridge, Cambridge University Press.
- HIRST, P., 1979 (1976), *On Law and Ideology*, London, Macmillan.
- HISTORICAL Journal*.
- HISTORY Workshop: a Journal of Socialist Historians*.
- HITLER, A., 1976 (1926), *A Minha Luta*, Lisboa, Fernando Ribeiro de Mello / Edições Afrodite.
- HOBSON, J. A., 1901, *The Psychology of Jingoism*, London, Grant Richards.
- , 1938 (1902), *Imperialism: A Study*, London, George Allen & Unwin.
- HOUGHTON, W. E., 1975 (1957), *The Victorian Frame of Mind*, New Haven, Yale University Press.

- HUDSON, D., «Reading», in *Edwardian England, 1901-1914*, editado por S. Nowel-Smith, 1964.
- HUXLEY, T. H., «A Liberal Education», in *The Portable Victorian Reader*, editado por G. S. Haight, 1976 (1972), 470-479.
- HYNES, S., 1968, *The Edwardian Turn of Mind*, Princeton, Princeton University Press.
- JACKSON, L., 1994, *The Dematerialisation of Karl Marx: Literature and Marxist Theory*, Harlow, Longman.
- JAMESON, F., 1989 (1981), *The Political Unconscious: Narrative as a Socially Symbolic Act*, Ithaca, Cornell University Press.
- JOHNSON, J., 1994, *Twentieth-Century Britain: Economic, Social and Cultural Change*, Harlow, Longman.
- JOHNSON, R. et. al., 1982, *Making Histories: Studies in History-writing and Politics*, London, Hutchinson.
- JOLL, J., 1992, *The Origins of the First World War*, Harlow, Longman.
- JOURNAL of Contemporary History*.
- JOURNAL of Modern History*.
- KAISER, D. E., «Germany and the Origins of the First World War», *Journal of Modern History*, vol. 55, Setembro de 1983.
- KAVANAGH, J. H., «Ideology», in *Critical Terms for Literary Study*, editado por F. Lentricchia e T. McLaughlin, 1990, 306-320.
- KENNEDY, P. M., 1991 (1976), *The Rise and Fall of the British Naval Mastery*, London, Fontana-HarperCollins.
- , 1980, *The Rise of the Anglo-German Antagonism, 1860-1914*, London, Allen & Unwin.
- , «Riddle of the Sands», *The Times*, 3 de Janeiro de 1981.
- , 1985 (1981), *The Realities behind Diplomacy: Background Influences on British External Policy, 1865-1980*, London and Glasgow, Fontana Press.
- , 1989 (1982), *The Rise and Fall of the Great Powers*, London, Fontana-HarperCollins.
- , 1989 (1983), *Strategy and Diplomacy, 1870-1945*, London and Glasgow, Fontana Press.

- KENNEDY, W.P., 1987, *Industrial Structure: Capital Markets and the Origins of British Economic Decline, 1870-1914*, Cambridge, Cambridge University Press.
- KENWOOD, A. e A.Lougheed, 1992 (1971), *The Growth of the International Economy, 1820-1990: An Introductory Text*, London, Routledge.
- KENYON, J. P., 1994 (1981), *Dictionary of British History*, Ware, Wordsworth.
- KERMODE, F., 1983, *Essays on Fiction, 1971-82*, London, Routledge & Kegan Paul.
- KIERNAN, V. G., 1972 (1969), *The Lords of Human Kind: European Attitudes to the Outside World in the Imperial Age*, Harmondsworth, Penguin.
- , 1995, *Imperialism and its Contradictions*, editado por Harvey J. Kaye, London, Routledge.
- KOSS, S., 1984, *The Rise and Fall of the Political Press in Britain*, vol. 2: *The Twentieth Century*, London, Hamish Hamilton.
- LACAN, J., «The Insistence of the Letter in the Unconscious» (1966), in *Modern Criticism and Theory: a Reader*, editado por D. Lodge, 1988, 79-106.
- , 1994 (1973), *The Four Fundamental Concepts of Psycho-analysis*, editado por J.-A. Miller e introduzido por D. Macey, Harmondsworth, Penguin.
- LAMBI, I. N., 1984, *The Navy and the German Power Politics*, London, Allen & Unwin.
- LANGER, W. L., 1935, *The Diplomacy of Imperialism*, Cambridge, Mass., Miscellaneous Institutions and Societies, Harvard University, Bureau of International Research.
- LANGHORNE, R., 1981, *The Collapse of the Concert of Europe: International Politics, 1859-1914*, London, Macmillan.
- LANGGUTH, A. J., 1982, *Saki: A Life of Hector Hugh Munro*, Oxford, Oxford University Press.
- LARRAIN, J., 1979, *The Concept of Ideology*, Athens, University of Georgia Press.
- LEE, A. J., 1976, *The Origins of the Popular Press in England, 1855-1914*, London, Croom Helm.

- LEE, S. J., 1994, *Aspects of British Political History, 1815-1914*, London, Routledge.
- LEFEBVRE, H. e D. Nicholson-Smith, 1991, *The Production of Space*, Oxford, Blackwell.
- LENTRICCHIA, F. e T. McLaughlin (eds.), 1990, *Critical Terms for Literary Study*, Chicago, Chicago University Press.
- LESTER, J., 1968, *Journey Through Despair, 1880-1914: Transformation in British Literary Culture*, Princeton, Princeton University Press.
- LEWIS, M. A., 1965, *The Navy in Transition*, London, Hodder & Stoughton.
- LODGE, D. (ed.), 1972, *20th Century Literary Criticism*, Harlow, Longman.
- , (ed.), 1988, *Modern Criticism and Theory: a Reader*, Harlow, Longman.
- LOUGHEED, A., «Industry and Technical Change», in *The European Economy, 1750-1914: a Thematic Approach*, editado por D. H. Aldcroft e S. P. Ville, 1994, 156-183.
- LOURENÇO, E., 1994, *O Canto do Signo: Existência e Literatura*, Lisboa, Editorial Presença.
- LOWE, J., 1994, *The Great Powers, Imperialism and the German Problem, 1865-1925*, London, Routledge.
- MACHIAVELLI, N., 1927 (1513), *Il Principe*, Torino, Unione Tipografico-Editrice Torinese.
- MACDONNALD, R. H., 1994, *The Language of Empire: Myths and Metaphors of Popular Imperialism*, Manchester, Manchester University Press.
- MACKENZIE, J. M., 1984, *Propaganda and Empire: The Manipulation of British Public Opinion, 1880-1960*, Manchester, Manchester University Press.
- , 1986, *Imperialism and Popular Culture*, Manchester, Manchester University Press.
- (ed.), 1992, *Popular Imperialism and the Military, 1850-1950*, Manchester, Manchester University Press.
- MACKINDER, H. J., «The Geographical Pivot of History», *Geographical Journal*, nº 13, 1904, 421-437.
- MARCUSE, L., s. d., *Freud e a Psicanálise*, Lisboa, Livros do Brasil.

- MARDER, A. J., 1961, *From the Dreadnought to Scapa Flow*, vol.1: *The Road to War, 1904-1914*, London, Oxford University Press.
- MARTEL, G. (ed.), 1992, *Modern Germany Reconsidered, 1870-1945*, London, Routledge.
- MARX, K. e F. Engels, «Selected Texts», in *Ideology*, editado por T. Eagleton, 1994, 23-30.
- MASON, P., 1982, *The English Gentleman: The Rise and Fall of an Ideal*, London, André Deutsch.
- MASSIE, R. K., 1993 (1991), *Dreadnought: Britain, Germany and the Coming of the Great War*, London, Pimlico.
- MASTERMAN, C. F. G., «What the Age Looks Like», *The Nation*, 26 de Dezembro de 1908.
- MATHIAS, P., 1983 (1969), *The First Industrial Nation: An Economic History of Britain*, London, Methuen.
- MAY, E. R. (ed.), 1984, *Knowing One's Enemies: Intelligence Assessment before the Two World Wars*, Princeton, Princeton University Press.
- MCCORMICK, D., 1979 (1977), *Who's Who in Spy Fiction: The A-Z of Espionage Thriller and their Creators*, London, Sphere Books.
- MERRY, B., 1977, *Anatomy of the Spy Thriller*, Dublin, Gill and Macmillan.
- MILL, J. S., 1929 (1859), *On Liberty*, com introdução de W. B. Columbine, London, Watts.
- MOMMSEN, W., 1990, *Der autoritäre Nationalstaat: Verfassung, Gesellschaft und Kultur im deutschen Kaiserreich*, Frankfurt a. M., Fischer Taschenbuch Verlag.
- MOORCOCK, M. (ed.), 1977, *England Invaded*, London, W. H. Allen.
- MORGAN, M. C., 1973, *Foreign Affairs, 1886-1914*, London, Collins.
- MORRIS, A. J. A., 1984, *The Scaremongers: The Advocacy of War and Rearmament, 1896-1914*, London, Routledge & Kegan Paul.
- MORRIS, J., 1968, *Pax Britannica: The Climax of an Empire*, London, Faber and Faber.
- , 1973, *Heaven's Command: An Imperial Progress*, London, Faber and Faber.
- , 1978, *Farewell to the Trumpets: An Imperial Retreat*, London, Faber and Faber.

- MUDDERSNOOK, B., «When the New Zealander Comes» (1911), in *England Invaded*, editado por M. Moorcock, 1977.
- MULHERN, F. (ed.), 1992, *Contemporary Marxist Literary Criticism*, Harlow, Longman.
- MUNRO, J., «Is the End of the World Near? A Question and an Answer» (1911), in *England Invaded*, editado por M. Moorcock, 1977.
- NASH, W., 1990, *Language in Popular Fiction*, London, Routledge.
- NATION
- NEWMAN, J. H., «A Definition of a Gentleman», in *The Portable Victorian Reader*, editado por G. S. Haight, 1976 (1972), 464-468.
- NICOLSON, H., «The Edwardian Weekend», in *The Age of Extravagance: An Edwardian Reader*, editado por M. E. Edes e D. Frasier, 1955, 247-53.
- NIETZSCHE, F., 1995 (1891), *Assim Falava Zaratustra*, s.l., Editores Reunidos.
- NOWELL-SMITH, S. (ed.), 1964, *Edwardian England*, London, Oxford University Press.
- OLIVER, F. S., 1915, *Ordeal by Battle*, London, Macmillan.
- OPPENHEIM, P., 1905, *A Maker of History*, London, Ward Lock.
- OSTER, U. A., «Wilhelm II. und England», *Damals: das aktuelle Geschichtsmagazin*, nº 1, Janeiro de 1994, 20-26.
- PAKENHAM, T., 1992 (1991), *The Scramble for Africa, 1876-1912*, London, Abacus.
- PATTERSON, L., «Literary History», in *Critical Terms for Literary Study*, editado por F. Lentricchia e T. McLaughlin, 1990, 250-262.
- PEARCE, M. e G. Steward, 1992, *British Political History, 1867-1990: Democracy and Decline*, London and New York, Routledge.
- PETTMAN, R., 1991, *International Politics: Balance of Power / Balance of Productivity / Balance of Ideologies*, Melbourne, Longman Cheshire.
- PLATT, D. C. M., 1968, *Finance, Trade and Politics in British Foreign Policy, 1815-1914*, London, Clarendon.
- PLAYNE, C., 1928, *The Pre-War Mind in Britain: an Historical Review*, London, George Allen & Unwin.
- POLLARD, S., 1989, *Britain's Prime and Britain's Decline: The British Economy, 1870-1914*, London, Edward Arnold.
- POPE, R., 1991, *War and Society in Britain, 1899-1948*, Harlow, Longman.

- POPPER, K., 1962 (1945), *The Open Society and its Enemies*, London, Routledge & Kegan Paul.
- PORTER, B., 1984 (1975), *The Lion's Share*, Harlow, Longman.
- , 1992 (1989), *Plots and Paranoia: A History of Political Espionage in Britain, 1790-1988*, London, Routledge.
- PORTER, I. e I. Armour, 1991, *Imperial Germany, 1890-1918*, Harlow, Longman.
- READ, D., 1994, *The Age of Urban Democracy: England, 1868-1914*, Harlow, Longman.
- RETALLAC, J., «Wilhelmine Germany», in *Modern Germany Reconsidered, 1870-1945*, editado por G. Martel, 1992.
- REYNOLDS, D., 1991, *Britannia Overruled: British Policy and World Power in the Twentieth Century*, Harlow, Longman.
- RICOEUR, P., s. d., *Do texto à Acção: Ensaio de Hermenêutica*, Porto, Rés-Editora.
- , «Indivíduo e Identidade Pessoal», in *Indivíduo e Poder*, 1988, 65-85.
- ROBBINS, K., 1983, *The Eclipse of a Great Power: Modern Britain, 1870-1975*, Harlow, Longman.
- ROBERTS, J. M., 1989, *Europe, 1880-1945*, Harlow, Longman.
- ROSE, J. H., 1914, *The Origins of the War*, Cambridge, Cambridge University Press.
- RUBINSTEIN, W., 1994, *Capitalism, Culture and Decline in Britain, 1750-1990*, London, Routledge.
- RUSSELL, B., 1995 (1938), *Power: a New Social Analysis*, com introdução de Kirk Willis, London, Routledge.
- SAID, E. W., 1983, *The World, the Text, and the Critic*, Cambridge, Harvard University Press.
- , 1994 (1993), *Culture and Imperialism*, London, Vintage.
- SANGUINETI, E. et. al., 1978, *Literatura e Sociedade: Problemas de Metodologia em Sociologia da Literatura*, Lisboa, Editorial Estampa, 1978.
- SAYERS, R. S., 1967, *A History of Economic Change in England, 1880-1939*, Oxford, Oxford University Press.

- SCHOELLGEN, G.(ed.), 1990, *Escape into War? The Foreign Policy of Imperial Germany*, Oxford, Berg.
- SEAMAN, L., 1964, *From Vienna to Versailles*, London, Routledge.
- , 1973, *Victorian England: Aspects of English and Imperial History, 1837-1901*, London, Methuen.
- SEARLE, G., 1971, *the Quest for National Efficiency*, London, Oxford University Press.
- SEELEY, J. R., 1971, *The Expansion of England*, editado por John Gross, Chicago, University of Chicago Press.
- SEWILL, H., 1911, *A German Invasion and the Real German Peril*, London, P. S: King & Son.
- SHANNON, R., 1974, *The Crisis of Imperialism, 1865-1915*, St. Albans, Paladin.
- SHAW, G. B., 1946 (1898), *Plays Pleasant*, Harmondsworth, Penguin.
- , 1971, *The Bodley Head Bernard Shaw: Collected Plays with their Prefaces*, vol. 2, editado por Dan H. Lawrence, London, Max Reinhardt, The Bodley Head.
- SHEE, G. F., 1910 (1901), *The Briton's First Duty - The Case for Conscription*, London, National Service League.
- SOLLORS, W., «Ethnicity», in *Critical Terms for Literary Study*, editado por F. Lentricchia e T. McLaughlin, 1990, 288-305.
- SOLOMON, S., «Economic Fluctuations», in *The Economic History of Britain since 1700*, vol. 2: 1860-1939, editado por R. Floud e McCloskey, 1994 (1981).
- SOUTHGATE, D.(ed.), 1974, *The Conservative Leadership, 1832-1932*, London, Macmillan.
- SPECTATOR*.
- STAFFORD, D. A. T., «Spies and Gentlemen: The Birth of the British Spy Novel, 1893-1914», *Victorian Studies*, vol., 24, nº 4, Verão de 1981, 489-509.
- STARGARDT, N., 1994, *The German Idea of Militarism: Radical and Socialist Critics, 1866-1914*, Cambridge, Cambridge University Press.
- STEINER, G., 1974 (1971), *In Bluebird's Castle: Some Notes towards the Re-definition of Culture*, London, Faber and Faber.

- STEINER, Z., 1969, *The Foreign Office and Foreign Policy, 1898-1914*, Cambridge, Cambridge University Press.
- SUMIDA, J. T., 1993, *In Defense of Naval Supremacy: Finance, Technology, and British Naval Policy, 1889-1914*, London, Routledge.
- SUMMERS, A., «Militarism in Britain before the Great War», *History Workshop: A Journal of Socialist Historians*, nº 2, Outono de 1976, 104-123.
- SYLLA, R. e G. Toniolo (eds.), 1992, *Patterns of European Industrialization: The Nineteenth Century*, London, Routledge.
- SYMONS, J., 1974, *Bloody Murder: From the Detective Story to the Crime Novel, a History*, Harmondsworth, Penguin.
- TAYLOR, A. J. P., 1945, *The Course of German History: A Survey of the Development of Germany since 1815*, London, Hamish Hamilton.
- TAYLOR, P., 1976, *The Move to Europe: Britain, 1880-1972*, London, Hutchinson.
- TAYLOR, W., Appendix 1 to *Report of the Select Interdepartmental Committee on Physical Deterioration*, Cd 2175, His Majesty's Stationary Office, 1904.
- TEED, P., 1976, *The Move to Europe: Britain, 1880-1972*, London, Hutchinson.
- THE TIMES.
- THOMPSON, J. B., 1990, *Ideology and Modern Culture*, Cambridge, Polity Press.
- THOMPSON, P., 1992 (1975), *The Edwardians: The Remaking of British History*, London, Routledge.
- TODOROV, T., 1977, *The Poetics of Prose*, Oxford, Basil Blackwell.
- TRAINOR, L., 1973, *The Origins of the First World War*, Auckland e London, Heineman.
- TRAVERS, T. H. E., «The Offensive and the Problem of Innovation in British Military Thought, 1870-1915», *Journal of Contemporary History*, nº 13, Julho de 1978.
- , 1990, *The Killing Ground: The British Army, the Western Front and the Emergence of Modern Warfare, 1900-1918*, London, Routledge.
- TREBILCOCK, C., 1982, *The Industrialization of the Continental Powers, 1780-1914*, Harlow, Longman.

- TUCHMAN, B., 1962, *August 1914*, London, Constable.
- TURNER, G., «Representing the Nation», in *Popular Fiction: Technology, Ideology, Production, Reading*, editado por T. Bennet, 1990.
- TURNER, L. C. F., 1970, *Origins of the First World War*, London, Edward Arnold.
- USBORNE, R., 1974 (1953), *Clubland Heroes*, London, Barrie & Jenkins.
- VERNANT, J.-P., « O Indivíduo na Cidade», in *Indivíduo e Poder*, 1988, 25-44.
- VEYNE, P. et. al., 1988, (1987), *Indivíduo e Poder*, Lisboa, Edições 70.
- VICTORIAN *Studies*.
- WALLER, B. (ed.), 1990, *Themes in Modern European History, 1830-1890*, London, Routledge.
- WATSON, A., 1984, *Diplomacy: The Dialogue Between States*, London, Routledge.
- WATSON, G., 1973, *The English Ideology: Studies in the Language of Victorian Politics*, London, Allen Lane.
- WATT, I., «The Political and Social Background of *The Secret Agent*», in *Conrad: The Secret Agent*, editado por I. Watt, 1973.
- , (ed.), 1973, *Conrad: The Secret Agent*, London, Macmillan.
- WELLS, H. G., 1973 (1933), *The Shape of Things to Come: The Ultimate Revolution*, London and New York, White Lion Publishers.
- WILLIAMS, R., 1965 (1961), *The Long Revolution*, Harmondsworth, Penguin.
- , 1977, *Marxism and Literature*, Oxford, Oxford University Press.
- WILSON, K. M., 1985, *The Policy of the Entente: Essays on Determinants of British Foreign Policy, 1904-1914*, Cambridge, Cambridge University Press.
- , (ed.), 1987, *British Foreign Secretaries and Foreign Policy from Crimean War to First World War*, London, Croom Helm.
- WODEHOUSE, P. G., 1979 (1909), *The Swoop! and other Stories*, editado por D. Jansen, New York, The Seabury Press.
- WOOD, A., 1982, *Nineteenth Century Britain, 1815-1914*, Harlow, Longman.
- WOOD, W., 1914, *The Enemy in our Midst: The Story of a German Invasion*, London, John Long.
- WOODWARD, E. L., 1964 (1935), *Great Britain and the German Navy*, London, Cass.